

 HARLEQUIN<sup>®</sup>

HISTÓRICOS

A woman is shown from the chest up, wearing a black lace veil that covers her face and head. Her hands are visible, resting on her chest. The background is dark and textured, possibly a curtain.

A FEITICEIRA  
E O CAVALEIRO



RUTH LANGAN

*Ruth Langan*

## A FEITICEIRA E O CAVALIRO

Tradução  
*Denise Ponte Rosa*



Rio de Janeiro, 2022

**PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS  
S.A.**

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com -  
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE KNIGHT AND THE SEER  
Copyright © 2003 by Ruth Ryan Langan

Diretora editorial:  
Raquel Cozer

Editora:  
Julia Barreto

Editoração eletrônica e conversão para e-book:  
ABREU'S SYSTEM

Adaptação de capa:  
Lucio Pimentel e Wesley Jhonatha

Editora HR Ltda.  
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil  
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Langan, Ruth  
A feiticeira e o cavaleiro [livro eletrônico] / Ruth Langan; tradução Denise Ponte Rosa. – Duque de Caxias,  
RJ: Harlequin, 2022.  
ePub (Históricos; 78)

Tradução de: The knight and the seer  
Formato: epub  
Requisitos do sistema: adobe digital editions  
Modo de acesso: world wide web  
ISBN 978-65-5970-141-4 (recurso eletrônico)

1. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

22-99115

CDD-813

# Prólogo



*Reino Místico — 1552*

— **A**GORA, FIQUE bem aí, Jeremy. — Gwenellen, a caçula de nove anos do clã dos Drummond, empurrou o troll para uma plataforma de pedra e deu alguns passos para trás. Ela parecia uma duende com aqueles cachinhos dourados caindo pelos ombros e aqueles olhinhos cor de mel. — Faça assim com as mãos — instruiu ela, com as palmas para cima. — Assim você vai pegar todas as flores que eu mandar.

Vendo o olhar de descrédito das irmãs mais velhas, Kylia e Allegra, ela bufou.

— Sei o que vocês estão pensando. Só porque cometi uns errinhos antes vocês acham que não consigo fazer esses feitiços funcionarem. Mas desta vez vou conseguir.

— E se não conseguir? — perguntou Allegra, a mais velha das três irmãs, com dez anos. Seus cabelos eram da cor do fogo e os olhos verdes estudavam o troll de cartola e casaca, objeto da experiência da irmã, que parecia estar ali contrafeito. — Coitado do Jeremy! Vai sair voando ou cair aos pedaços dentro de um poço.

— É provável — concordou Kylia, com suas tranças negras e seus olhos violeta. — Ou vai ficar pendurado numa árvore. Tudo por causa dos seus “errinhos”.

Gwenellen ficou vermelha ao ouvir a menção às suas peripécias. Ela era a preocupação e a diversão delas. Apesar de suas falhas, nunca tivera dúvidas de que um dia dominaria as habilidades necessárias para ser uma feiticeira como a mãe, a avó e as irmãs.

Jeremy, o troll, era pequeno, mal chegava aos ombros dela. Ele dizia que vivera no mundo real por mais de cem anos antes de se

instalar no Reino Místico com aquelas mocinhas e sua família. Desde o começo, ele gostara de Gwenellen, que, apesar das imperfeições, era adorável. Apesar de seu forte não ser a paciência, ele se deixava submeter a seus feitiços e talentos, normalmente com resultados desastrosos.

— Ele nunca se machucou! Diga para elas, Jeremy, que você nunca se machucou.

— Até agora, pelo menos. Mas tenha cuidado, minha amiguinha. Desta vez, prefiro flores, nada de espinhos.

— Vou me lembrar disto. — Ela se virou e encarou as irmãs. — Vamos ver quem é que consegue invocar as rosas mais bonitas de todo este reino! — Ela levantou as mãos para o céu, se concentrou e começou a cantar as palavras mágicas. Apesar de tropeçar às vezes, numa palavra desconhecida, foi até o final e bradou triunfante: — Eu ordeno agora, que do seu canteiro florido, venha a mais bela florzinha!

Uma nuvem negra apareceu sobre suas cabeças, seguida de um trovão forte. A mãe de Gwenellen, Nola, e a avó, Wilona, vieram correndo pela campina, com Bessie, a velha encarquilhada que também era parte da família. Todas olharam para cima para ver o que acontecia. A nuvem se abriu e despejou seu conteúdo sobre Jeremy.

No lugar de flores, elas viram um pó branco cobri-lo da cabeça aos pés.

Gwenellen ficou feito estátua enquanto as outras corriam para ajudar Jeremy. Allegra e Kyliia caíram na risada.

— Vocês estão achando graça? — O rosto do pequeno troll ficou tão escuro como a nuvem que agora tinha desaparecido.

— Não estamos zombando de você, Jeremy. — Allegra encostou o dedo no pó e pôs na boca, antes de se jogar na grama, morrendo de rir. — É que, desta vez, Gwenellen quase acertou.

— Quase acertei? — A menina estava à beira das lágrimas. — Como você pode dizer uma coisa destas? Eu queria pétalas de rosa.

— Rosas, não. Florzinha — disse Kyliia, em meio às risadas. — Você invocou “florzinha”. E o que conseguiu foi farinha, grãos de farinha.

As meninas continuaram rindo enquanto Jeremy examinava o estado lastimável da cartola e da casaca, cobertas de farinha.

Gwenellen sentou-se na grama, com o queixo apoiado nos punhos fechados, os olhos embaçados de lágrimas.

Quando as irmãs se afastaram, Wilona se sentou ao lado da neta, e Nola, com as mãos na cintura, ficou ao lado delas.

— Outro “errinho”, querida?

A menina assentiu.

— Estes feitiços são tão fáceis para vocês, vovó! Por que para mim são tão difíceis?

A velha abraçou a neta e beijou sua testa.

— Você só precisa de tempo para descobrir seus dons, Gwenellen.

— É, papai também disse isto.

— Seu pai? — Wilona olhou surpresa para Nola. — Quando foi que ele falou com você?

— Na noite passada. Eu não conseguia dormir por causa daquele errinho de ontem.

Wilona lembrou de Jeremy, coitado, tentando se manter à tona dentro do poço, se esgoelando para ser socorrido depois da última tentativa de Gwenellen.

— Tem certeza de que era seu pai, querida?

Gwenellen assentiu.

— Ele parecia tão alto e bonito, com sua capa escocesa e um belo punhal todo incrustado de gemas na cintura!

Nola ajoelhou-se e pegou no braço da filha.

— De que cor eram as gemas? — perguntou ela, meio aflita.

— Vermelho-escuro, da cor de sangue, mãe. Menos a do meio. Esta era verde, da cor dos olhos de Allegra. E um cacho de cabelo caía na testa dele, bem aqui. — A menina tocou a sobrancelha da avó.

As duas mulheres ficaram paradas. Gwenellen descrevera o pai com perfeição, mesmo sem nunca tê-lo visto, já que ele morrera antes de seu nascimento. Ele era um mortal que desafiara seu clã para se casar com Nola, sabendo que ela possuía poderes que eles desprezavam. Mas eles eram verdadeiras almas gêmeas, e viveram felizes até ele morrer.

— O que seu pai lhe disse, meu amor?

Gwenellen sorriu.

— Ele me disse que eu tinha um dom. Um dom muito especial que ninguém mais tinha no Reino Místico. Disse que não podia ser usado aqui, mas não podia dizer por quê. Mas ele me disse que quando eu deixasse nosso reino e fosse para o mundo dos mortais, seria de grande utilidade. — Ela estranhou o olhar da avó. — O que foi, vó? Alguma coisa errada?

— Não, querida — tranquilizou a velha. — Seu pai está certo. Seu dom é realmente muito especial. E um dia, no mundo dos mortais, você descobrirá sua importância. Agora, vá fazer as pazes com Jeremy.

— Você sabe o que isto significa, não é, minha filha? — perguntou a avó quando a menina saiu correndo.

Nola parecia relutante em admitir até para si mesma.

— Não é à toa que o dom que ela possui não aparece aqui no Reino Místico. Não temos túmulos.

— Mas no outro mundo ela será capaz de conversar com todos os seus entes queridos.

— É um dom muito especial.

A senhora parecia preocupada.

— Também é frequentemente mal-entendido pelos outros.

— Precisamos protegê-la para que ela nunca se desgarre do Reino Místico.

— É impossível protegê-la deste jeito, minha filha. Nosso dever é ajudá-la a encontrar suas forças para que, se ela estiver longe daqui, seja capaz de sobreviver.

O objeto da conversa das duas dançava pela campina à procura de seu companheiro de brincadeiras. Ela precisaria ter muita prática antes de ser considerada uma verdadeira feiticeira como as irmãs. Mas torcia para que isto acontecesse. Tinha apenas que se esforçar um pouco mais.

E encontrar um jeito de manter a simpatia de Jeremy até conseguir.

# Capítulo Um



*Montanhas Místicas da Escócia — 1561*

— **V**ENHA AQUI.

Nola Drummond colocou as mãos sobre sua caçula, Gwenellen, que estava estatelada sobre a urze.

Ver a filha despencar do céu fez o coração de Nola disparar. Porém, não era novidade. Parecia que ela passara a vida se preocupando com aquele espírito livre que sempre se metia em confusão.

— Vamos cuidar dos cortes primeiro. Foi feio este tombo.

— Foi mesmo. — Gwenellen tentou se sentar, mas quando viu o céu girar, ficou sobre as flores perfumadas e se entregou aos dons curativos da mãe.

— Estava em cima do Starlight, cavalcando perto de um monte de nuvens, e numa fração de segundo caiu do céu — disse ela, olhando para o cavalo alado que agora pastava a seu lado.

— Será que isto tudo aconteceu porque você estava apostando corrida com Jeremy?

Gwenellen viu o diminuto troll correndo para alcançar as passadas da avó Wilona.

— Você se machucou, meu amor? Jeremy me disse que você caiu do Starlight em pleno ar.

— Ela estava tentando um novo feitiço que a faria voar! — A voz do troll parecia esganiçada pelo nervosismo. — Já funcionou antes. Gwenellen tinha certeza de que funcionaria de novo.

— Estava certa, é claro. — Havia algo novo no tom de voz de Nola. Seria pavor? Ou desespero? — Você pode ter certeza de uma

coisa: qualquer dia um destes feitiços errados vai lhe causar problemas.

Como sempre, Wilona tentou temporizar.

— Bem, parece que nada de grave aconteceu. Só uns cortes e uns arranhões.

— Viu só, mamãe?

— Você podia ter morrido. Quando é que vai aprender que não pode ficar correndo riscos sem pagar um preço por isto? — Nola se dirigiu ao troll. — Jeremy, você pode tirar a sela do Starlight. Gwenellen vai ficar em terra o resto do dia.

Jeremy deu uma piscadela para a amiga e foi cuidar dos cavalos.

Quando Nola se afastou, Gwenellen se dirigiu à avó.

— Minha mãe ficou furiosa.

— Ela se preocupa com você.

— Ah, vovó. Por que eu só faço besteira?

— Isto se chama “crescer”, querida. — A senhora fez um carinho nos cachos sedosos, agora emaranhados. Que lindos cabelos dourados em contraste com os belos olhos castanho-amarelados... A avó tinha certeza de que Gwenellen não tinha a mínima ideia da beleza estonteante que possuía. Como poderia? Não existiam espelhos ali, com exceção da superfície do Lago Encantado. E não existia ninguém no Reino Místico para rivalizar com aquela beleza.

— Não quero crescer nunca. Olhe para mim. Já tenho 18 anos e ainda não consigo curar ferimentos como Allegra, nem lançar feitiços como Kyliá.

— Você tem seus próprios dons, Gwenellen.

— Que dons? Ah, a senhora quer dizer falar com meu pai. Mas que vantagem existe nisto?

— A vantagem? Vou lhe dizer. Naquele outro mundo...

— Não ligo para o outro mundo. Aqui meus feitiços nunca dão certo. Não posso controlar o clima. Não consigo nem controlar meu cabelo! Nunca vou ser como a senhora ou minha mãe, nem como Allegra ou Kyliá.

— Isto é verdade, querida. Você nunca será como os outros. Será você mesma. É assim que tem que ser. — Ela emoldurou o rosto delicado com as mãos enrugadas. — Ouça, Gwenellen. A vida é

uma jornada. Às vezes, uma grande aventura. Outras vezes, pode ser um tanto desafiante.

— A minha é só desafio — murmurou Gwenellen.

— Não se preocupe. O que parecem ser erros na verdade são lições que precisamos aprender enquanto estamos neste mundo.

— Então, por que parece que tenho muito mais lições a aprender do que minhas irmãs?

Wilona sorriu.

— Não tenho resposta para isto, minha querida. Mas uma coisa eu sei. Você é muito especial para mim. Um dia, provará seu valor, não só para si mesma, mas também para alguém que significará para você mais do que qualquer criatura que já conheceu até agora.

Gwenellen beijou a bochecha da avó.

— Sei que você quer me tranquilizar, vovó, sugerindo que algum dia um homem vai me amar como Merrick MacAndrew ama Allegra e Grant MacCallum ama Kylia. Mas eu não tenho interesse nenhum em estar com um mortal que me levará para sua fortaleza escocesa para que eu cuide de seu castelo enquanto ele parte para a batalha. Prefiro viver aqui no Reino Místico com a senhora, mamãe, Jeremy e Bessie.

— Você diz isto porque ainda não encontrou o homem que seu coração desejará.

— Meu coração não está disponível. — Gwenellen deu um passo para trás, sentindo seu gênio travesso retornar. — Mas eu ficaria muito feliz se os feitiços sempre dessem certo quando eu tentasse.

— Diga um, querida.

Ela pensou por uns instantes.

— Um feitiço que me fizesse voar.

— Que necessidade você tem de voar, tendo Starlight para levá-la em qualquer lugar?

— Starlight pode me levar até o céu e de volta. A senhora e a mamãe podem ir a qualquer lugar. É só pensar.

Wilona riu.

— Querida, levamos uma vida inteira para fazer isto. Tenha paciência. Você vai conseguir. Na verdade, vai conseguir quando menos esperar. Agora, prometi para Bessie que faria uma fornada de biscoitos para acompanhar o cozido que ela preparou.

Ela começou a andar, mas parou e se virou.

— Acho que sua mãe ficaria muito feliz se você e Jeremy trouxessem umas frutas vermelhas para a sobremesa.

Gwenellen assentiu.

— A senhora quer dizer que amenizaria os ânimos.

— Com certeza — concordou Wilona sorrindo.

— Muito bem. Diga para Bessie bater um pouco de nata para acompanhar as frutas.

— AQUI, JEREMY. — Gwenellen deu um balde para o troll e apontou para uns arbustos carregados de frutos róseos. Eles eram doces como cerejas, ácidos como framboesas, sumarentos como morangos, mas sem caroços. Eram uma guloseima especial que só existia no Reino Místico. — Você pega aqueles nos galhos mais baixos e eu pego os do alto.

Depois de alguns minutos de coleta em silêncio, Jeremy se manifestou.

— Você tem certeza de que está bem, Gwenellen?

— Estou bem. Só meu orgulho ficou ferido.

— Você é uma feiticeira tão boa e esperta quanto suas irmãs. É apenas muito ambiciosa. Tem de aceitar os dons que possui e não se preocupar com os outros.

— Agora você está falando como minha avó. — Ela recomeçou a coleta. — Ela diz que eu posso falar com os mortos. Pode ser um dom extraordinário, só que não temos mortos aqui em nosso reino. Vovó diz que preciso continuar tentando descobrir meus dons, porque “um erro é só mais uma lição a ser aprendida”.

— Se fosse assim, já tinha dado tempo de você ser perfeita.

— Você tem razão — ela concordou com a brincadeira e encheu o ar com seu riso cristalino. — Talvez esteja exagerando. Vai ver que a solução é relaxar e jogar com um monte de feitiços, sem se preocupar com o que virá.

— Por que não? Vale a pena tentar. Que tal alguma coisa simples agora mesmo?

Gwenellen olhou em volta. Vendo os melhores frutos no topo dos arbustos, ela sorriu.

— Acho que vou tentar aquele do voo outra vez. Só que, se falhar, não vou cair de tão alto.

Com o balde no pulso, ela esticou os braços, fechou os olhos e começou a entoar as palavras mágicas. A cada frase, o ar ficava mais leve, mais quente. Os pássaros e os insetos se calaram enquanto as nuvens se juntavam no céu.

Ela podia sentir o sopro repentino do ar, levantando a bainha de suas saias enquanto ela subia. Ah, como era bom quando um feitiço dava certo!

Gwenellen abriu os olhos, disposta a pegar os frutos no topo dos arbustos. Para seu pavor, ela se viu tão alta no ar que o Reino Místico não passava de um pontinho na paisagem lá embaixo.

— Ah, não. Isto nunca vai dar certo. — Ela fechou os olhos e repetiu o canto, revertendo as palavras na esperança de que a levassem de volta ao início. Mas quando abriu os olhos, viu campos e florestas, montanhas e rios passando lá embaixo num movimento estonteante que lhe dava a sensação de estar mais do que ligeiramente sem rumo.

O que dera errado? Ela repassou o canto na cabeça, desejando falar as palavras que quebrariam o feitiço.

Para casa. Tinha que voltar para casa.

Para não ficar enjoada, fechou os olhos e concentrou toda energia em sua casa, na família. Visualizou cada um. A mãe, no tear, tecendo as mais belas tramas, nunca vistas por qualquer mortal. Tão suaves, tão delicadas que poderiam ter sido fiadas por anjos. Vovó, pegando os biscoitos moreninhos do forno, espalhando manteiga fresca e mel direto do favo sobre eles. A velha Bessie, de avental amarrado em volta da cintura larga, colher de pau na mão, mexendo o cozido mais cheiroso em seu caldeirão negro. E Jeremy, correndo o mais depressa que suas perninhas conseguiram para contar as novidades do último errinho dela.

*Puxa vida!*, pensou ela. Agora todos saberiam que ela errara de novo.

Talvez, se ela se concentrasse, conseguiria estar de volta antes que a mãe começasse a se preocupar.

Como por um passe de mágica, começou a descer. Sorrindo, abriu os olhos e viu o chão se aproximar. Desta vez, em lugar de se

estatelar na campina, aterrissou sem maiores percalços.

— Assim foi melhor. — Olhou em volta, em busca de Jeremy.

Mas no lugar dos arbustos ela se viu no meio do cascalho quente no interior de alguma fortaleza. O espaço em volta estava cheio de troncos chamuscados e de vários móveis e tapeçarias.

O cheiro da fumaça e da morte estava por toda parte, enchendo seus pulmões até que ela começou a tossir. Quando conseguiu parar, se endireitou. Virou-se quando escutou passos.

E se viu encarando um homem furioso.

Na mão, tinha uma espada que apontava para o coração de Gwenellen.

— Então deixaram uma para trás. — A voz dele transbordava de ódio. — Prepare-se para morrer, mulher.

# Capítulo Dois



**G**WENELLEN SE esforçou para lembrar de um feitiço, um que congelasse aquele estranho antes que a transpassasse. Mas não conseguiu. Ela só conseguia manter as mãos na frente do corpo, como se elas pudessem evitar a ação da espada, que era quase da altura dela.

Ele ficou intrigado com o balde.

— Que armas esconde aí?

— Não estou escondendo nada, senhor. Eu estava colhendo frutas.

— Aqui? — Ele mostrou o tronco queimado. — Você quer que eu acredite que estava colhendo frutas e não percebeu que se encontrava perto da fortaleza de minha família?

— Isto aqui é seu?

Ele fez que sim com a cabeça, os olhos a perscrutando.

— Se você morou no vilarejo, sabe que lugar é este, pois eu sou Andrew Ross e este castelo é conhecido como Ross Abbey. Meus ancestrais vivem aqui há centenas de anos. — Quando ele não notou nenhum lampejo de reconhecimento, bufou de impaciência. — Fale logo quem é você e o que está fazendo aqui.

— Meu nome é Gwenellen, do clã dos Drummond. Meu lar é um lugar conhecido como Reino Místico.

Suas palavras o fizeram recuar.

— Já ouvi falar deste lugar. Qualquer escocês já ouviu a história. Do mortal, Kenneth Drummond, que se casou com uma feiticeira, depois deu sua vida para salvar a dela. Do dragão que guarda o Lago Encantado. Da Floresta das Trevas que existe entre ele o resto das Terras Altas. Mas tudo não passa de um mito.

— Bom, se é um mito, sou um mito também. — Quando ela pôs o balde no chão para mostrar as frutas, ele pareceu não se convencer. Ela estendeu o braço para tocá-lo. — Posso lhe assegurar, senhor, que como estas frutas, eu sou real.

*Real demais*, pensou ele, sentindo uma onda de calor percorrer sua pele. Ele se afastou como se tivesse se queimado e examinou o corpo para ver se havia alguma marca. Apesar da pele intacta, ele continuou sentindo um formigamento.

— Como você veio parar aqui?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Estava colhendo as frutas e de repente vim parar aqui, na sua frente, como bem pode ver.

— Talvez tenha sido enfeitiçada. Você trouxe feitiçaria para cá?

— Na sua terra, chamam de feitiçaria. No meu reino, estamos simplesmente praticando os dons de nossos antepassados. Minhas irmãs, minha mãe e minha avó possuem muitos dons.

Ele continuou incrédulo.

— E você, mulher, qual é seu dom?

— Temo não ser muito boa nas artes místicas. Mas sou muito boa em cair do céu. E em me perder, eu acho. — Ela começou a rir. Depois se conteve quando o viu franzir a testa. — Não tenho a mínima ideia de quais são meus dons, nem a razão de estar aqui.

— Nem eu. — Ele se virou e viu as ruínas de seu lar. — Deixe-me em paz. Tenho sepulturas a cavar e pessoas queridas para enterrar.

— Posso ajudar.

— Duvido que uma mulher tão pequenina possa me ajudar. A menos que você possa invocar meu inimigo e fazer com que ele se ajoelhe diante de mim para encarar minha espada. Ele certamente vai pagar por destruir tudo o que é meu. Vá embora. — Ele saiu, deixando-a sozinha no meio da fumaça e das cinzas.

Ela o viu afastar os troncos queimados, sem ligar para as queimaduras que causavam. Como um ensandecido, ele remexia as ruínas. De repente, ele caiu de joelhos e levantou o corpo de um homem que ainda segurava uma espada.

— Ah, pai! — A voz misturava dor e raiva. — Como isto tudo aconteceu? Eu fui tão tolo... Se eu tivesse ficado...

— Não.

A palavra não passou de um sussurro no vento. Mas Gwenellen a ouviu nítida, como se estivesse com o ouvido nos lábios do velho.

— Você não deve se culpar. O tolo fui eu.

— Minha culpa. — Andrew embalou o corpo sem vida nos braços. — Se eu não tivesse sido tão rápido em partir. Mas como eu poderia ficar, sabendo o que o senhor estava prestes a fazer? Como?

Um longo momento de silêncio se instalou, seguido de um longo suspiro.

— Você precisa me ajudar, querida. Você faria isto?

Outra vez o sussurro, mais forte desta vez, e Gwenellen viu o espanto e o pesar nos olhos de Andrew. Por que tanto pesar, se o pai continuava ali? Será que ele não conseguia ouvir o que ela ouvia tão bem?

— Não está vendo, querida? Não posso mais falar com ele, mas posso falar com você. E você pode ser a ponte entre meu mundo e o dele.

Quando se deu conta, Gwenellen ficou tão surpresa que não conseguiu fazer mais nada, a não ser ficar olhando. Andrew se sentia triste porque seu pai não estava mais ali. O velho realmente partira para o outro mundo. Como o pai dela, antes que ela nascesse. E como seu pai, aquele homem se comunicava com ela. Não existiam barreiras entre ela e o outro mundo. As palavras dele eram nítidas e diretas como as do homem que o segurava nos braços.

Ela lembrou das palavras da avó. Tudo o que acontece na vida tem uma razão de ser. Mesmo quando parecem problemas, são lições a serem aprendidas.

Então este era um dos seus verdadeiros dons. Não foi o que sua avó dissera? Mas como parecia tão natural conversar com o pai, ela não dera importância. Agora, depois de tantos anos de incerteza, tudo se esclarecera.

— Farei o que puder, senhor.

Andrew não a escutou quando levantou o corpo sem vida do pai e o carregou até um canto distante do jardim, onde começou a cavar uma sepultura.

Colocando o balde de lado, Gwenellen começou a procurar em meio às cinzas outros que precisassem se utilizar de seu dom.

Logo ouviu Andrew gritar e o viu desenrolando um pergaminho que estava preso à mesa por uma faca. Depois de lê-lo, ele rosnou de raiva e amassou o papel com fúria.

Gwenellen correu até ele.

— O que é isto? O que descobriu?

Ele parecia tonto.

— Era como eu suspeitava. Fergus Logan. Sempre existiu uma animosidade entre o clã dele e o nosso, desde nossos ancestrais. E agora ele se vingou. Não contente em matar meu pai, fez a esposa dele refém. Desta vez ele não vai escapar.

— O que você vai fazer?

Ele se virou sem dizer mais nada.

Em silêncio, voltou aos escombros ainda mais aflito.

O PÔR do sol lançava sombras púrpuras sobre a terra. Gwenellen estava sentada num tronco, e observou Andrew jogar terra sobre a última sepultura e se ajoelhar para uma prece. Em torno deles, havia uma série de morrinhos, cada um marcando a sepultura dos servos queridos de seus domínios.

Todos falaram com ela, se apresentaram. Pediram para que levasse uma palavra de consolo para a família e os amigos que tinham ficado para trás. Eventualmente, um pedido de desculpa.

Tantas vozes clamando por ela. Tomando conta de sua cabeça. Tocando seu coração. A princípio, pareciam apenas sussurros até que ela começou a distingui-las e dar-lhes atenção. Ela ouviu a todos e prometeu que faria o que pudesse para aliviar a dor dos que ficaram. Mas a que mais lhe tocou foi a voz do pai de Andrew. Exprimiu o temor de que a raiva e a amargura prejudicassem o julgamento do filho.

Andrew demonstrou surpresa quando terminou sua prece e a viu.

— Por que ainda está aí, mulher?

— Achei... achei que era melhor ficar até que todos estivessem sepultados — disse ela, apesar da aura de intimidação que o envolvia. Mas ela não podia ignorar os pedidos do pai dele.

— Você ficou todo este tempo aqui? — Andrew nem notara em meio a tanta dor e raiva. Agora, percebera que ela devia estar exausta como ele.

Ele notou a sujeira que havia manchado seu vestido delicado e seu belo rosto. Depois, percebeu as bolhas nas mãos dela.

— Sua boba. O que você andou fazendo?

Constrangida, ela tentou esconder as mãos, mas ele a segurou.

— Quando foi que comeu pela última vez?

Ela deu de ombros, percebendo um formigamento em seus braços. Seria por causa de seu toque? Ou por causa das bolhas?

— Comi algumas frutas quando ainda estava no meu reino. — Há quanto tempo? Horas, dias? O tempo era tão diferente no reino dos mortais.

— Venha comigo.

— Aonde vamos?

Ele a colocou na sela, montou atrás dela e pegou as rédeas.

— Existe uma taverna na vila. Vou providenciar comida e abrigo até que você possa retornar para sua casa.

Ela tremeu quando sentiu seus braços a sua volta. Havia um calor estranho na mão dele, que, segurando as rédeas, repousava no quadril.

— E você, Sir?

— Não descansarei até que aquele que cometeu tamanha atrocidade enfrente minha espada.

A paixão em seu tom de voz a fez estremecer, mas Gwenellen não falou nada sobre as palavras do pai dele. Seria melhor esperar um pouco e achar a maneira apropriada de contar àquele estranho o dom que ela descobrira. Na verdade, ela temia sua reação. Ele parecia um homem simples e direto. E se não acreditasse que ela falava de verdade com os mortos?

Eles cavalgaram pelas florestas e atravessaram ravinas cheias de cachoeiras até chegarem ao vilarejo. As luzes das velas foram uma visão reconfortante. Fora da taverna, os cavalos bufavam e batiam as patas por causa do frio da noite.

Andrew desmontou e amarrou as rédeas, antes de pegar Gwenellen na sela. Mais uma vez, ela pôde sentir sua força quando ele a levantou e a levou para dentro. Assim que puseram os pés na porta, todos se calaram.

— Andrew! Seja bem-vindo. — O dono da taverna veio correndo cumprimentá-lo. Quando viu a túnica chamuscada e as mãos cheias

de bolhas, ficou alarmado. — O que aconteceu?

— Voltei para casa e encontrei tudo queimado... e todos que lá viviam estão mortos, Duncan.

Quando ouviram, os homens se levantaram e se juntaram, murmurando especulações.

— Será que ninguém viu um bando de guerreiros, Duncan?

O homem negou com a cabeça.

— Temo que não. Confesso que vi uma fumaça ao longe e suspeitei que fossem as fogueiras dos invasores que haviam sido vistos nas montanhas. Mas seu pai tinha um exército na fortaleza. Achei que era o suficiente para qualquer ameaça.

— Eu também. Mas estava errado. Todos morreram.

— Ninguém sobreviveu?

— Só um. Isto foi deixado para trás — disse ele, com o pergaminho na mão.

— É de Fergus Logan, do norte — disse o taverneiro e leu em tom sombrio: — “Temos a senhora de Ross Abbey. Renda-se ou ela morre.”

Todos no salão ficaram chocados.

— A esposa de seu pai está em poder de seu pior inimigo. Quando partirá para seus domínios?

— Tão logo possa reunir um exército. Preciso de alguém para ir a Edimburgo com uma mensagem para meus guerreiros.

O taverneiro apontou para um jovem. Andrew escreveu algo num pergaminho e o entregou.

— Vá direto para Holyroodhouse e procure Drymen MacLean.

O rapaz saiu correndo.

— A senhorita e eu precisamos de uma refeição para nos refazermos, Duncan. Precisamos também de acomodações e de água para o banho.

Uma criada logo apareceu.

— Blythe vai mostrar os quartos e providenciar a água. Quando terminarem, a refeição estará pronta.

— Se puder também providenciar roupas limpas, a senhorita e eu ficaremos muito gratos — pediu Andrew, colocando algumas moedas na mão do taverneiro.

— Blythe, depois que o cavalheiro e a dama estiverem em seus aposentos, fale para minha esposa do que eles precisam.

A criada assentiu e os levou para os quartos.

— Acho que este quarto está bom para a moça.

Andrew examinou o espaço e olhou para Gwenellen, que assentiu.

Depois a criada apontou o outro quarto.

— Este está bom para o senhor?

— Sim, claro.

Quando a porta se fechou, Gwenellen se aproximou da lareira para se aquecer. Logo depois chegaram alguns criados com água quente e roupas limpas.

Depois de se despir, Gwenellen se enfiou na água quente e começou a pensar em tudo que acontecera naquele dia.

Será que ela devia permanecer ali e ajudar Andrew Ross? Ou deveria tentar voltar para a segurança do Reino Místico? Bom, ela não tivera muita sorte com os feitiços antes. Talvez o próximo a levasse para o meio de um bando de ladrões ou para uma estrela distante.

Parecia que a melhor alternativa no momento era não fazer nada. Se ficasse, poderia utilizar seu dom. Dom que, em seu reino, não tinha nenhuma serventia.

— Ah, pai. Será que este é o lugar em que eu devo ficar? — perguntou-se ela, saindo do banho.

Uma fumaça pareceu sair da lareira e Gwenellen viu a figura de seu pai.

— Bem-vinda ao meu mundo, filha.

— Aqui tudo é tão diferente, pai.

— Existem boas pessoas aqui, querida. Mas, como pôde ver em Ross Abbey, existem outras não tão boas. Apesar de não ser o paraíso que deixou para trás, aqui existe muita beleza. Sempre desejei que minhas filhas circulassem entre seu mundo e o meu sem problemas.

— Então estou feliz em estar aqui para aprender sobre seu mundo. — Ela foi na direção dele para abraçá-lo, mas ele recuou.

— Minha única tristeza é não poder abraçá-la, filha.

A imagem se esvaneceu e o aroma sutil que restou lhe deu uma grande sensação de paz. Ela permaneceria ali, como desejava o pai. E rezaria para que suas primeiras impressões não se confirmassem.

# Capítulo Três



COM UM vestido de lã e um xale sobre os ombros, Gwenellen desceu e se encaminhou para a sala de jantar. Lá, viu Andrew Ross observando as chamas da lareira, segurando uma caneca. Quando se virou, ela percebeu o pesar em seus olhos. Como seria voltar para casa e encontrar todos mortos? Era horrível pensar nisso. Ela prometeu a si mesma que faria todo o possível para aliviar tanto sofrimento.

— Gostaria de beber algo para se aquecer, *milady*?

— Sim, obrigada.

Ele encheu uma caneca e lhe entregou. Quando os dedos se tocaram, ela sentiu um calor e olhou assustada. Será que ele sentira também? Ela nunca sentira isto em seu reino. Devia ser algo possível só no reino dos mortais.

Ele já havia se virado e voltado para perto do fogo.

— Sinto muito por suas perdas. — Ele permaneceu em silêncio.

— Você estava longe de casa há muito tempo?

— Parti rumo a Edimburgo há menos de 15 dias.

— O que o levou até lá?

— Recebi uma mensagem da rainha exigindo minha presença na corte. Era como se meus inimigos estivessem simplesmente me esperando partir para praticar seus atos.

— Você acha que eles sabiam que sua fortaleza estava vulnerável?

— Não sei.

Uma criada entrou para arrumar a mesa e outra serviu uma bela carne de carneiro, tigelas de sopa e pão quentinho.

— A sra. MacIntosh vai trazer o chá e a sobremesa quando o senhor chamar.

— Obrigado.

Ele esvaziou sua caneca e puxou a cadeira para Gwenellen. Sentou-se à sua frente e a ajudou a se servir.

— E as bolhas de suas mãos?

— Fiz um feitiço — respondeu ela, colocando as mãos no colo.

— Quer que eu acredite nisto? — Ele estendeu o braço para pegar as mãos dela e inspecioná-las.

A mesma sensação de calor e formigamento voltou a percorrer o corpo dela.

— Quero uma prova. Use o feitiço nas minhas mãos!

— Isto não seria prudente.

— Por quê? É tudo mentira?

— Não. Porque poderia dar errado. — Ela deu uma risadinha. — Sempre que invoco meus feitiços sobre o coitado do Jeremy, ele nunca sabe o que vai acontecer. Uma vez, ele foi parar em cima de uma árvore. Na outra, no fundo de um poço.

— Jeremy é seu marido?

Ela riu novamente e seu riso o envolveu de uma maneira que ele achou intrigante.

— Jeremy é um troll que vive conosco no Reino Místico.

— Um troll? Você está zombando de mim.

— Não. Eu lhe asseguro. Ele tem mais de cem anos.

— Ninguém vive mais de cem anos.

— Talvez no seu mundo. — Ele continuou segurando as mãos dela. — Bem, você já foi avisado.

Ela tomou as mãos dele entre as suas e começou a recitar as palavras mágicas.

Andrew sentiu um jato de calor quando os dedos dela o tocaram. Um calor que foi direto para sua masculinidade. Para completar, aquela voz suave lhe deu um arrepio.

Existia algo diferente naquela mulher. Sob a luz do fogo, sua pele era clara como o alabastro, os olhos brilhavam como os de um gato. Os cabelos claros caíam em cachos sedosos até a cintura. Ele sentia um desejo arrebatador de mergulhar as mãos neles para sentir a maciez que exibiam. Mas isto seria perigoso. Ela poderia ter sido enviada por seus inimigos para fazê-lo acreditar que estava

seguro. Além disso, depois do que acontecera, ele não tinha nenhuma disposição para se envolver com qualquer mulher.

De repente, o cântico parou e ela abriu os olhos.

— Eu ordeno que, como todas as coisas aparecem, estas feridas se curem e uma nova pele apareça!

Ao proferir as palavras, algo voou pelo ar e se espatifou no meio da mesa, fazendo voar carne e molho para todo lado.

Gwenellen e Andrew se afastaram rápido, olhando assustados para o que ocorrera.

Gwenellen ruborizou.

— Eu queria que uma nova pele crescesse nas mãos deste homem. Não que uma outra pele aparecesse. — Ela pegou a coisa que surgiu e murmurou. — Parece que é uma pele de carneiro.

Andrew pegou da mão dela e examinou.

— Acho que é couro de porco.

Gwenellen não sabia o que fazer com tamanho embaraço e Andrew esboçou um sorriso. Ele queria rir, mas sabia que ela se sentiria humilhada. Ele tentou disfarçar, fingindo tossir.

— Eu... eu sinto muito. Mas avisei que meus feitiços nem sempre dão certo.

— É verdade. Mas tenho que admitir que não estava preparado para um couro de porco no meio da mesa. — Ele encheu as canecas. — Vamos deixar de lado esta pequena interrupção e tentar aproveitar a refeição.

— O que a rainha pediu que você fizesse quando foi a Edimburgo?

— Sua Majestade estava se sentindo ameaçada por aqueles que querem partilhar o poder de seu trono. Ela queria se aconselhar com pessoas de sua confiança sobre questões da Igreja e do Estado.

— E você é uma destas pessoas de confiança?

— Minha família sempre foi sua aliada. Agora que ela retornou da França para exigir seus direitos sobre o trono, se sente acuada por todos os lados. Mas apesar de me sentir lisonjeado pela confiança e ansioso para que ela se saia bem, não desejo viver em outro lugar que não seja aqui, nas Terras Altas. Infelizmente, voltei para casa tarde demais.

— Você acha que alguém avisou seu inimigo de sua ausência?

Ele assentiu.

— De que outra maneira se poderia explicar o que aconteceu?

— E seu inimigo mantém sua madrasta em seu poder.

— Sabrina.

Algo na maneira como ele disse aquele nome fez Gwenellen observá-lo de perto.

— Você acha que ela ainda está viva?

— Não adiantaria nada matá-la. Logan sempre desejou a guerra entre nós. Meu pai sempre resistiu, achando que acabaria com nosso clã. Agora, com Sabrina como isca, não teremos outra escolha a não ser batalhar com aqueles que cobiçam nossas terras, nossos rebanhos, nossa gente.

— Você se renderia para salvá-la?

Ele não respondeu. Pareceu refletir alguns instantes antes de falar.

— Sou um guerreiro. Farei o que tiver que fazer para vingar a morte de meu pai.

— Como você conseguirá um exército?

— Meus homens mais corajosos e fortes estão em Edimburgo para proteger a rainha. Até eles voltarem, só me resta um vilarejo com velhos, mulheres e crianças — lamentou ele.

— Eu poderia ficar e ajudar — disse ela.

— Você? Como poderia ajudar? Lançando feitiços sobre meus inimigos?

Ela sentiu as bochechas queimarem. O corpo incandescente. Então, evitou os olhos dele.

— Posso tentar.

Ele sentiu vontade de rir novamente.

— Acho que couro de porco não combaterá meus inimigos, mas muito obrigado mesmo assim, *milady*.

Ela se sentiu rejeitada. Ele achava o oferecimento dela risível.

Andrew se convenceu de que não tinha existido qualquer bolha nas mãos dela. Que tudo fora produto de sua imaginação.

Minutos depois de ele ter tocado a sineta, a criada apareceu para servir chá e pudim.

Gwenellen experimentou e sorriu.

— Não é tão gostoso quanto o de Bessie, mas está muito bom.

— Quem é Bessie? Um outro troll? — perguntou Andrew, em tom zombeteiro.

— Uma velha corcunda que vive em nosso reino. Ela já viveu no seu mundo, mas, por causa de sua aparência, sempre foi ridicularizada. Ela adorou a oportunidade de deixar este mundo e viver no Reino Místico.

— Ela fez bem. Neste mundo há muitos que são cruéis com quem é pequeno, fraco ou diferente. Se o Reino Místico realmente existe, posso entender porque você e sua família escolheram viver lá.

— Apesar de você não acreditar, ele existe de verdade. Eu não me lembro, mas me disseram que, quando vivíamos em seu mundo, estávamos sob ameaça porque praticávamos os costumes antigos. Muitos nos temiam e desejavam que fôssemos expulsos.

— É, este é o nosso jeito mesmo.

Ele deixou o chá de lado e esvaziou a caneca. Então, se levantou, foi até a lareira e ficou observando o fogo. Depois de algum tempo, voltou e puxou a cadeira dela.

— Venha. Depois de tudo o que aconteceu hoje, precisamos descansar.

Ele abriu a porta e lhe deu passagem.

Diante da porta do quarto, ele parou.

— Apesar de seu feitiço ter falhado, eu lhe sou grato, *milady*, por tudo que fez por mim hoje.

— Não há o que agradecer, Sir.

— Quanto a sua feitiçaria, recomendo que você espere um pouco para tentar novamente — disse ele, sem maiores reprimendas.

— Como quiser.

O sorriso de Gwenellen sumiu quando sentiu a mão dele sobre seu ombro.

— Perdoe-me, *milady*. Não quis ofendê-la.

— Não me senti ofendida.

Mas ele podia sentir a mágoa na expressão dela. Sua tristeza o hipnotizava.

Sem pensar, ele levou as mãos dela aos lábios.

— Parece que meu pesar roubou minha humanidade. Mesmo antes, minha boca sempre foi mais rápida que meu cérebro. Esta é minha grande fraqueza. — Ele beijou as mãos dela e sentiu algo

estranho. Como se tivesse se jogado de um despenhadeiro e se espatifado no chão.

Quanto a Gwenellen, a simples pressão dos lábios de Andrew em sua pele fez seu coração cantar como um pássaro aprisionado. Com os olhos arregalados, sem palavras, ela olhou para ele e notou um lampejo de perigo em seu olhar.

Relutante, ele soltou as mãos dela e deu um passo para trás. No entanto, sem qualquer aviso, segurou-a pelos braços e a puxou para si.

— Mulher, o que você fez comigo? — murmurou, com os lábios bem perto dela.

Gwenellen nunca fora surpreendida daquela maneira. Um minuto antes, pensara em bater no rosto arrogante dele. No instante seguinte, era como se nada tivesse passado por sua cabeça. Parecia impossível pensar com aqueles lábios quentes e ansiosos tão próximos e com aquelas mãos fortes deslizando por suas costas, deixando um rastro de calor... Todo o sangue de seu corpo parecia ferver e ficar grosso como a lava de um vulcão. Ela abriu os lábios para receber os dele e sentiu como se houvesse chamas ardendo dentro de si, algo que nunca sentira antes.

Andrew foi lançado num turbilhão de sensações. E, de repente, seu corpo despertou, cheio de desejo. Seus sentidos se aguçaram. Ele podia sentir o gosto dela. Tão doce e exótico que fazia sua cabeça girar. Um gosto que o fazia querer mais. O cheiro dela o invadiu e o fez mergulhar nas sensações. Podia sentir cada parte daquele corpo.

Ele não queria que isso acontecesse. Mas agora que suas mãos a acariciavam e sua boca a beijava, ele seguiria em frente.

Havia tanta inocência nela! Ele aproveitou a surpresa dela para beijá-la com mais avidez, até sentir que ela se rendia.

As mãos de Andrew mergulharam em seus cabelos. Eles eram macios como ele imaginava. Como a mais fina seda. Sua boca percorreu seus lábios, seu rosto, seu nariz, antes de retomar os lábios.

Andrew sabia que ultrapassara seus limites. Ficou evidente por sua maneira hesitante que ela nunca vivera uma experiência daquelas. Mas ele não conseguia resistir. Não com aqueles lábios

tão doces. Não com o corpo dela se rendendo ao dele, fazendo-o perceber como se encaixavam bem. O desejo era arrebatador. A ideia de desfrutar de toda aquela doçura parecia irresistível.

Quando ela suspirou, ele ainda se deu o prazer de um último beijo. Depois, apelando para sua força de vontade, ele a soltou e deu um passo para trás.

Quando finalmente falou, a voz estava rouca, refletindo a confusão que sentia. Será que aquela mulher o enfeitiçara? Como se explicava o que havia acabado de acontecer? O corpo do pai nem estava frio na sepultura, Sabrina tinha sido raptada, e ele se dava ao luxo de beijar uma feiticeira.

— Arranjarei para que alguém do vilarejo leve você de volta para seu reino amanhã.

— Levar de volta? Mas eu...

Ele levantou a mão para silenciar seu protesto.

— Sei que você preferiria um dos seus feitiços, mas não posso descuidar da sua segurança. Eu lhe devo isto pela ajuda que me prestou. Esteja preparada para partir à aurora.

Ele segurou a porta aberta, obrigando-a entrar. Gwenellen torceu para as pernas não falharem. Fechando a porta, ela encostou nela e o ouviu se fechar no outro quarto.

Então foi até a cama e se deixou cair.

— Ah, pai, o que devo fazer agora? Andrew não quer minha ajuda. E por quê? Porque eu devo parecer uma bobona depois daquele feitiço. E depois, aquele beijo! Como posso ficar e ajudá-lo? Como posso enfrentar a decisão desse homem?

Ela esperou as palavras sábias do pai. Mas só obteve silêncio, um silêncio que a fez se sentir perdida e abandonada.

Rendendo-se ao cansaço, se despiu e se enfiou embaixo das cobertas.

Quando pegou no sono, sonhou com um guerreiro alto e bonito cujo toque lhe causava estranhas sensações e a voz rouca dizia palavras estranhas para seu coração. Mas não era um sedutor. Era um guerreiro feroz, de coração fechado até para os mais elaborados feitiços.

Apesar de entristecê-la, seria melhor que ela fizesse o que ele ordenara: ir embora ao amanhecer. O Reino Místico era seguro.

Naquela terra, só existiam perigo e trapaça. O perigo era fruto do desejo dos mortais de se destruírem.

Mas também havia outro tipo de perigo. Um que era muito mais sedutor. Que não tinha nome. E contra o qual ela não tinha defesa.

# Capítulo Quatro



**A**O OUVIR o som de vozes masculinas, Gwenellen se mexeu na cama.

A voz de Andrew lhe impressionara desde a primeira vez. Mesmo tendo proferido palavras de ameaça, algo naquele tom grave a tocara. Era a similaridade com a voz do pai dela? Ou porque parecia diferente das vozes que sempre escutara? Não importava, ela se sentia hipnotizada toda vez que ele falava.

Gwenellen saiu da cama e encontrou sua roupa lavada e dobrada cuidadosamente sobre um pequeno baú. Até os sapatos tinham sido limpos e lustrados.

Ela se vestiu rapidamente e passou as mãos pelos cabelos para tentar ajeitá-los antes de descer. Lá embaixo, viu alguns aldeões fazendo a refeição matinal.

— Ah, bom dia, *milady*! — cumprimentou Duncan, apressando-se para lhe servir o chá fumegante. — Aceita um pouco de carneiro?

— Obrigada. Andrew já se levantou? — perguntou ela, olhando em volta.

— Ah, claro. Ele se levantou logo cedo, ansioso para recomeçar o trabalho em sua fortaleza. Ele disse que você partiria, *milady*. Na verdade, já combinou com o irmão de minha mulher para lhe acompanhar.

Ela ficou decepcionada. Queria tanto rever Andrew... Escutar sua voz, só mais uma vez, antes de voltar para seu reino... Ela achava que se o encontrasse novamente, poderia convencê-lo a deixá-la ficar só mais um pouco.

Mas, afinal, por que ela precisava da permissão dele para ficar?

— Diga a William que agradeço a disposição dele, mas que resolvi ficar.

— Mas isto é muito perigoso, *milady*. Está pensando em ajudar um Abbey?

Antes que ela respondesse, Duncan se dirigiu aos aldeões.

— O senhor ofereceu trabalho para qualquer pessoa do vilarejo que estivesse disposto. Assim que terminarem de comer, todos seguirão para Ross Abbey.

— Poderia perguntar se posso ir junto? — perguntou ela, sem medir as consequências.

— Estou certo que qualquer um ficaria feliz em levá-la.

Minutos depois, uma mulher entrou com um pão recém-saído do forno.

— Bom dia, *milady*. Eu sou Mary, a mulher de Duncan.

— Bom dia, Mary. Meu nome é Gwenellen, do clã dos Drummond.

— Meu marido me falou de você. Ele me disse que chegou com o filho do senhor. — Ela começou a fatiar o pão. — Como foi que você e Andrew se conheceram?

— A primeira vez que nos vimos foi no castelo.

Gwenellen preferiu não dar mais detalhes.

— Espero que sua roupa tenha ficado boa.

— Ficou sim, obrigada.

A mulher se aproximou e falou baixinho:

— Sou boa de costura, mas confesso que nunca vi um vestido tão fino como o seu. Quem teceu este pano?

— Minha mãe.

— Ele é tão fino que poderia vestir a rainha.

— Obrigada, Mary. Sempre achei que minha mãe tinha um talento raro, mas é bom quando se escuta de alguém de fora.

— Andrew disse que você voltaria para casa, *milady*.

— Acho melhor ficar um pouco mais neste lugar tão agradável.

— É uma honra para nós — respondeu Mary, servindo-lhe uma outra fatia de pão e mel.

Gwenellen sorriu. Talvez este mundo não fosse assim tão diferente. Pelo menos tinham algo em comum: o amor pelos doces.

Ela começou a comer e pensou que não haveria nenhum mal em ficar mais um dia ou dois. Já conhecera a raiva de Andrew. Apesar de apavorada, sobrevivera. Aguentaria outro ataque. E se ele a expulsasse, ao menos teria a satisfação de ter tentado.

ANDREW EMPILHARA os troncos queimados. Alguns aldeões já haviam chegado, e outros chegariam depois de seus afazeres.

Apesar dos danos à fortaleza serem extensos, ele constatara que muita coisa poderia ser recuperada. Como a maior parte da construção era feita de pedra, a parte externa estava intacta. Haviam posto fogo na área interna do castelo, queimando as tapeçarias que enfeitavam as paredes e destruindo a maior parte da mobília de madeira.

Não haveria problemas em substituir aquilo, pensou ele. E tudo seria substituído. Porém o que mais importava não poderia ser restaurado. Ele ainda sentia a dor e a culpa. Dor pela perda do pai e dos súditos leais que serviam sua família havia gerações. Culpa por ter partido com tanta raiva do pai. Agora, era preciso ignorar aquela raiva e direcioná-la para o inimigo.

Ele desejou em silêncio que aquele que provocara tamanha desgraça fosse apanhado e punido.

Ao ouvir o tumulto dos cavalos e carruagens, Andrew viu mais aldeões chegando. No meio deles estava Gwenellen, rindo e conversando com as outras mulheres como se fosse íntima.

Ele franziu a testa e parou na frente dela.

— O que a traz aqui, mulher?

— Gostaria de ajudar.

— Eu a avisei. Não posso cuidar de sua segurança — disse ele, em voz baixa.

— Então precisarei me cuidar sozinha.

— Você é boba? Ou este desafio às minhas recomendações significa alguma outra coisa?

— Entendo suas preocupações, Sir. Pediram ajuda e eu simplesmente vim ajudar. Agora, se me der licença.

Ela começou a descer e segurou o fôlego quando sentiu aqueles braços fortes a pegarem pela cintura e a colocarem no chão como se nada fosse. Mais uma vez, aquela sensação invadiu seu coração ao simples toque dele.

— Obrigada.

Ele a colocou no chão e a observou. Como ela era bonita, com o rosto descansado depois da noite de sono! Não que ele houvesse tempo de aproveitar o que via. Tinha assuntos mais importantes a

tratar do que perder tempo com aquela mulher impertinente que se intitulava feiticeira.

— *Milady*, só um aviso. Não tente invocar seus feitiços para não ir parar em cima de alguma montanha distante, nem no meio de algum lago desconhecido.

Apesar da expressão séria, Gwenellen sabia que ele estava brincando com ela.

— É melhor tomar cuidado com o que fala, Sir, ou posso ficar tentada a experimentar um deles.

— Acho que já fez isto. De que maneira se explica eu não expulsá-la quando a vi?

Ele se virou e saiu em direção aos trabalhadores, deixando-a para trás.

Gwenellen seguiu as mulheres para o interior do castelo. Ele era composto de duas construções: uma era a antiga abadia, pouco utilizada, e a outra, mais recente. Tinha sido construída ao longo dos últimos cem anos, e servia de moradia e fortaleza.

Logo ela estava envolvida na limpeza. Os aposentos da parte de cima foram limpos e encerados antes de juncos novos serem jogados no chão. No canto do jardim, muitas aldeãs se ocupavam em carregar a água.

*Quanta gente!*, pensou Gwenellen. *E todos trabalhando com um só objetivo.* Ela se sentiu feliz com tudo aquilo, e logo ria e conversava com todos.

No grande salão, troncos chamuscados estavam empilhados enquanto outros eram cortados na floresta próxima, antes de serem colocados em carroças. Com carrinhos, os aldeões carregaram vários animais capturados pelos caçadores.

Enquanto alguns cuidavam da madeira, as carnes eram assadas em várias fogueiras.

Quando as sombras da noite começaram a se aproximar, os aposentos da abadia estavam aquecidos pelo fogo das lareiras gigantes. O cheiro do pão e da carne assando perfumava o ar.

Andrew bateu palmas para atrair atenção.

— Meus amigos! Vocês trabalharam muito e bem. Antes que voltem para casa, devem me deixar agradecer. — As mulheres

prepararam um banquete. E Duncan desenterrou vários barris da melhor cerveja.

Com gritos e assobios de entusiasmo, todos o seguiram para o salão central e se instalaram nas mesas compridas enquanto as aldeãs serviam comida e bebida.

Andrew não se sentou à cabeceira da mesa. Preferiu o centro, no meio da sala, rodeado pelas pessoas que trabalharam ao lado dele.

Gwenellen percebeu que, mesmo sem sinais evidentes, aquele homem era um líder para eles. Apesar do ódio que existia em seu interior, da fuligem que sujava suas roupas e das mãos cheias de calos e bolhas, havia nele uma atitude, uma autoconfiança que o distinguia dos demais e impunha respeito.

Duncan se pôs em pé e levantou sua taça.

— Lamentamos de verdade suas perdas, Andrew. Seu pai era um homem educado e justo. Muitos de nós perdemos entes queridos que serviam sua família e partilhamos de seu pesar. Nós conversamos e concordamos em lhe oferecer nossa lealdade e nossas armas. Com o falecimento do velho senhor, nós o declaramos o senhor do clã dos Ross. Quando estiver pronto para combater Fergus Logan e seu clã odioso, partiremos com você em busca de justiça.

Os homens se levantaram, se juntaram a Duncan e esvaziaram as taças.

Gwenellen viu a expressão de Andrew. Era sombria demais para que qualquer expressão de apoio a dissipasse.

Parecia que a simples menção ao inimigo fazia o sangue dele ferver por vingança. Estava claro que o senhor de Ross Abbey não ficaria satisfeito enquanto aqueles que haviam cometido tal vilania não fossem punidos.

Ela pensou nas palavras que o pai dele dissera depois de morto e se deu conta do dilema que enfrentaria. Se ela admitisse que podia falar com os mortos, muitos deste mundo a considerariam um demônio. Mas como ela poderia revelar a Andrew os desejos do pai se não revelasse seu dom?

Confusa, ela deixou o salão central e percorreu os corredores vazios até encontrar um pequeno jardim cercado, repleto de sepulturas recentes.

Imediatamente, várias vozes surgiram de todos os lados.

— Por favor, *milady*, diga para minha esposa e meus filhos que ainda olho por eles.

— Um momento, *milady*. Tenho um irmão na vila que não está cuidando de minha neta como deveria. A senhora precisa lembrá-lo de que ele precisa cuidar dela, agora mais do que nunca.

— Um momento, querida. — A voz de um senhor, suave como um sussurro, a deteve. Gwenellen a reconheceu. — Você deve dizer a Andrew para ele aceitar a voz de sua gente e aceitar o título de senhor. Mas ele não deve marchar contra Fergus Logan. É importante que ele fique aqui, perto daqueles que o procuram em busca de liderança e proteção.

Gwenellen ajoelhou-se perto de um murrinho onde um homem bonito estava sentado, sobre a placa que marcava sua sepultura.

Ele não tinha mais os terríveis ferimentos que ela vira sobre o corpo do pai de Andrew. Parecia mais jovem, como se fosse irmão dele. Mesmo assim, ela logo o reconheceu.

— O senhor mudou.

— É mesmo? — Ele sorriu. — A idade é algo que existe só no seu mundo, querida. Aqui, serei eternamente jovem e forte. Agora, sobre meu filho, você deve convencê-lo a aceitar seu papel de líder e permanecer aqui. Deve abandonar essa ideia idiota de vingança.

— Mas é só na vingança que ele pensa. Ele acha que precisa salvar sua esposa.

— A amada Sabrina. — Algo na voz dele mudou. — Fique tranquila. Ela não sofrerá qualquer dano.

— Como sabe?

Seus olhos se apertaram.

— Sei simplesmente.

— Como vou falar tudo isto para ele e não parecer louca?

— O que importa como ele a considera? Só interessa que ele acredite.

— Mas como faço para ele acreditar? Ele está cheio demais de raiva e amargura para escutar. Além disso, ele acha que sou uma charlatã.

— Então diga a verdade para ele.

— Dizer que posso vê-lo? Que posso escutá-lo?

— Isto mesmo. O que há de errado nisso?

— O senhor sabe o que há de errado. Ele não pode vê-lo e é seu filho.

— É você quem tem o dom, querida. Que vantagem haverá se não puder usá-lo com quem precisa?

A pergunta dele a deixou sem argumentos. Ela refletiu por alguns instantes e assentiu.

— Tem razão. Que vantagem haveria?

— Você falará para ele?

— Sim. E encontrarei um jeito de fazê-lo acreditar em mim.

— Assim é que se fala. — O velho deu um tapinha na mão dela e ela sentiu um frio na pele.

Ela olhou para ele.

— Ainda não sei seu nome.

— É Morgan Ross, querida. Meu nome é uma homenagem ao meu bisavô, que diziam ter vindo do mar.

— E meu nome é Gwenellen Drummond.

— Sim, conheci seu pai. Ele estava aqui para me receber quando parti do outro mundo.

— É mesmo? Ele faleceu antes que eu nascesse, mas sempre nos encontramos.

— Que bom. Quando lhe disse que não poderia descansar até que colocasse meu filho no rumo certo, ele me disse para eu não me preocupar porque ele enviaria alguém muito especial. Você não pode falhar, Gwenellen Drummond.

— Eu me esforçarei ao máximo, Morgan Ross.

— O que você está fazendo aqui?

Uma voz, cheia de raiva e suspeita, ecoou logo atrás de Gwenellen, congelando-a.

Então segurou forte o ombro dela.

— Com quem diabos você está falando?

Ela se virou e viu o punho de uma faca brilhando na mão de Andrew e a fúria nos olhos dele.

— Como eu suspeitava. Você conspira com meus inimigos. Diga logo, mulher, quem você está encontrando encoberta pela escuridão. — Ele levantou a mão num gesto ameaçador. — Diga, antes que eu a mate!

# Capítulo Cinco



**G**WENELLEN ENCOLHEU-SE, apavorada.

— Nunca o trairia com seus inimigos.

— Você vai negar que estava falando com alguém quando entrei aqui?

— Estava mesmo falando com alguém. — Ela apontou a figura sentada na sepultura. — Com seu pai.

Ele olhou na mesma direção e voltou a encará-la, cheio de desconfiança e raiva.

— Não zombe de mim, mulher. Não tenho tempo nem paciência para suas tolices.

Lembrando-se da promessa que fizera, ela deixou o medo de lado e o encarou.

— Seu pai tem uma mensagem para você, milorde. E como não pode lhe falar diretamente, precisa fazer isso através de mim.

Ele pareceu ainda mais impaciente e segurou firme o punho da faca.

— Não me chame de lorde. Não tenho a intenção de aceitar tal honra, pois fui treinado para ser um guerreiro, não para ser um nobre. E depois de ver como eles se comportam na corte, vi que não tenho nenhum jeito para isto.

Gwenellen respirou fundo.

— Seu pai pede que você aceite a vontade de sua gente. Deseja também que você permaneça aqui e não parta para o confronto com seus inimigos.

— Ele deseja isto, não é? E o que ele diz sobre a esposa que foi capturada?

— Ele afirma que ela não sofrerá dano algum.

— Ao menos nisto nós concordamos.

Ele a estudou, a expressão cheia de fúria.

— Agora vá embora, mulher, e se junte àqueles preocupados com suas vilanias. Se você ousar aparecer na minha frente de novo, saberá o que é a justiça de Andrew Ross.

Quando já estava saindo, decidiu arriscar.

— Seu pai me disse que se chama Morgan.

— Você é esperta. Passou tempo suficiente em meu castelo para saber tudo sobre minha família.

— Poderia mesmo ter feito isto. Mas passei meu tempo trabalhando. Não posso fazê-lo acreditar em mim, milorde. Não quando seu coração está fechado para a verdade. Mas dei minha palavra que tentaria. Ele só fez dois pedidos: que você aceite a vontade de sua gente e que não parta para a fortaleza do inimigo. Pode acatar as palavras dele do outro mundo ou pode renegá-las, como renega a mim.

Gwenellen viu a tristeza no rosto do pai dele, a imagem se apagar e desaparecer.

Ela falhara. Mais uma vez.

Desapontada, ela passou por aquele homem que despertara emoções completamente novas nela. Raiva. Ela corria quente e forte por suas veias. Nunca sentira isto e não ligava para este sentimento.

— Aonde pensa que vai, mulher?

— Vou voltar para a vila com os outros e deixá-lo com sua dor e pesar, já que deixou bem claro que não tenho nenhuma utilidade para você.

— É uma pena que tenha se demorado tanto por aqui. Todos já partiram.

— Partiram? E agora, como faço para voltar para a taverna?

— Tente um daqueles seus feitiços — recomendou ele, em tom zombeteiro.

Ele seguiu em direção ao castelo e parou na entrada.

— Apesar de minhas desconfianças em relação a você, eu me sinto na obrigação de lhe oferecer abrigo.

Aliviada, ela foi atrás dele.

Ele pegou no braço dela e disse em tom ameno.

— Mas só esta noite. De manhã, providenciarei para que volte para a vila e depois para seu reino. E desta vez você não vai me desafiar como fez hoje.

— Desafiar? Você fala como se fosse o senhor da terra.

— Se eu aceitasse o título, seria bom que você temesse minha ira, mulher, porque aqui nas Terras Altas, a palavra do senhor é lei. Se eu mandasse os homens matarem-na, eles nem questionariam.

Gwenellen sentiu medo e o seguiu nas escadas, pois sabia que ele dissera a verdade.

Andrew abriu uma série de portas e a levou para um dos quartos de dormir. Bem longe do dele.

Vendo que o fogo da lareira estava quase se pagando, ele disse:

— Vou buscar mais lenha e também um pouco de água fresca.

Quando ele saiu, Gwenellen olhou em volta. As mulheres tinham trabalhado bem. O catre estava coberto com lençóis limpos e colchas de pele. Sobre uma mesinha, havia uma bacia e uma jarra com várias toalhas.

Tremendo, Gwenellen tentou imaginar quanto tempo Andrew levaria para buscar a lenha. Seria mais simples invocar um feitiço.

Que mal faria tentar?

Ela estendeu os braços, fechou os olhos e começou a entoar as palavras mágicas.

Ainda sentindo muita raiva, Andrew gostou de fazer algum esforço físico. Ele pegou um monte de pequenos troncos e subiu as escadas.

Aquela mulherzinha inconveniente estragara toda a alegria do banquete com os aldeões. Gente tão boa. Passaram o dia trabalhando para ele e pareciam realmente sentidos com sua perda. E por que seria diferente? Apesar de ele e o pai discutirem muito, Morgan Ross sempre fora um homem bom e justo, que partilhara sua generosidade com os amigos, vizinhos e os necessitados. Criara o filho para fazer o mesmo. Os dois eram inseparáveis até Sabrina. Então, tudo mudou.

Sabrina. Só de lembrar dela se irritava. Talvez ela fosse um dos motivos para ter recusado o título de senhor de sua gente. Ser um senhor feudal era afastar o homem de sua gente. Era colocá-lo à

parte e acima. Nenhum homem deveria estar acima de outro. Ainda mais um pai acima do filho.

Andrew parou. Do interior do quarto veio o som do cântico de Gwenellen. Apesar de não conhecer as palavras, a voz suave dela o tocava. Sempre.

A lenha ficou esquecida quando ele abriu a porta. Ele se deparou com a visão dela, os braços estendidos, os olhos fechados e a gloriosa massa de cachos dourados que descia até a cintura.

De repente o cântico parou e ele ouviu as palavras de forma nítida.

— Ouça-me! Para que não sinta minha ira, eu rogo para esta lareira, um fogo!

Ouviu-se um barulho, como se fosse um vento forte, que fez a roupa planar em torno dos tornozelos e levantou seus cabelos, fazendo com que dançassem sobre os ombros.

Andrew ficou olhando, admirado. Seu primeiro pensamento foi de que havia julgado mal aquela mulher, pois só uma verdadeira feiticeira comandaria os elementos daquele jeito.

Com um rugido ensurdecedor, uma rajada de vento veio pela chaminé, trazendo fuligem e cinzas. Vendo ele pairar sobre o quarto numa grande onda negra, Andrew se sentou no chão e esperou passar por cima de sua cabeça.

Gwenellen não teve tanta sorte. Ainda de pé, com os braços estendidos, foi atropelada pela onda. Quando acabou de passar, ela estava dobrada, engasgando e tossindo.

Andrew correu para socorrê-la.

— *Milady*, fale comigo. Está ferida?

Quando ela levantou o rosto, mal podia falar por causa da fuligem que engolira.

Andrew esforçou-se para não rir. O rosto, os braços, os cabelos, o vestido, estava coberto de cinzas. Só se via o branco dos olhos. E eles estavam flamejantes de ultraje e raiva.

— Estou bem. Deixe-me em paz.

Ele foi até a mesinha e encheu a bacia de água. Molhou um pano e começou a limpar seu rosto.

— Posso fazer isto sozinha.

A humilhação ruborizava suas faces e endurecia seu tom quando ela puxou o pano das mãos dele.

Ele a ficou observando esfregar o rosto com mais força que o necessário.

— Você estava tentando acender o fogo com um dos seus feitiços? — Ela se manteve calada. — Talvez a tenha julgado mal, *milady*. Parece que você imagina que é uma feiticeira.

— Eu imagino? Eu não sou uma feiticeira, sou uma tola. Se alguma das minhas irmãs tivesse invocado este feitiço, este quarto estaria aquecido e aconchegante. Em vez disto, estraguei todo o trabalho das aldeãs — lamentou ela, vendo tudo coberto de preto.

— Não tem importância, *milady*.

— Claro que tem. Você não vê? Não posso fazer nada do que minha família faz com facilidade. E a única coisa que consigo fazer não tem importância para ninguém, porque ninguém acredita que posso falar de verdade com os mortos.

— É tão importante assim que os outros acreditem?

— Como posso transmitir as mensagens do outro lado se ninguém acredita na mensageira?

Ele pensou um pouco antes de assentir.

— É, acho que isto é um problema. Muito bem, diga-me de novo o que meu pai disse.

— Você vai escutar?

— Sim, mas primeiro preciso achar outro quarto para você e algo para que vista.

Confusa, Gwenellen tentou alcançar os passos largos dele.

— Quer dizer que sou bem-vinda para passar a noite? Ou só está me tolerando por causa de seu senso de obrigação?

Ele segurou o riso. Se ela soubesse como estava toda coberta de fuligem, se sentiria ainda mais embaraçada.

Chegaram até o quarto ao lado do dele. Ele disse para si mesmo que era só por mais algumas horas. O que poderia dar errado numa noite?

— Aqui está, *milady*.

Ele colocou lenha na lareira e carregou o resto para os outros aposentos.

Gwenellen olhou em volta e notou que este conjunto de aposentos era ainda mais elegante que o primeiro. A cadeira em frente da lareira estava coberta de peles para um maior conforto. Numa mesinha de canto, havia uma jarra de cerveja e várias taças. A julgar pelas roupas recém-lavadas e penduradas ao longo da parede, este aposento pertencia à esposa do velho senhor, a senhora de Ross Abbey.

— Sugiro que se lave. Pode pegar a roupa que lhe servir. Depois, quando voltar você me diz outra vez o que meu pai falou.

— Obrigada.

Gwenellen esperou que ele saísse para se despir e se lavar. Depois lavou os cabelos e suas roupas, pendurando-as para secar.

Ela escolheu um camisolão branco de decote redondo e mangas compridas. Sobre ele, vestiu um robe de veludo vermelho rubi. Sabrina devia ser magra como um bambu. A trama dos tecidos era muito rica, o que mostrava o bom gosto da dona.

Gwenellen estava exausta, mas a perspectiva de retransmitir as palavras do pai de Andrew a mantinha acesa. Finalmente ela teria oportunidade de usar seu dom para fazer o bem.

— Entre, milorde.

Andrew encheu duas taças com cerveja e estendeu uma delas. Depois se encostou no consolo da lareira.

Ele levava um susto ao ver Gwenellen com as roupas de rainha da madrasta. Mas não havia nada de realeza naquela menina. Mesmo assim, algo nela mexia com ele. Até os dedos nus dos pés, visíveis na bainha da roupa, chamavam sua atenção.

— Agora, *milady*, conte-me tudo o que meu pai lhe disse.

— Seu pai me chamou pela primeira vez quando você o encontrou nos escombros, apesar de eu não ter certeza do que estava ouvindo.

— Porque era a primeira vez que falara com os mortos?

— Sempre falei com meu pai. Ele morreu antes de eu nascer. Mas durante toda minha vida eu o via e falava com ele. Minha avó me disse que este era meu maior dom, mas nunca entendi. Sabe, ninguém passa para o outro lado no Reino Místico.

Ela estava linda depois de remover toda aquela fuligem. Ele mal conseguia se concentrar.

— Então você ouviu o chamado do meu pai.

— E dos outros.

— Que outros? — perguntou ele. Ela realmente era uma grande contadora de histórias.

— Havia uma mulher chamada Melvina que me disse que era sobrinha da sra. MacIntosh. Estava arrependida por ter pegado um caldeirão de cozido e ter posto a culpa numa das criadas, que acabou perdendo o emprego. E um homem chamado Roland que me disse que seu irmão Shepard não está tomando conta de seu neto. E também Charity...

— Espere um pouco — interrompeu ele. — Estas foram as histórias que você andou ouvindo enquanto trabalhava com os aldeões?

— Eu as ouvi daqueles que passaram para o outro lado. Antes que repousem em paz, precisam “pagar” dívidas que deixaram para trás.

— Dívidas? E eles acham que você os ajudará?

— Claro.

Ela parecia sincera. E segura. E ele realmente ouvira a história da criada da taverna de Duncan que fora mandada embora. Quanto aos outros, trabalhavam no castelo. Seria verdade?

— E meu pai? Diga-me tudo o que ele disse!

Ela repetiu tudo de que lembrava. Quando terminou, se indagou se ele acreditara. Era impossível descobrir por sua expressão fria.

— Ah, seu pai me disse uma outra coisa. Que seu nome é uma homenagem ao avô, que diziam ter vindo do mar.

— Ele tinha muito orgulho disto. Ele queria me dar o mesmo nome, mas minha mãe o convenceu a homenagear o pai dele — disse Andrew, como se estivesse falando consigo mesmo. — Agora é melhor dormir, *milady*. Eu agradeço tudo o que me contou.

Não era o que ela esperava, mas pelo menos o sarcasmo desaparecera.

Antes de sair, ele voltou, com uma expressão divertida no rosto.

— E por favor, nada mais de feitiços por esta noite.

Virou-se e foi embora, sem que ela pudesse responder nada. Ele não só não acreditava, como não confiava nela.

Gwenellen foi para cama, ansiosa para que esta noite acabasse logo. Ela fizera o que o pai dele pedira. Transmitira suas palavras vindas do Além.

Amanhã, voltaria para o Reino Místico. E lá ficaria, e ninguém mais saberia de suas vergonhosas falhas.

# Capítulo Seis



**A**NDREW ANDAVA para lá e para cá no seu quarto, recordando o que ouvira.

Seria ele um tolo em levar em consideração o que aquela mulher dissera? Ela falava de mortos e suas dívidas como se falasse de pássaros no céu. Mas ele já vira pássaros; nunca vira mortos andando ou falando, apesar de já ter ouvido velhos loucos falando sobre isso.

Se seu pai queria lhe dizer algo, por que não diria para o filho que o amava?

Talvez porque ele não lhe daria ouvidos.

Ele se surpreendeu com a ideia, mas ela era verdadeira. Ele teria dado ouvidos ao seu coração? Ou teria deixado a dor embotar seus pensamentos?

Não era isto que estava acontecendo desde que retornara, só pensando em vingar a morte do pai? Não só por causa do senso do dever, mas também porque ele se sentia responsável. Se ele não houvesse discutido e partido, nada teria acontecido. E agora nunca mais teria a chance de se retratar.

Mesmo assim, o que a mulher dissera não fazia sentido. Ele era um guerreiro. Por que seu pai desejava que ele permanecesse ali, vivendo confortavelmente no castelo enquanto seus inimigos ficavam sem punição? Ainda mais quando eles mantinham uma inocente cativa?

A menos que seu pai soubesse de algo que ele desconhecia.

Ele foi até a sacada e observou a terra lá embaixo, envolta na escuridão. Ele amava aquele lugar. Nem mesmo a audiência nos ambientes luxuosos da rainha em Holyrodhouse o haviam tentado a ficar longe dali. Muitos se impressionavam com aquela vida

palaciana. Muitos de seus guerreiros tinham gostado de permanecer em Edimburgo na guarda da rainha. Ele preferia a vida tranquila das Terras Altas. Amava aquelas ravinas, vales e colinas íngremes. Adorava as águas ligeiras na primavera e as rajadas de neve no inverno. Mais do que tudo, adorava o sol do verão e suas campinas forradas de lilás pelas urzes.

Gwenellen o fazia lembrar do verão. Ela tinha um frescor único. Aquela massa de cabelos dourados parecia um rio de sol. E aquele sorriso largo era fulgurante como a luz solar brilhando no lago.

Será que ela era mesmo uma feiticeira? Ou teria sido enviada por seus inimigos para confundi-lo?

Se fosse feiticeira, era bem fraca. A visão dela coberta de fuligem e cinzas era a prova de que precisava de mais treino. E sua expressão de completa decepção tinha sido impagável.

No entanto, ela descrevera seu pai e os criados mortos com precisão.

Talvez na manhã seguinte ele lhe pedisse que procurasse o pai para responder algumas perguntas que o atormentavam.

Que mal haveria em mantê-la mais um dia? E depois a mandaria de volta pra o Reino Místico, se é que o lugar existia.

Ele se deitou e desejou acalmar seus pensamentos. A lembrança da discussão acalorada que tivera com o pai antes de partir, desejando não mais retornar. A ideia de bárbaros invadindo Ross Abbey, arrasando com tudo que encontravam. E o pai, sem o auxílio e o conforto do único filho quando se viu à beira da morte.

Era uma visão que o atormentava sem parar.

Gwenellen acordou e demorou uns instantes para lembrar onde estava. Sua vida parecia tão confusa ultimamente...

Abriu os olhos e viu a luz do sol penetrando no quarto. Ouviu o canto dos pássaros enquanto se lavava. Como suas roupas estavam secas, ela as vestiu e pendurou com cuidado as que usava.

Quando deixou o quarto, sentiu o cheiro delicioso de carne assando. Seguindo o aroma, chegou até o refeitório, onde encontrou Andrew assando várias aves num espeto.

— Bom dia — cumprimentou ele, tentando ser civilizado. Ele quase deu um pulo quando a viu. Ela estava linda no vestido

simples.

— Bom dia. Não há ninguém que cozinhe para você?

— Sou um guerreiro. Sei me cuidar quando estou longe de casa. Entre as batalhas, cozinho o suficiente para me manter em marcha. E posso até remendar minha túnica, se for preciso.

— Sabe lidar com uma agulha? — perguntou ela, pegando uma fatia de pão que sobrara da véspera.

— Claro — afirmou ele, servindo-a. — E quanto a você, *milady*, é versada nas artes femininas?

— Eu e minhas irmãs somos um fiasco em relação a minha mãe, que é capaz de tecer e costurar qualquer coisa, e a velha Bessie, que cozinha como um anjo.

— E o que vocês sabem fazer?

— Allegra cura qualquer ferimento e Kylia pode descobrir o que vai no coração de qualquer homem, apenas olhando em seus olhos. E eu...

— Pode falar com os mortos.

— Você acredita nisso ou só está zombando de mim?

Ele estudou a expressão dela e assentiu de leve.

— Tive tempo de pensar no que você me disse. Eu gostaria de fazer umas perguntas ao meu pai.

— Ótimo. Que perguntas?

— Preciso saber por que ele deseja que eu fique aqui em vez de invadir o castelo de Fergus Logan para resgatar lady Sabrina.

— Gostaria que eu perguntasse agora?

— Acho melhor você comer primeiro. Se você convoca os que estão do outro lado do mesmo jeito que invoca seus feitiços, pode ser que leve algum tempo até poder se alimentar de novo.

Ele a viu ruborizar. Na hora, arrependeu-se de ter feito o comentário.

— Enquanto comemos, você pode me contar mais sobre o Reino Místico. O que vocês fazem para se divertir, além de colher frutas?

— Tenho um cavalo, o Starlight.

— Que nome estranho... Você vai longe com ele?

— Voamos até as estrelas.

— Você voa?

Ela riu.

— Starlight é um cavalo alado. Existem outros dois. Sunlight pertence à Allegra e Moonlight é o corcel de Kylia.

— E vocês três voam?

— Às vezes as fadas nos acompanham, mas elas não gostam de se perder nas nuvens, preferem ficar nos topos das árvores.

— Fadas. Cavalos alados. E claro, seu troll.

— Ele não é o *meu* troll. Jeremy é... Jeremy é Jeremy.

— Como sua família foi parar no Reino Místico?

— Fugimos de nossa casa nas Terras Altas quando fomos alertados de que poderíamos ir para a prisão de Tolbooth por praticarmos nosso ofício.

— A feitiçaria.

— Aconteceu porque Allegra curou um rapaz que havia se afogado.

— Curou ele? Você quer dizer que ela o ressuscitou?

Gwenellen sorriu.

— Ele não estava morto. Ela podia ouvi-lo, mas os outros não. Ela ficou com pena da mãe dele. Então Allegra pousou as mãos sobre ele e o trouxe de volta. Mas muitos acharam que tinha sido obra do demônio. Então, naquela noite, fugimos para o lar de nossos ancestrais e permanecemos lá.

— O que seu pai achava de ser casado com uma feiticeira?

— Eles eram verdadeiras almas gêmeas. Apesar de não compreender os dons de minha mãe, ele a amava o suficiente para aceitá-la como era. Minha avó diz que um amor assim está escrito nas estrelas. Não pode ser negado, nem extinto. Mesmo depois da morte, sobrevive através dos tempos.

Ela se recostou na cadeira, ignorando a comida.

— Sinto saudade deles. E da minha casa.

Andrew compreendeu o que ela dizia. Sentira-se do mesmo jeito em Edimburgo, apesar de todo aquele luxo.

Gwenellen levantou-se.

— Acho melhor ir até o jardim e perguntar ao seu pai o que você me pediu.

Andrew a observou sair e empurrou seu prato para o lado. Perdera o apetite.

Fadas, cavalos alados, trolls. Será que ela achava que ele era bobo? No entanto, ela parecia sincera quando falava de seu lar. Como seria bom viver num lugar desses, se ele realmente existisse...

Ele também se levantou e foi atrás dela. Não queria perder nada.

— BOM DIA, milorde Morgan.

Gwenellen ficou feliz ao ver o pai de Andrew sentado no túmulo.

— Bom dia, querida. Estou orgulhoso de você. É difícil lidar com a raiva de meu filho. Mas você está conseguindo, como seu pai tinha dito. Ele está começando a acreditar.

— Está *disposto* a acreditar. Mas preciso saber mais, milorde Morgan. Algo que acabe com as dúvidas que restam.

— Algo mais, querida?

O velho esticou as pernas e se encostou na parede, imerso em pensamentos. Um sorriso surgiu em seus lábios e Gwenellen lembrou de Andrew. Às vezes, ela o surpreendia assim, e tinha a impressão de que ele tentava não dar risada.

— Sente aqui, menina — disse ele, indicando a grama ao lado da sepultura. — Vou lhe contar uma história da infância de Andrew que ninguém mais sabe. — Ele silenciou por uns minutos como que para recordar. — A mãe de Andrew adorava rosas. Todo verão ela cuidava do jardim com carinho. Mas as roseiras nunca floresciam. Às vezes surgiam uns botões, mas nunca se abriam em flor. Eles murchavam e morriam. Quando Andrew fez quatro anos, minha esposa, Laurel, convenceu um dos jardineiros reais a visitar nossos domínios. Ele passou várias semanas aqui, ensinando Laurel e nossos jardineiros a cultivar rosas. Quando ele foi embora, dúzias de botões apareceram. Laurel ficou muito feliz, pois pela primeira vez suas rosas tão amadas floresceriam.

Gwenellen percebeu como ele se divertia contando a história.

— Andrew adorava a mãe e a expectativa dela o contagiava. Toda manhã, quando Laurel ia até o jardim, ele a acompanhava. No dia em que a primeira roseira floresceu, ela se inclinou para sentir o perfume maravilhoso de cada rosa e passou o resto da tarde falando sobre a beleza delas. Na manhã seguinte, ela mal podia esperar para ir até o jardim, admirar seu tesouro. Imagine seu horror

quando ela viu que todas haviam desaparecido. Só tinham ficado as hastes.

Gwenellen ficou horrorizada, provavelmente como Laurel naquele dia.

— E quem fez uma coisa destas, milorde?

— Quem? A pobre da Laurel ficou andando de um lado para o outro em seus aposentos, imaginando como castigaria quem estragara seu maior prazer. Neste instante, Andrew entrou correndo em seu quarto, com os braços cheios de pétalas de rosas. Ele acordara mais cedo para ir até o jardim e assim surpreender a mãe com o perfume que ela tanto gostava. É claro que naquela idade, ele não se deu conta do que fizera. Seus dedinhos estavam machucados por causa dos espinhos, mas o sorriso dele era tão feliz! Como ela poderia recusar o presente?

— O que ela fez com as pétalas?

— O que qualquer mãe faria, pegou-as e sentiu seu perfume, jogou-as sobre a cama e convidou Andrew para rolar sobre as pétalas com ela. Foi assim que os encontrei. Rindo e rolando pela cama. Anos depois, quando Laurel estava morrendo, ela me disse que esta era uma das mais queridas lembranças que tinha.

Gwenellen sentiu lágrimas nos olhos.

— Obrigada por me contar esta história, milorde. Acredito que ajudará Andrew a acreditar no que eu digo. Mas agora preciso lhe perguntar o que ele pediu. Por que ele deve permanecer aqui, em vez de resgatar sua esposa das garras do inimigo?

— Resgatá-la seria um convite ao desastre, pois é justamente isto o que Fergus Logan deseja. Ele deve confundir o inimigo, fazendo o contrário.

— E Lady Sabrina?

— Você pode dizer a Andrew que ele estava certo. E eu, errado.

— Isto é tudo?

— Sim. Isto é o que tenho para dizer neste momento.

— Mas por quê? Será que seu filho não merece saber toda a verdade, milorde?

— Não quando a verdade o destruiria.

— Eu não estou entendendo.

Ele pegou as mãos dela. Como já acontecera antes, ela sentiu um sopro frio e úmido na pele.

— Procure entender, querida. Diga a Andrew apenas o que eu lhe disse.

Gwenellen ouviu passos atrás dela e viu Andrew ali parado, observando-a. A imagem do pai dele começou a esvanecer e desapareceu.

Ela se levantou e arrumou a saia. Quando foi na direção dele, sorriu ao lembrar da história do menino fazendo uma surpresa para a mãe adorada. Apesar de ter pela frente naquele momento um guerreiro enfurecido, ela nunca esqueceria isto.

# Capítulo Sete



— **F**ALOU COM ele?

Andrew tinha ficado afastado, escutando a voz dela, suave e baixa, e os longos silêncios que significavam que ela ouvia alguém.

Seriam vozes na cabeça dela?

— Sim, falei.

Ele olhou em direção à sepultura. Ela o conduziu para fora dali.

— Meu pai respondeu minha pergunta?

— Sim, ele disse que seu inimigo quer que você vá até lá. Por isso, você deve fazer justamente o contrário.

— E esperar um momento propício? Ele sabe que isto é contra meus princípios. Sou um guerreiro. Ele lhe disse mais alguma coisa?

— Só que você estava certo em relação a lady Sabrina, e ele estava errado.

Por um instante, ele pareceu pasmo.

— Você tem certeza?

— Tenho.

— E o que mais?

— Nada mais. E quando perguntei se não era melhor dizer tudo, ele disse que a verdade o destruiria.

Andrew segurou-a pelo pulso.

— E eu digo que não sabê-la é que me destrói. Se você é quem diz ser, devia ter perguntado mais. A menos, claro, que tenha sido enviada por meus inimigos para me confundir. — Ele a puxou para perto, os olhos fixos nela. A mesma expressão feroz da primeira vez em que se viram. Ele pôs a mão na faca que trazia na cintura. — E agora, dê-me um motivo para eu não matá-la, mulher.

— Não sou sua inimiga.

— Claro, você diz que é uma pobre alma que lança feitiços ao léu, mas é capaz de falar com os mortos. Agora, mulher, ou você me dá uma prova disto ou vai pagar com sua vida.

Ela tentou se afastar, mas ele a manteve presa.

O coração dela parecia querer sair pela boca, mas ela levantou o queixo em atitude desafiadora.

— Sabia que você reagiria assim, que dificilmente acreditaria em mim. Pedi que ele me contasse alguma coisa que abrisse sua mente e seu coração. Seu pai me contou uma passagem de sua infância.

— Então pode ir falando o que foi, mulher. Mas se eu não me lembrar, não terei dúvidas em sujar minhas mãos com seu sangue.

Ela contou a história com a voz trêmula. Quando terminou, viu pela expressão dele que ele não apenas lembrava, como ficara emocionado por ouvi-la novamente.

Ele soltou o braço dela e deu um passo para trás, sem dizer uma única palavra.

O silêncio se instalou entre eles. Ela o tocou para trazê-lo de volta.

— Você só poderia ter ouvido esta história do meu pai.

Ela se sentiu aliviada.

Ele respirou fundo. O tom da voz se suavizou.

— Perdoe-me por duvidar, *milady*. Jamais conheci alguém que pudesse falar com aqueles que partiram para o Além.

— Nem eu tive este privilégio antes, a não ser com meu pai.

A voz dele estava emocionada.

— Agora que sei que você diz a verdade, preciso lhe pedir um favor.

Surpresa, ela assentiu.

— Diga.

— Você poderia ficar em Ross Abbey, pelo menos mais um pouco? É que eu gostaria de fazer mais perguntas para meu pai.

Ela soltou o ar, surpresa demais para falar. Parecia que agora ele estava pronto para aceitar o que não conseguia compreender. Ainda que não parecesse convencido, pelo menos estava disposto a acreditar no poder dela, por menor que fosse.

— Entendi que a vida aqui é muito diferente daquela a que você está acostumada em seu reino. Aqui nunca será igual ao paraíso

que você deixou. Mas se me der algum tempo, arranjurei criados no vilarejo. Apesar de Ross Abbey nunca poder substituir seu lar, farei tudo o que puder para torná-la confortável para você, se concordar em ficar.

Ela assentiu.

— Eu fico.

— Fica mesmo?

Ele pegou as mãos dela e fez uma reverência.

— Muito obrigado, *milady*.

— Mas vou precisar enviar uma mensagem para minha família para que elas saibam que estou bem.

— Diga-me como e eu providenciarei.

Ela pensou por uns instantes.

— Existe algum falcoeiro na vila?

— Sim, existe.

Ela sorriu.

— Se você pedir para ele mandar um de seus falcões em direção ao céu com minha mensagem, ele chegará ao Reino Místico.

— Ele seguirá hoje mesmo. Eu lhe sou eternamente grato, *milady*, pois sei que esta não é uma decisão fácil.

Quando beijou de leve a mão dela, lembrou da primeira vez em que a beijara. Notou que o rosto dela ruborizava e teve a certeza de que a mesma lembrança a assaltara.

Seu primeiro pensamento foi o de beijá-la na boca. Ele nunca esquecera sua doçura. Queria mais. Mas se seguisse seus instintos e a beijasse, poderia assustá-la. E apesar de não querer admitir, ele precisava daquela criaturinha. Ela representava um porto seguro em meio a um mar de mentiras e decepções.

Ele baixou as mãos e deu um passo para trás.

— Meu pai não lhe contou tudo.

— Não?

— Não. Neste mesmo dia, minha mãe me deu este punhal. Ele pertencia ao pai dela e ela me disse que ele era o senhor mais afável e generoso de seu clã. Ela achava que, como o filho de um senhor e neto de dois, eu seria o líder de minha gente, um dia. — A voz dele estava rouca. — Isto significa muito para mim, pois quem

me deu isto sempre esteve em meu coração. Está comigo desde o dia em que o ganhei.

E com a mão na bainha, ele continuou:

— Agora irei até a vila, pois preciso dizer a todos que aceito o título que me concederam.

— Isto deixará seus pais muito felizes, milorde.

Levaria tempo até ele se acostumar com o título de senhor de seu clã em vez de ser um simples guerreiro.

— Você quer que eu traga alguma coisa?

— Não preciso de nada.

Ela sentia que ele a observava. Virou-se e sorriu.

— Você não vai tentar invocar um dos seus feitiços enquanto eu estiver fora, não é?

— Não se preocupe, milorde. Não vou me arriscar a destruir seu castelo depois de tanto trabalho.

Ele foi até ela e lhe segurou sua mão.

— Você não entendeu. Não estou preocupado com a casa, estou preocupado com você.

As palavras dele a fizeram corar.

— Vou ficar bem.

— Está bem.

Ele notou o rubor e adorou quando os olhos dela tentaram evitar os seus.

Andrew quis beijar seus lábios novamente. O coração dele disparou. Mas, em vez disso, beijou suas mãos.

Vários tremores percorreram o corpo dela, deixando-a desorientada.

— Milorde.

— *Milady.*

Ele segurou seu queixo e deu um beijo de leve em seus lábios.

Ela logo sentiu a onda de calor e o coração quase sair pela boca. Que estranho poder ele tinha... bastava encostar os lábios em sua pele.

Em seguida, ela ouviu o barulho do cavalo lá fora. E então o silêncio se instalou em torno dela.

Seu coração continuava disparado. Ela ainda sentia o gosto dos lábios dele.

Como uma rápida união de duas bocas podia causar tanta perturbação?

Ela respirou fundo várias vezes para descobrir o motivo daquela tonteira. Tinha esta mesma sensação quando seus feitiços davam errado.

Precisava se ocupar. Aproveitaria o tempo sozinha para visitar as sepulturas. Seria melhor organizar os pedidos para não esquecer nenhum. Afinal, tudo era tão novo para ela que provavelmente cometeria erros.

Tinha que se concentrar, afastar sua mente de um certo guerreiro moreno e perigoso.

— Eu fui cozinheira em Ross Abbey, *milady*.

Apesar de a mulher em pé sobre a sepultura não parecer ter mais do que 18 anos, Gwenellen não ficou surpresa. Depois de passar várias horas na companhia dos mortos recentes, ela descobriu que eles assumiam a imagem de uma época em que eram jovens e vigorosos.

— Para quem você gostaria que eu levasse sua mensagem?

— Existe um aldeão que me deve duas ovelhas de seu rebanho. Meu filho e a esposa poderiam usá-las, mas como não sabem da dívida, temo que fiquem sem pagamento.

— Quer que eu fale com seu filho ou com o aldeão?

— Com o aldeão. — A mulher deu uma gargalhada. — Eu queria ver o rosto dele quando você disser que falou comigo.

— Diga qual é o nome dele e vou cuidar para que tudo se resolva.

— Você é uma boa moça. Estou contente que o jovem senhor tenha você a seu lado, *milady*.

— Você gosta dele?

— Muito. Era um bom rapaz e se tornou um homem fino. Não que eu me surpreenda. O pai e a mãe dele eram gentis e generosos com todos.

Gwenellen escutou um barulho e viu várias carroças chegarem.

Ela se virou para se despedir, mas a imagem da cozinheira já desaparecera.

Quando chegou lá fora, Gwenellen viu Andrew dando ordens para várias pessoas.

Quando a viu, pegou em seu braço.

— Lady Gwenellen do clã dos Drummond ficará em Ross Abbey. O conforto dela está em primeiro lugar.

Ela sentiu o rosto arder diante dos olhares que variavam de especulativos a desaprovadores.

Andrew pareceu não perceber.

— *Milady*, esta é a sra. MacLean. Ela é casada com meu homem de confiança, Drymen MacLean, e é prima de Duncan. Ela ajudava a cozinhar na taverna e concordou em servir como governanta.

A mulher era quase tão alta quanto Andrew e tinha os cabelos pretos, presos num coque. A roupa era limpa e simplória, as mãos grosseiras. O olhar era de desaprovação.

— *Milady*.

— Sra. MacLean.

— Esta é Olnore, que será sua criada — anunciou a nova governanta, empurrando uma moça tímida de cabelos escuros.

— Olnore. Estou precisando mesmo de sua ajuda — disse Gwenellen em tom gentil.

Olnore olhou e encarou a governanta e depois aquela mulher exótica, sobre a qual todos especulavam. De onde ela surgira? E por que o senhor estava tão preocupado com o conforto dela?

Andrew fez sinal para um homem imenso.

— Este é Lloyd, que cuidará dos estábulos e dos cavalos. E seu filho, Paine, que ajudará aqui no castelo.

Gwenellen os cumprimentou e percebeu como eram parecidos. Os dois eram altos, tinham olhos azuis e bochechas tão vermelhas quanto os cabelos.

— Outros virão. A sra. MacLean se comprometeu a arranjar criados suficientes para cuidar das necessidades do castelo.

— Quanta gentileza!

A mulher encarou Gwenellen.

— O velho senhor era bom para nós. Não faremos diferente para seu filho, o novo senhor. — Ela acenou para os que estavam em volta. — Agora, todos para dentro. O tempo não espera ninguém.

— Meu pai apareceu de novo enquanto eu estava fora?

— Não. Mas tive outras visitas.

Ela contou sobre a cozinheira e a dívida.

Andrew sorriu.

— Depois que minha mãe morreu, ela fazia meus biscoitos preferidos. Sempre tinha uma guloseima para mim. Era muito querida. Agora, vejo o quanto a gentileza dela significou para um menino solitário que perdera a mãe de repente.

— Quantos anos você tinha quando ela morreu?

— Nove. Ela teve uma febre e em poucos dias faleceu. Meu pai ficou inconsolável. Quanto a mim, um ano depois fui aprender a ser um guerreiro. Consegui esquecer meu pesar na luta.

— É assim que vocês lidam com as tristezas em seu mundo?

Ele riu.

— Acho que as mulheres não aguentariam essa vida. Mas os grandes desafios ajudam sua mente a esquecer a dor no coração. E em seu mundo, como é?

— Não sei. Nunca senti pesar, ou como você diz, dor no coração.

— Nunca?

— Senti tristeza quando minhas irmãs me deixaram.

— Por que elas foram embora?

— Para viver com os senhores das Terras Altas que desejaram seus corações.

Ele ficou em alerta.

— Elas se casaram com mortais?

— Isto mesmo. Elas falam sobre suas vidas do mesmo jeito que falavam da vida em nosso reino. Como se fosse uma grande aventura.

— Talvez seja mesmo. Parece que elas realmente amam os maridos.

— Amor. Não sei nada sobre isto. Só sei que a vida ficou diferente depois que partiram.

— Diferente como?

— Os dias parecem mais longos. E meus prazeres, menores, pois não posso dividi-los com elas.

— Ah, entendi. Você sente falta delas.

— Talvez. — Ela não gostava destes assuntos. Apertavam seu coração. — Acho que vou ver se a sra. MacLean precisa de minha ajuda.

Ela entrou e ele a seguiu mais devagar. Parecia que até as feiticeiras sentiam solidão e tristeza. E o melhor de tudo... amor.

Até pelos mortais.

Ele não compreendia porque essa ideia o agradava tanto. Não que ele pretendesse sofrer de novo. Homens inteligentes aprendiam com os erros. Mesmo assim, era bom saber que feiticeiras e mortais podiam se amar.

Quando voltou para seus afazeres, tinha o coração mais leve.

# Capítulo Oito



— **A** SENHORA PRECISA se vestir para o jantar, *milady* — lembrou Olnore, ofegante, nos aposentos de Gwenellen.

Gwenellen estava na sacada onde observava o voo de um falcão. Como seria bom esticar os braços e voar. Ela suspirou, sentindo falta de seu cavalo alado e dos voos que fazia com Jeremy. Mas se sentia tranquila, pois sua família saberia que ela estava bem.

— O que há de errado com minha roupa, Olnore?

— A sra. MacLean disse que quando o velho senhor ainda era vivo, o jantar no salão central era sempre um acontecimento. Agora que lorde Andrew é o senhor, é importante que o costume seja mantido.

Gwenellen olhou para a saia amassada.

— Mas só tenho esta roupa.

— Não, *milady*. Lorde Andrew disse que a senhora pode usar tudo isto — disse a criada apontando para as várias peças penduradas ao longo da parede. — Disse que qualquer coisa que esteja nestes aposentos lhe pertence agora.

Gwenellen olhou com desconfiança para aquelas roupas em tons de carmim, azul-céu e verde-esmeralda.

— Não gostaria de usar as roupas de uma mulher que foi capturada. E se ela voltar e ficar ofendida?

Olnore pegou um vestido dourado fosco e lhe entregou para inspeção.

— Acho mais fácil enfrentar a ira de lady Sabrina do que a da sra. MacLean.

Gwenellen começou a rir. A criada realmente tinha senso de humor. Ela trocou de roupa. Em seguida, foi para o salão central, onde Andrew a esperava.

Quando a viu, levou apenas alguns instantes para se recompor dos pensamentos sombrios que o preocupavam.

— Aceita uma bebida, *milady*?

— Sim, obrigada.

Ele serviu a bebida e, quando a entregou, seus dedos sentiram o calor habitual que acompanhava o toque na pele dela. Andrew sabia que era feitiçaria, mas não conseguia ignorar.

Ela olhou em volta.

— Pensei que teríamos convidados para o jantar.

— Por causa dos cuidados da sra. MacLean?

— Sim.

— Ela gosta de pompa. Mas acho que tem razão. Como senhor destes domínios preciso tolerar regras que me aborreciam quando eu era apenas o herdeiro. Mas ainda não estou pronto para receber ninguém.

— Era difícil ser o herdeiro?

— Às vezes. Quando estava na companhia dos meus amigos simples do vilarejo, sempre quis ser tratado com um igual. Mas eu sabia que enquanto eles voltavam para suas casinhas simples, eu ia para um castelo onde sempre havia comida e criados a meu dispor. Como filho único, nunca tive que disputar a atenção de meu pai. Sempre nos demos bem. Até que...

Gwenellen tentou imaginar por que Andrew mudara de expressão, mas logo ele se recompôs.

— Perdoe-me, *milady*. Por que não se senta perto do fogo?

Ela se sentou e ele se instalou a seu lado. O simples contato do corpo dele fez uma onda de calor percorrê-la.

— Está quente aqui, não é? — disse ela, experimentando a bebida e desejando que alguém se juntasse a eles.

— Não percebi.

Mas ele percebera pela maneira como seus seios arfavam no decote.

Não que ela quisesse ser notada. Ao contrário, ele tinha a impressão de que ela queria parecer invisível. Parecia se sentir desconfortável em sua companhia. E ele não entendia a razão. Nunca provocara esta reação antes. Mas ela era uma mulher diferente.

A governanta entrou, seguida de uma fila de criados. Parecia um guerreiro pronto para entrar em combate.

— O jantar está servido, senhor.

Andrew se levantou e ofereceu o braço a Gwenellen. Ela pousou a mão em sua manga e juntos eles atravessaram o salão em direção à enorme mesa que parecia ainda maior com apenas dois lugares.

Andrew puxou a cadeira para ela e sentou-se a seu lado.

Os criados os cercaram com bandejas de prata.

Gwenellen aceitou o peixe e um pouco de ave. Andrew fez o mesmo e dispensou os criados.

— O que você come em seu reino?

— Quase o mesmo que aqui: peixe do Lago Encantado, aves, carne de veado, vegetais frescos de nossa horta. E nossas maravilhosas frutas vermelhas.

— Não conheço.

— Eu lhe disse que elas só existem em nosso reino. Confesso que tenho um fraco por elas, e Jeremy também.

— Não me diga.

Havia algo no tom de voz dela. Era suave, delicado e surtia um estranho efeito sobre ele. Andrew queria que ela continuasse falando, só para se deliciar.

— E que outras fraquezas você tem?

— Adoro doces. Bolinhos, tortas e o maravilhoso bolo de groselha de Bessie, coberto de creme batido.

— Será que você poderia dar a receita para a cozinheira?

— Bessie sempre diz que sou um desastre na cozinha. E minha mãe diz o mesmo da costura e do tear. Eu me lembro uma vez em que tive que remendar um vestido que rasguei subindo uma árvore.

— Você, subindo em árvores? Achei que as meninas se divertiam correndo no campo e fazendo guirlandas de margaridas.

— Que chato! Sempre gostei de subir em árvores com as fadas e de voar com Starlight no meio das nuvens.

Ele não pôde deixar de rir.

— Claro, como pude me esquecer! Quer dizer que você precisou remendar o vestido.

— É, mas detesto costurar e o dia parecia tão lindo e estava louca para encontrar Jeremy. Então invoquei um feitiço, ordenando que o vestido ficasse remendado, e parti para mais uma aventura com meu amigo.

— O troll. E qual era a grande aventura?

— Enchemos um balde inteiro de frutas vermelhas, nos sentamos sobre as urzes e comemos tudo. Depois, brincamos de esconde-esconde no meio das nuvens com Starlight e Moonlight, e eu ganhei. E o melhor de tudo: fui nadar no lago e Jeremy ficou olhando. — Ela riu com a lembrança. — Os trolls detestam água.

Ele começou a rir também. Era irresistível.

— E aí, corremos para casa na hora do jantar. Mas quando chegamos lá, não encontramos Bessie. O fogo estava apagado e o caldeirão se encontrava frio. Quando minha mãe e minha avó chegaram, perceberam que eu tinha negligenciado minha obrigação. Minha mãe disse: “Sua preguiçosa! No lugar de costurar, invocou um feitiço, não foi? Logo vi que tinha feito besteira. E Jeremy também.”

— Como sua mãe descobriu?

— Eu não tinha olhado para cima. Se tivesse, teria visto a coitada da Bessie flutuando no meio das nuvens, enrolada no meu vestido rasgado.

— Como foi que isto aconteceu?

Ela deu de ombros.

— Um pequeno equívoco de minha parte.

— Equívoco?

— Eu achei que tinha ordenado um remendo à altura, e não uma amiga nas alturas... Ou algo do gênero.

— Quanto tempo Bessie ficou lá em cima?

— Quase o dia inteiro. Coitada. Até hoje ela se sente tonta só de subir num banquinho.

Depois disso, ele não conseguiu mais segurar o riso. Andrew caiu na risada até quase chorar.

— E como foi que ela desceu?

— Mamãe invocou um feitiço. Mas quando ela desceu, estava tão aérea que precisamos levá-la para a cama.

— Aposto que ela não ficou muito feliz com você. Como reverteu a situação?

— Prometi que faria todas as suas tarefas por uma semana. Mas logo no final do primeiro dia ela me disse que nunca se recuperaria se tivesse que comer “aquilo” que eu chamava de comida.

— Ah, *milady*, você é tão divertida — disse ele, cobrindo sua mão com a dele. — Diga-me, você tem outras histórias como estas?

— Infelizmente, várias — respondeu ela, sentindo-se à vontade em relatá-las.

A sra. MacLean e os criados entraram para oferecer novos pratos. Ele se inclinou e sussurrou:

— Quero ouvir todas elas.

Quando se serviu do pão ainda quente, ele se deu conta de que o coração estava mais leve do que nunca. Olhou para o lado e teve certeza de que era por causa de Gwenellen. Só de ouvir a voz suave dela, se sentia relaxado.

— Conte mais sobre seu castelo, milorde. Por que é chamado de abadia?

— Uma de minhas ancestrais perdeu seu amor no campo de batalha e jurou nunca mais amar de novo. Recebeu permissão do pai para construir uma capela e uma abadia para estudar na companhia de mulheres puras. Quando houve a invasão dos bárbaros, o castelo foi destruído e todos foram mortos. Mas quando eles tentaram derrubar a abadia, foram repelidos por uma força nunca vista.

— Por uma força nunca vista? Estas mulheres tinham poderes especiais?

Andrew levantou a sobrancelha.

— Sempre houve rumores deste tipo através dos tempos. Mas ninguém sabe ao certo. A antiga abadia nunca foi reconstruída, e uma nova fortificação foi levantada e se tornou o castelo.

— Se isto é verdade, então estamos sobre solo sagrado, milorde — disse Gwenellen baixinho para os criados não ouvirem.

— Não sei, mas este é meu lar e não quero que seja invadido de novo. Gostaria de comer mais alguma coisa, *milady*?

— Não, obrigada.

Ela perdera a fome. Não era à toa que seu dom era tão forte ali. A ancestral dele era uma das antigas criaturas abençoadas com dons especiais. Tinha certeza.

— De repente você ficou tão quieta.

— Estava apreciando esta comida tão gostosa e o calor do ambiente.

Ele olhou em volta, tentando enxergar o mesmo.

— Realmente é quente e confortável aqui. Sempre que voltava para casa depois das batalhas, sentia uma sensação de paz. Mas não sei se é por causa do lugar ou das pessoas que viviam aqui.

— Você se dava bem com seu pai?

— Muito. Acho que perder minha mãe tão cedo fez com que uníssemos nossas forças por causa de nossa dor.

— Ele demorou a se casar de novo.

Ela viu o sorriso desaparecer do rosto dele e se arrependeu do que dissera. Mas já tinha escapado.

A governanta trouxe uma nova bandeja.

— A cozinheira fez tortinhas de creme, milorde.

— Para mim, nada. Gostaria de experimentar, *milady*?

— Obrigada, sra. MacLean.

Ele se levantou e ofereceu o braço para Gwenellen.

— Por favor, transmita os meus cumprimentos para a cozinheira.

— Sim, milorde.

Andrew e Gwenellen deixaram o salão central.

Diante das escadas, Andrew fez uma medida.

— Agora vou até os antigos aposentos de meu pai para ver os registros. Se precisar de alguma coisa, chame um dos criados.

— Obrigada.

Ele se afastou e ela foi na direção contrária.

Por algum tempo, ele pareceu estar se divertindo. Parecia ter gostado de ouvir sobre sua casa e o Reino Místico. Mas ela estragara tudo falando de Sabrina.

Apesar de a felicidade de Andrew, ou infelicidade não dever significar nada para ela, Gwenellen viu-se remoendo o assunto.

Ele devia sorrir mais. Ficava tão bonito e charmoso que tirava até o fôlego.

Ela se deteve. Que tipo de pensamento era aquele? Andrew era um mortal, um guerreiro das Terras Altas. Ela não era como as irmãs, que tinham disposição de ficar esperando que seus homens voltassem da guerra. Não ficaria nem mais um dia ali além do que seria preciso.

Porém, não podia negar o arrepio que sentia sempre que ele a tocava. Por que será que isto acontecia? Será que os mortais tinham este poder? Ou Andrew Ross era diferente?

Incomodada com os pensamentos que sempre a levavam de volta a ele, resolveu explorar o castelo para esquecer o senhor de Ross Abbey.

# Capítulo Nove



**G**WENELLEN FOI até o jardim. O luar se infiltrava entre os galhos das árvores, formando um caleidoscópio de luzes e sombras no chão. O cheiro de madeira queimada e morte já estava desaparecendo, substituído pela fragrância das rosas prestes a florescer. Logo tudo voltaria à antiga beleza. Mas o horror do que acontecera dificilmente seria esquecido pelo novo senhor.

Quando passou pelas sepulturas, esperou ouvir vozes, mas todos estavam estranhamente silenciosos.

Ao olhar para cima, percebeu uma luz de vela no segundo andar e pôde ver Andrew sentado à escrivaninha do pai. Ele era bonito, mas também muito severo. Aquelas sobancelhas espessas e a atitude inflexível lhe davam um ar de perigoso. Mas quando sorria tudo se transformava.

Ela sabia que ele era um bom homem, estimado por todos. E era compreensível que pensasse tanto em vingança. Mas talvez o espírito do pai prevalecesse e o ciclo de violência chegasse ao fim.

Uma brisa fria remexeu as folhas e ela entrou para pegar o xale. Lá dentro, andou devagar pelos corredores, pois se sentia inquieta demais para dormir.

Diante de uma porta imponente, ela se deteve e viu palavras esculpidas na madeira.

— Aqueles que por aqui entrarem, conhecerão a sabedoria da verdade — leu, antes de entrar.

Havia lenha na grade da lareira, mas nenhum fogo. Mesmo assim, a sala não estava fria. Viu uma cadeira coberta de pele que tornava o lugar um convite ao descanso. Sobre o consolo, havia uma madeira antiga talhada em forma de círculo. As prateleiras estavam cheias de livros. Centenas deles. Nunca vira tantos num só lugar.

Tanto conhecimento reunido e disponível para os que viviam no interior daquelas muralhas...

Ela tocou em um deles. A capa de couro estava coberta de pó, evidência de que havia muito não era manuseado.

Apesar do fogo que queimara tudo, aquela sala permanecera intacta. Os livros estavam inteiros. Era por isto que os criados não a haviam limpado, nem se incomodado em acender o fogo?

Ou havia outra razão? Medo? Será que era ali que as mulheres puras se encontravam para partilhar seus conhecimentos?

Uma leitura rápida dos títulos confirmou suas suspeitas. Escritos em línguas arcaicas tinham sido traduzidos para *A antiga arte da cura, Evocando os espíritos, Cânticos que curam, Feitiços contra o mal.*

Gwenellen continuou percorrendo a sala e percebeu um raio de luar vindo de uma janela estreita. Ele iluminava a lombada de um livro lá em cima. Diferente dos outros, escurecidos pelo tempo e cobertos de poeira, este brilhava como se fosse um gigante que a chamava.

Um arrepio percorreu seu corpo e ela soube que precisava pegar aquele livro. Ela sentia que ele era uma fonte de antigos segredos. Ele lhe diria como aperfeiçoar seu dom.

Mas como faria para pegá-lo?

Ela fechou os olhos, estendeu os braços e começou a cantar as palavras mágicas.

Quando terminou, abriu os olhos.

— Eu ordeno, faça-me voar, pois aquela prateleira alta, desejo alcançar!

Assim que pronunciou as palavras, começou a subir. Quando chegou lá no alto, estendeu as mãos para o livro, que parecia ter uma luz em seu interior.

Assim que o pegou, sentiu que algo dera errado. Ela começou a cair como uma pedra. Desesperada, agarrou-se na prateleira com as pontas dos dedos.

O livro caiu lá embaixo, e ela tentou não ter o mesmo fim. O suor já cobria sua testa enquanto ela tentava se segurar. Mas a cada vez que respirava, escorregava um pouco mais.

Ela olhou para baixo e logo sentiu a tontura. Fechou os olhos e respirou fundo. Os dedos não a segurariam por muito tempo, e, se ela caísse daquela altura, morreria ou se quebraria.

Andrew levantou-se da escrivaninha e pressionou a nuca. O tempo que passara examinando os registros o cansara. O pai gostava de fazer aquilo, mas Andrew achava tedioso. Colunas e colunas cheias de números. Rebanhos de ovelhas e de gado a serem divididos. Colheitas a serem realizadas e distribuídas entre o clã.

Desejava ser um bom senhor para os seus, mas a tarefa parecia gigantesca. Precisava se certificar de que todas viúvas e órfãos tivessem abrigo, precisaria treinar os homens remanescentes, jovens ou velhos, para defender as terras, antes que os inimigos voltassem.

Mas esta parte não seria problema. Ele se sentia melhor com a espada na mão do que com a pena e o pergaminho.

Percebendo um movimento no jardim, ele viu Gwenellen lá embaixo. Do alto, ela parecia ser de outro mundo, envolta pelo luar. Ela parou e Andrew achou que ela o olhava. Ele quase sentia o calor de seu toque.

Deu um passo para trás e a viu desaparecer no interior da abadia.

Abandonou os registros. O que desejava naquele momento era ouvir a voz dela. Ver seu rosto. Tocá-la.

Isso mesmo. Precisava tocá-la agora mesmo.

Ele desceu as escadas e seguiu pelo corredor até parar diante da porta da antiga biblioteca.

Ele entrou e esperou a visão se ajustar à escuridão. O que viu fez seu coração dar um pulo: Gwenellen pendurada lá no alto, apenas pelas pontas dos dedos.

Andrew atravessou a sala em passadas largas. Quando finalmente conseguiu falar, a voz era rouca.

— *Milady*, que lugar esquisito para ficar...

Gwenellen olhou para baixo, quase sem fôlego.

— Graças aos céus você apareceu! Pode me ajudar? Acho que não aguento mais...

Ele olhou em volta em busca de uma escada, mas não viu nenhuma.

- Como foi parar aí em cima?
- Usei um dos meus feitiços.
- E por que você não tenta outro para descer?
- Melhor não.

Ele calculou a altura, o perigo, e se preparou.

- Vamos lá, *milady*, solte-se daí. Eu a segurarei.
- Não posso.
- Não tem outro jeito.
- Nós dois vamos nos machucar.

— Temos que arriscar. Agora! — ordenou ele.

Gwenellen não tinha saída. Logo se sentiu caindo, caindo... Esperou pela pancada, pela dor. Mas antes de chegar ao chão, caiu nos braços de aço e se sentiu envolvida pelo calor.

Andrew a apertou e a beijou nas têmporas, desejando que seu coração se acalmasse. Ele achou que não conseguiria. Chegou a vê-la estatelada no chão de pedra como um pássaro caído do ninho. Sentiu um aperto imenso no coração.

Ele disfarçou seu temor com raiva.

- Sua tola! O que estava fazendo?

Sentindo o rosto queimar, Gwenellen se viu envolta num turbilhão de emoções: vergonha, medo e um alívio enorme.

Quando conseguiu recobrar o fôlego, murmurou:

- Havia um livro, lá no alto.
- Existem centenas deles. Por que você escolheu logo este?
- Ele era diferente. Brilhava. Parecia me chamar.

— Chamar? — Ele olhou para ela, o coração acelerado. Parecia que ia sair pela boca. — *Milady*, você precisa de uma guardiã, pois parece estar determinada a se machucar.

Ofendida, ela se desvencilhou dele. As pernas tremeram, mas ela conseguiu ficar em pé.

- E você se acha muito sabido.

— O suficiente para não tentar voar. Se fosse para você voar, teria asas. — Sem pensar, ele a puxou para perto de si. — Pelos céus, você podia ter morrido!

- E aí você estaria livre de mim.
- Não diga uma coisa destas, nem pense...

O ar entre eles parecia se mexer e brilhar como se possuísse uma força misteriosa.

Com uma imprecação selvagem, ele cobriu sua boca com a dele.

O beijo foi uma surpresa para ambos. Repleto de fogo e desejo, os engolfou num redemoinho de sensações. Os corações dispararam, fazendo-os perder o fôlego.

Andrew desfrutou do sabor dela profundamente, surpreso pelas sensações que tomaram conta dele ao tocá-la. Ele pôde ver o medo e a confusão nos olhos dela. E algo mais. O despertar de um profundo e latente desejo.

Ele emoldurou o rosto dela. Sua voz era um gemido.

— Tinha tanto medo de que você...

A voz de Andrew era cheia de paixão. A força dos sentimentos dele a assustou. Antes que ela respondesse, ele mergulhou as mãos nos cachos macios e tomou sua boca num beijo arrebatador.

Ele a sentiu se retesar por um momento. Depois percebeu que o corpo dela relaxava. A boca se abriu. As mãos dela foram em busca dele, às cegas, e ela se entregou à paixão.

O coração de Gwenellen disparou como se ela estivesse correndo pela campina. Imagens eróticas tomaram conta de sua mente. Um desejo estranho tomou conta dela.

Os lábios dele procuram a pele macia de seu pescoço.

— Você precisa me prometer que nunca mais vai me assustar deste jeito.

Ela nem conseguia falar.

— Prometa! Eu não suportaria vê-la machucada.

— Vou me esforçar.

Ela estava adorando a sensação dos braços de Andrew a sua volta. De sua boca cobrindo seu rosto de beijos. E aquelas mãos... Tão grandes e fortes, acariciando suas costas, deixando um rastro de calor.

Gwenellen precisava ser amada por aquele homem. Acariciada. Nada mais importava, só que Andrew se preocupava com ela.

Mas afinal o que estava acontecendo? Ela havia jurado que nunca perderia a cabeça por um mortal como as irmãs haviam feito. No entanto, lá estava ela, não só entregue aos beijos de um mortal como também cheia de desejo por ele. Louca de desejo!

Precisava pedir para ele parar, mas ao invés disso o abraçou forte e se deixou levar naquele turbilhão de sensações.

Andrew se lembrou que aquela mulher em seus braços era uma inocente. Ele não tinha o direito de ter tantas liberdades com ela. Mas como conseguiria parar? Como resistir ao desejo que ela despertava?

Era como um anjo que caíra do céu nos braços dele.

O sabor do beijo dela era único: doce, exuberante, exótico como um fruto proibido. E a sensação do corpo dela junto ao seu era maravilhosa. Eles se encaixavam com perfeição, como se fossem um só.

— Andrew — sussurrou ela.

Em resposta, lábios dele foram em busca de seu pescoço. Queria tocá-la por inteiro. Sentir o corpo dela embaixo do seu. Ele se sentiu tragado pelo desejo enlouquecido de tomá-la ali, naquele momento, como um selvagem.

Ele tremia quando a soltou.

— Pelo desculpas, *milady*.

Ela estava tão excitada que não respondeu. Conseguiu apenas ficar olhando quando ele a soltou e deu um passo para trás.

— Já é tarde. Vou acompanhá-la até seus aposentos.

— Não é preciso.

Ela se recompôs, ansiosa por escapar. Será que ele conseguia enxergar seus sentimentos? Ler seus pensamentos mais íntimos? Será que ele sabia que o que ela mais queria era continuar sendo beijada, tocada?

— Acho que consigo subir as escadas sem me machucar — disse, e saiu correndo.

Depois que ela se foi, ele viu o livro que caíra no chão. Ele se abaixou para pegá-lo. Nada de brilho ou luz interior. Era um simples amontoado de folhas tão frágeis que pareciam se desfazer. Depois olhou para a prateleira alta onde ela ficara pendurada. Ela poderia ter quebrado o pescoço.

— Que bobinha — murmurou ele, saindo.

Mas ele era um tolo ainda maior. Ela arriscara a vida. E ele estava arriscando o próprio coração.

O CORAÇÃO de Gwenellen ainda estava acelerado quando chegou ao quarto.

Queria ficar sozinha. Pensar naquelas estranhas emoções que a tinham assaltado. Ela se sentia como na primeira vez em que voara para as nuvens no dorso de Starlight: flanando. Aqueles beijos a deixaram tonta. E faminta por mais!

— A senhora parece ofegante, *milady* — observou Olnore.

— Eu estava andando pelos jardins — despistou ela.

Como é que um homem poderia ser tão inflexível e ao mesmo tempo tão tentador? O que havia naqueles braços que confortavam e também a atiçavam?

— Eu também fui passear pelos jardins há mais ou menos meia hora.

— Eu não a vi. Você estava sozinha?

— Não, *milady*. Estava com Paine.

— O filho de Lloyd?

— Isto mesmo, *milady*.

Gwenellen percebeu o leve rubor nas faces da criada. Será que eles também haviam se beijado?

— Oh, *milady*, a senhora sujou seu vestido.

— Sujei?

Gwenellen olhou para baixo e viu a poeira dos livros sobre o tecido e nas mãos.

— Depois de meu passeio, encontrei uma sala cheia de livros. Eles estavam cheios de poeira.

— Deve ser a biblioteca da antiga abadia, *milady*. Os criados não podem entrar ali. — Ela abaixou a voz. — Dizem que existem coisas estranhas por lá.

— De que tipo? — perguntou Gwenellen, como se estivesse interessada. Mas seus pensamentos não esqueciam o calor dos beijos.

— Muitos que trabalharam ali dizem que viram fantasmas de mulheres com longos vestidos lendo e entoando cânticos. Uma das antigas criadas jura que viu o fantasma da esposa do velho senhor na porta de entrada.

Gwenellen ficou imaginando o que Olnore diria se soubesse que ela era capaz de falar com os mortos. Mas naquela noite não eram

os mortos que importavam, e sim os vivos. E logo ela estaria sozinha para poder saborear os detalhes do que acontecera.

Ela bocejou, desejando que a criada partisse.

— Você vai voltar para o jardim ou vai dormir, Olnore?

— Vou para cama, *milady*. Mas amanhã, depois de fazer meu serviço, devo voltar aos jardins se Paine me convidar de novo.

— Entendo.

Gwenellen se deitou e se cobriu.

Logo a cena da biblioteca tomou conta de sua mente.

— Ah, vovó. Sei que zombei de minhas irmãs quando elas se apaixonaram pelos guerreiros das Terras Altas. Mas Andrew Ross é diferente. Quando ele me toca, eu me sinto segura, protegida. Você devia ter visto como ele me pegou quando estava prestes a me espatifar no chão. Ele foi magnífico. Sei que nunca permitiria que algo de mal me acontecesse.

Ela reviveu o calor dos braços dele.

E adormeceu, ainda com o gosto dos beijos em seus lábios.

# Capítulo Dez



— MILORDE.

Gwenellen não dormiu direito e acordou tarde. Enquanto tomava seu desjejum na sacada, viu Andrew na campina, cercado de homens e rapazes.

Disse a si mesma que não estava ansiosa para ficar perto dele, apenas se sentia curiosa. Por isso, correu até lá.

Apesar da seriedade do treinamento que fazia, Andrew se distraiu quando notou aqueles cachos dourados reluzentes.

Abaixou a espada e foi até ela.

— Você não devia ter vindo aqui. Estou ensinando os aldeões a serem guerreiros.

Ela olhou para o grupo de homens a sua volta. Eram todos do vilarejo e tinham nas mãos vários tipos de armas: espadas enferrujadas, adagas, enxadas, foices e ceifadeiras.

— Você ignorou a recomendação de seu pai? — perguntou ela, baixo, para que os outros não ouvissem.

— Você me disse o que vai no coração dele. Infelizmente, como não sei o que se passa pela cabeça de Fergus Logan, é melhor preparar os aldeões para um ataque. E como não tive notícias de meus guerreiros em Edimburgo, não tenho outra escolha. Se eles não aprenderem a lutar, pelo menos saberão se defender. Não tenha medo, você estará segura, *milady*.

— Não estou com medo, milorde. Só não vejo o motivo de você estar tão ansioso pela batalha.

— É isto que você acha? Que gosto de matar?

— De jeito nenhum. Mas a partir do momento que você reúne um exército, é natural que queira confrontar o inimigo com uma exibição de força.

— Talvez. Mas não sou nenhum tolo. Sou o senhor, porém não deixo de ser um guerreiro. Não posso deixar de fazer planos para manter a segurança de todos.

— Talvez eu possa ajudar.

— Acha que consegue ensinar estes rapazes a lidar com a espada? Veja, minha espada é maior que você. Ou será que pode invocar um feitiço para que as adagas deles fiquem bem afiadas?

— Acho que está se divertindo comigo, milorde.

— Como evitar?

Ele notou o rubor em seu rosto e fez um afago nela.

— Agora é melhor voltar. Se quer mesmo ser útil, convença a sra. MacLean a servir o jantar em outro lugar que não seja o salão central.

— Que tal na biblioteca?

Ele logo lembrou do beijo, mas não deixou transparecer.

— Como os criados têm medo de ir lá, acho que nem mesmo seu charme irá convencê-la.

— Talvez tente um feitiço.

— Deve ser o seu dever de feiticeira. Mas faça isto como um último recurso. Lembre-se das consequências.

Ela foi embora, mas podia sentir que ele a observava.

Puxa, como era bom se sentir assim! E não era só ela que se sentia alegre. Ele se preocupava com ela. Ele até a beijara...

Mas será que passara a noite pensando nisto como ela?

— Sra. MacLean — chamou ela quando chegou o castelo. — O que as mulheres e as crianças devem fazer se houver um ataque inimigo?

— Sem a proteção dos guerreiros do senhor, não há muito a fazer a não ser esperar que nossos homens consigam nos defender.

— Mas com certeza podemos colaborar. Todos se abrigam na abadia?

— Sim, *milady*.

— Tem espaço para o vilarejo todo?

— Claro. Ficaria apertado, mas tolerável.

Diante das palavras da governanta, Gwenellen decidiu.

— Então precisamos nos preparar para acomodá-los. Existem muitos quartos sem uso que poderiam ser utilizados. Talvez as

aldeãs pudessem tecer cobertas para os catres. — A governanta parecia estar aceitando as sugestões dela. — Algumas delas poderiam cuidar das crianças, liberando as outras para se concentrar em sua segurança.

— Segurança? Isto é preocupação dos homens, *milady*.

— Os homens estarão ocupados combatendo os invasores. Acredito que seria melhor que nós mesmas nos preocupássemos com isto. — Ela parou por alguns instantes. — Podíamos ir tomando algumas providências. Por exemplo, os rebanhos poderiam ser deslocados para perto do castelo para que pudessem ser trazidos, se os invasores fossem vistos das colinas.

— Acha isto necessário, *milady*? — perguntou a governanta, intrigada.

— Sim, veja só: isto nos asseguraria a carne. O produto das colheitas também poderia ser guardado aqui para garantir suprimentos para todos. Se cuidarmos da comida e do teto, nossos homens poderão se concentrar em combater o inimigo.

A governanta olhou para Gwenellen com respeito.

— Enviarei Olnore até a vila para falar com as mulheres hoje mesmo.

— Boa ideia. — Gwenellen pensou nas mensagens que precisavam transmitir para os sobreviventes da tragédia. — Eu a acompanharei.

— Sim, *milady*. Devemos tomar alguma outra providência?

— Sim, mas ela não tem nada a ver com os invasores. É sobre o salão central.

— O QUE está acontecendo aqui? — perguntou Andrew entrando no salão e olhando em volta. O fogo não estava aceso e não havia um único criado à vista.

Gwenellen correu até ele.

— Consegui convencer a sra. MacLean de que este salão é grande demais para você.

— Você é surpreendente! Vamos jantar na biblioteca?

— Não, milorde. Sua governanta acharia isto um absurdo. Ela me disse que nenhum criado a seu serviço colocaria os pés lá. Mas concordou em servir o jantar na saleta íntima. Ficou desapontado?

— Nem um pouco. Você me surpreendeu. E nem precisou de um feitiço — comentou ele, estudando-a. — Ou precisou?

— Não. A sra. MacLean ficou muito feliz em agradar o senhor da abadia.

— Ainda bem.

Eles saíram do salão central e foram até a saleta íntima.

Ela sentiu o calor do corpo dele enquanto andava, a leve pressão da mão de Andrew em suas costas. Como nunca percebera antes? Como é que um simples beijo mudara tanta coisa?

Quando chegaram, foram recebidos pelo calor convidativo da lareira e pela mesa posta com toalha branca e copos de cristal.

— Espero que tudo esteja de seu agrado, milorde — disse a governanta.

— A senhora está de parabéns. Este lugar é muito mais confortável que o salão central.

Satisfeita, ela serviu a bebida antes de chamar os criados.

Andrew brindou com Gwenellen.

— A você, *milady*, que conseguiu tudo isto.

— Pode ser que você não me agradeça quando perceber o quanto os criados têm que andar para nos servir. A comida pode chegar fria.

— Contanto que tenha você para olhar, não vou me importar.

De onde ele tirara isto? Havia jurado não fazer ou dizer nada que parecesse íntimo, e logo nos primeiros momentos com ela esquecera tudo.

Havia algo nela que o fazia esquecer da dor do passado e da incerteza do futuro.

— Os rapazes tiveram a primeira aula com espada hoje.

— E como se saíram?

— Bem. O que lhes falta na habilidade sobra no entusiasmo.

— Entusiasmo? — Ela fez uma careta que o encantou. — Não consigo imaginar ninguém ansioso para a batalha.

— E eu não consigo imaginar ninguém louco para passar dias mexendo um caldeirão.

— Nem eu — concordou Gwenellen, rindo.

— Mas você tem que praticar sua mágica, não é?

— É verdade. E falando em mágica, fui até a vila com Olnore.

— Por quê? Não foi dia de feira.

— Eu tinha mensagens a transmitir. Falei com Shepard sobre seus deveres com a neta e com Roland sobre a dívida com a família de Melvina. E...

Ele a interrompeu.

— Você disse para eles que falou com seus parentes mortos?

— Sim.

— E o que eles acharam?

— Ficaram um pouco em dúvida, no começo. Mas quando falei tudo o que mortos me disseram, sobretudo detalhes íntimos, eles se convenceram.

— E agora eles sabem que você é uma feiticeira.

Ela assentiu.

— Sei que não é fácil para você nem para eles. Mas já que este é meu dom e minha responsabilidade, tenho que agir assim.

— Sua honestidade é uma das coisas que me atraí em você, menina.

O tratamento carinhoso a enterneceu. Ela demorou um pouco até continuar.

— Teve notícias de Edimburgo?

— Não, nenhuma. Acho que os bárbaros pegaram o mensageiro — respondeu ele, sério.

— O que você fará se seus guerreiros não voltarem?

— Enfrentarei Fergus Logan com um exército de rapazes e velhos.

— Você tem tanta certeza assim de que o inimigo voltará a atacar?

Ele apertou os olhos.

— Ele voltará. Se eu não atacá-lo antes.

— Mas seu pai...

— É no meu pai que estou pensando. Como guerreiro e seu filho, é meu dever exigir justiça. Por enquanto, espero o momento propício e vou treinando os aldeões para se defenderem. Mas fique sabendo que, assim que meus guerreiros voltarem, pretendo ir até a fortaleza de Logan e enfrentar meu inimigo como um homem das Terras Altas. Não vou ficar me escondendo na abadia como um covarde.

— E o que seu pai disse não significa nada?

— Meu pai está morto. Sou o senhor de Ross Abbey agora. E a decisão é só minha.

— Mas seu pai sabe de coisas que ninguém...

Eles ouviram um barulho e viram a governanta entrar, seguida dos criados.

Gwenellen não pôde dizer mais nada.

— Desculpe, milorde, mas não estou me sentindo bem. Gostaria de me retirar, se não se importa.

Ele não gostou da atitude dela. Era óbvio que ela estava do lado do pai e não do dele.

— De jeito nenhum, esteja à vontade, *milady* — respondeu ele em tom frio, como se estivesse se dirigindo a um serviçal. — Estou certo de que sra. MacLean pode servi-la em seus aposentos.

Gwenellen se virou, ansiosa para sair dali.

Quando saiu, ele tomou a bebida de um só gole. Nunca permitiria que uma mulher inconveniente lhe dissesse o que ele devia fazer. No fundo, ele não estava totalmente convencido do que ela dizia. Apenas um tolo levaria a mágica em consideração para decidir o destino de um clã inteiro.

Agora ele tinha a obrigação de cuidar dos seus para que sobrevivessem e prosperassem. E isto só aconteceria se o inimigo fosse rejeitado.

Ele esvaziou o cálice e se sentou à mesa, observando a governanta servi-lo.

— Os aldeões aceitaram os conselhos da senhora, milorde.

— Conselhos?

— As mulheres já começaram a tecer as cobertas. De agora em diante, os rebanhos estarão mais próximos da abadia e a despensa ficará mais abastecida.

— Do que você está falando?

— Lady Gwenellen disse que poderíamos nos preparar para a possibilidade de um ataque, milorde. Na verdade, ficamos satisfeitas em trabalhar como os homens. — Ela deu um passo para trás. — Posso lhe servir mais alguma coisa, senhor?

— Não, sra. MacLean. A senhora e os criados podem sair.

— Não compreendo.

— Não preciso de mais nada. Vocês podem ir para o refeitório. E levem estas bandejas e comam enquanto a comida está quente.

— Perfeitamente, senhor.

A pobre mulher ficou pasma, mas conseguiu proferir as ordens necessárias.

Quando ficou sozinho, Andrew empurrou o prato e continuou a beber.

Durante toda a vida, soube quem era e o que queria. Mas nos últimos meses sua vida dera tantas voltas... Sabrina. Seu pai. E agora... aquela feiticeira.

Ela se ressentia da intrusão em sua vida. Ele não queria acreditar nela, pois complicaria tudo ainda mais.

Porém...

Existia algo nela que ele não podia negar. Desde que ela caíra do céu, sua vida mudara. Os aldeões se juntaram para ajudá-lo em sua dor. Todos os homens estavam empenhados em se tornar guerreiros. E agora ela havia convencido as mulheres a se unirem para o bem de todos, fazendo-o se sentir como um tolo arrogante e sem juízo.

E, apesar de tentar, Andrew não conseguia esquecer-la. Ele se via tentando controlar a raiva quando ela questionava sua autoridade, o riso diante de seus feitiços errados. E, especialmente, tentando controlar o enorme desejo de carregá-la para seus aposentos para fazer amor de maneira selvagem e apaixonada até que sua fome fosse saciada.

# Capítulo Onze



**E**M VEZ de ir para o quarto, Gwenellen foi para o jardim, andar entre as sepulturas. Pelo menos ali poderia ouvir a verdade. Aqueles que passaram para o outro lado não têm mais necessidade de mentir ou de mascarar suas opiniões em meias verdades.

Parecia que este era o caso de Andrew. Uma hora, ele dizia que acreditava nela; na outra, fazia planos para agir exatamente como o pai não queria.

Ele era terrível. Com uma simples palavra, fazia o coração dela disparar. Com um beijo a fizera esquecer sua promessa de nunca se envolver com os mortais. E daí, num piscar de olhos, se tornava frio e distante, e fazia seu coração ficar apertado.

Bobagem. Ele não significava nada. Ela não precisava da aprovação dele. Não tinha ido ali atrás do sorriso dele. Nem de seus beijos.

Gwenellen continuou a passear pelo jardim e ouviu uma voz familiar.

— Boa noite, querida.

— Acho que falhei com o senhor. O coração de seu filho parece estar endurecendo contra mim.

— Não pense assim. Andrew acredita em você. Mas está resistindo, pois vai contra tudo que aprendeu como guerreiro.

— Então por que o senhor insiste tanto para que ele não ataque o inimigo?

— Porque é exatamente isto que Fergus Logan deseja. Ele queria que Andrew e seu exército retornassem de Edimburgo e fossem imediatamente resgatar a refém. Eles seriam rechaçados. O que Fergus Logan não sabia era que Andrew deixara seus homens na

guarda da rainha e retornara para casa sozinho, precisando de tempo para treinar um novo exército.

— O senhor fala como se o inimigo de seu filho soubesse de tudo sobre ele.

— E sabia mesmo. Ou pelo menos achava que sabia. Nunca se deve subestimar um inimigo, querida. Fergus Logan tinha um espião em nossa fortaleza.

— É claro! Andrew ficou pensando como seu inimigo sabia o momento de atacar. O espião vive no vilarejo?

Morgan Ross balançou a cabeça.

— O mal prefere ficar na companhia do mal. O espião vive agora na fortaleza do inimigo. E é por isto que Andrew não deve atacar. Ele precisa...

— Achei que a encontraria aqui. — A voz de Andrew ecoou na escuridão.

Gwenellen olhou para cima e o viu. Quando se virou, o espectro do pai havia desaparecido.

— Estava conversando com espíritos, não é?

— Com seu pai, como você bem sabe. — Ela se levantou e ajeitou a saia. — Você estava certo sobre a hora do ataque, milorde, mas seu pai continua achando que não deve atacar a fortaleza de Fergus Logan, pois é isto que ele quer. Ele achava que você o atacaria assim que voltasse de Edimburgo, mas não sabia que voltaria sem seus homens. A cada dia que passa, ele ficará mais ansioso. E esta é a sua vantagem.

— Agora você virou estrategista de guerra, feiticeira?

— Não sei nada sobre guerras. Só sei o que seu pai me disse.

— Isto é o que você diz. Gostaria de acreditar. Mas é difícil ignorar tudo que sei. Aprendi que assim que os mortos se vão, o que ficam são lembranças.

— As lembranças são boas, pois permanecem conosco e nos confortam. Mas e a alma? O espírito que nos anima e nos distingue de outras criaturas? Poderia ser extinto? Ou é como aquelas estrelas que brilham lá em cima e que continuarão a existir mesmo quando não forem mais visíveis para nós?

— Você é muito estranha. — Ele olhou para a sepultura do pai. — Venha comigo — disse ele, pegando-a pelo braço. — Passei o dia

inteiro com os aldeões. Espero que não se importe de andar por aqui comigo.

Gwenellen sorriu.

— Encontrei mais gente em Ross Abbey do que na minha vida inteira. Às vezes fico tonta com tantos falando. Não só os vivos, mas os que passaram para o outro lado. O silêncio deste lugar me faz bem.

Ele deu uma risadinha.

— Então somos iguais nisto, menina. Às vezes também quero cavalgar com meu corcel até as montanhas para só escutar o barulho da água dos riachos ou o grito de um falcão. Depois de ouvir as histórias de seu reino, fiquei pensando como seria montar em um cavalo alado e alcançar as nuvens.

O sorriso dela se abriu.

— Ah, não há nada igual. Planar lá no alto, depois descer rápido em direção à terra, só para se segurar e aterrissar devagarzinho no campo florido.

Ele adorava sua expressão sonhadora quando ela falava do lar.

— Você faz tudo parecer tão normal... — disse ele, pegando sua mão.

— E é. — Ela sentia o calor de seu toque percorrer-lhe o corpo. — Acho que normal é tudo aquilo com que estamos acostumados.

— Acho que poderia me acostumar. — Ele ainda segurou a mão dela por alguns momentos antes de soltá-la e retomar o passeio.

Ela podia sentir a inquietude dele.

— O que o perturba, milorde?

— Uma boa pergunta seria o que não me preocupa. Como se não bastasse o inimigo, há ainda a segurança dos aldeões se ele atacar. E também a esposa de meu pai. — Ele a encarou. — Ele falou sobre ela?

Ela percebeu algo diferente no tom dele.

— Não, não falou nada. Mas se você quiser posso perguntar.

Ele logo tratou de mudar de assunto.

— A sra. MacLean me disse que você está ajudando as mulheres na vila a se prepararem para a possibilidade de um ataque.

— Espero que não se importe.

— Suas sugestões são excelentes. Principalmente a de manter a despensa estocada. Tome cuidado. Estou começando a achar que existe um cérebro privilegiado escondido por trás deste sorriso maroto.

— Gostaria de ser assim como você diz.

— Por quê?

— Parece que é isto que os mortais admiram.

— É, acho que sim — disse ele, depois de pensar um pouco. — Mas acho que admiramos outras coisas também.

— Por exemplo, o quê?

— Doçura. Honestidade. Um coração puro. — Ele tocou o rosto dela. Como sempre, o simples toque a fez sentir o calor. — Você me fascina, Gwenellen Drummond. — Ele segurou o rosto dela. Olhou em seus olhos, sentindo a força do desejo que não conseguia negar. — Você é diferente de qualquer outra mulher que conheci. — Ele a puxou para mais perto. — E, mesmo sabendo que não tenho o direito, vou beijá-la.

Apesar de pretender que fosse breve, o beijo foi quente, voraz, pronto para fazer explodir toda a paixão que sentia.

Gwenellen podia sentir o corpo dele colado ao seu. As coxas contra as dele, os seios contra a parede de seu peito.

O desejo os envolvia e o beijo se tornava mais profundo. Ela começou a sentir uma sensação de medo. Medo do poder que aquele homem exercia sobre ela. A força de um simples toque que a incendiava. Ela queria mais. Queria tudo que ele pudesse dar.

Ele agarrou os ombros dela e a apertou contra si. Ela conseguia sentir o coração dele disparado. A respiração dele misturada à dela.

Gwenellen se deixou levar. E ele entendeu. As mãos que percorriam o corpo dela quase a machucavam. A boca sugava toda a sua energia até fazê-la quase perder o fôlego.

Quando ela tentou respirar, ele percebeu que perdera a noção de sua força. Abrandou seu ímpeto. Ela se encostou nele, adorando a sensação de seus braços em torno dela. Como vivera tanto tempo sem sentir o gosto de um homem tão forte? Sem sentir aquele corpo vigoroso se encaixando tão bem na suavidade do seu?

Andrew estava se perdendo no sabor dela. Tão doce, tão exótico. Parecia flutuar em uma nuvem. Era tudo o que queria. Aquela

mulher. Em seus braços, em sua cama. Naquele instante.

Ele se afastou um pouco. Estava tão ofegante quanto ela.

— É melhor entrarmos antes que façamos algo de que vamos nos arrepender depois.

Ela não conseguia dizer nada. Ficou parada para tentar-reorganizar seus pensamentos.

Ele pegou em seu braço e a conduziu para dentro.

Onde estavam o luar e as estrelas? Teriam se apagado porque sua boca abandonara a dela?

No interior da abadia, eles cumprimentaram os criados que encontraram no caminho e continuaram pelas escadas até chegarem à porta dos aposentos dela.

Andrew fez uma mesura, mas não a tocou. O desejo voltaria, arrebatador.

— Boa noite, *milady*. Durma bem.

— Você também, milorde.

Ao entrar, ela se recompôs e cumprimentou a criada. Mal ouviu o que ela disse enquanto a ajudava a mudar de roupa.

Quando Olnore saiu, Gwenellen foi até a sacada para olhar para o céu, imaginando se Andrew estava fazendo o mesmo, lembrando do beijo.

Ou será que ele já se enfiara na cama?

— Ah, pai...

Ela sempre se lembrava do pai quando tinha problemas. Talvez porque ele a amasse sem reservas. Sua família sempre tivera tantas expectativas em relação a ela... e ela nunca as correspondia... Mas seu pai a amava do jeito que ela era, com todos os defeitos. Era desastrada. Às vezes, cabeça-oça. E sempre muito ansiosa.

— Eu me sinto tão confusa. Estou tendo sentimentos estranhos em relação a Andrew.

Ela sentiu uma brisa e a voz dele.

— O amor é uma emoção estranha e mística, minha filha.

— Mas como sei se o que sinto é amor?

— Confie em seu coração. Ele lhe dirá.

— Eu confio em meu coração, mas Andrew, não. E se eu me deixar levar por este amor e ele não corresponder? Meu coração ficará partido?

— Isto pode acontecer. Mas não se preocupe. Lembre-se apenas de que tudo o que vale a pena, tanto no seu mundo como no dele, implica algum risco. Se você voltar para o Reino Místico sem explorar estes sentimentos, nunca saberá o que é o amor. A escolha é sua, minha filha. Sei que saberá o que fazer.

— Como pode ter tanta certeza, pai?

Gwenellen sentiu a brisa levantar seus cabelos e passar por ela. E então a noite ficou completamente calma e parada.

Mas não seu coração. Ele batia forte e rápido.

Seu coração podia se partir.

Valeria a pena arriscar?

# Capítulo Doze



— **I**STO MESMO, rapazes.

Andrew manifestou sua aprovação diante dos aldeões que haviam se dividido em dois grupos para treinar ataque e defesa. A tarde tinha sido repleta do tilintar de espadas na campina.

No começo, as tentativas foram tímidas e desajeitadas. Mas logo eles perceberam que aquilo não era brincadeira, mas uma questão de sobrevivência. Assim, estavam se enfrentando para valer.

As mulheres e as crianças tinham assumido vários cuidados com o gado e as plantações, liberando os homens para passarem o tempo sob a tutela do senhor, que se revelava um líder forte e capaz.

Enquanto passavam os dias aprendendo as habilidades de um guerreiro, as noites eram passadas polindo armas até que facas e espadas ficassem afiadas. De manhã, eles se enfileiravam para a inspeção. Uma reprimenda enviava o sujeito de volta à roda para afiar sua arma. Um elogio o deixava cheio de orgulho.

O mesmo acontecia com as mulheres. Sob o comando de Gwenellen, elas fizeram a colheita, levando para casa o suficiente para as semanas vindouras e estocando o resto na abadia.

Agora, os rebanhos de ovelhas pastavam perto dali. Nas colinas próximas, mulheres e crianças pastoreavam o gado e ficavam atentas a estranhos.

Andrew notou uma movimentação na campina e viu Gwenellen e um grupo de aldeãs vindo em sua direção. Traziam cestas repletas de produtos recém-colhidos.

Ele abaixou a espada e ficou observando o balanço dos quadris dela.

Durante dias, ele se mantivera ocupado de sol a sol para manter o pensamento longe daqueles beijos. Agora, tudo voltava.

— Bom dia, milorde — cumprimentou Gwenellen, sorrindo.

— *Milady*.

Eles nem notaram o que se passava em volta. Só tinham olhos um para o outro.

— Não o tenho visto ultimamente — comentou ela, tentando ocultar o que sentia.

Os olhos dele pararam no decote dela e sua garganta ficou seca.

— Tive muitas coisas para resolver.

— A sra. MacLean me disse que você não parou nem para comer. E quando come é em seus aposentos ou com seus homens.

— Tem razão. — Tinha sido difícil ficar longe dela, mas ele achava o mais sensato a fazer. Agora, vendo-a corada e feliz em meio a suas tarefas, ele estava se arrependendo. — Talvez pudéssemos jantar juntos hoje. — Um sorriso apareceu de imediato no rosto dela. Era impossível resistir mais. — Acho que seria bom que os homens fossem para casa com as mulheres. Eles merecem depois de tanto trabalho.

— Devo dizer para a sra. MacLean que você não jantará lá em cima hoje?

— Boa ideia. Que tal na saleta íntima de novo? Você me faria companhia?

— Ficaria honrada.

Quando ela se virou para ir, ele ficou parado vendo como o vestido assentava no corpo dela.

Retomou o que fazia, ansioso para o dia terminar logo.

— Muito bem, rapazes. Vamos lá.

— ENCONTREI O senhor vindo do campo — disse Olnore, ajoelhada ao lado da banheira, despejando água nos cabelos de Gwenellen.

— Ele mandou eu lhe dizer que vai passar por aqui quando estiver descendo para o jantar.

— Quando foi isto, Olnore?

— Há pouco, *milady*, se acalme. Poderá se vestir tranquila.

Tentando relaxar, Gwenellen se sentou na penteadeira para que a criada arrumasse seus cabelos.

Enquanto arrumava, Olnore comentou os elogios que os homens estavam fazendo sobre Andrew.

— Apesar de ansioso para enfrentar o inimigo, tem paciência para ensinar. Nunca briga com os rapazes, apesar de eles esquecerem no dia seguinte o que aprenderam no dia anterior. Mas no lugar de bater neles, o que seria seu direito, ensina de novo.

— Ele poderia bater neles?

A moça assentiu.

— Alguns senhores são cruéis. Soube que Fergus Logan, uma vez, espancou um rapaz até a morte porque ele esqueceu de atizar o fogo de seus aposentos.

Gwenellen se arrepiou toda.

— Que tipo de mortal ele é para espancar alguém até a morte?

Olnore estudou o reflexo dela no espelho. Os boatos sobre aquela doce estranha se confirmavam. Ela realmente falava com os mortos. E não eram histórias inventadas, pois várias pessoas do vilarejo as confirmavam. Mas era a primeira vez que ela se referia aos mortais como se não fosse um deles.

Então ela era feiticeira. Certamente a mais doce de todas.

— Fergus Logan é cruel, *milady*. Seria um alívio ficar livre dele. Dizem que uma vez ele atacou lorde Andrew quando eles eram mais jovens só porque o cavalo o derrubou e ele foi parar no terreno dos Logan. Foi o suficiente para que Fergus o abandonasse quase morto.

— E como Andrew escapou?

— Dizem que ele rastejou por duas noites. Durante o dia ele se escondia nos arbustos, até chegar às terras do pai. Um dos rapazes da vila o encontrou e o trouxe para o castelo.

— E os homens de sua terra, *milady*, como são?

Gwenellen caiu na risada.

— Não existem homens na minha terra, Olnore.

— Nenhum?

— Só mulheres e um troll velho. — Gwenellen pôde ver pelo espelho a reação de choque da moça e resolveu tranquilizá-la. — Minha terra é o Reino Místico, Olnore. E apesar de não ter tantos dons como minha família, o que você ouviu é verdade. Posso falar com aqueles que se foram deste mundo.

Olnore caiu de joelhos, estupefata. Mas se recompôs e ajudou Gwenellen a vestir um vestido de veludo rubi.

— Esta cor lhe cai bem, *milady*. Mas também — comentou ela com um sorriso —, tudo o que a senhora veste lhe cai bem. — Ela estendeu uma capa para combinar. — Vamos ver como fica com isto.

— Não preciso de mais nada, Olnore. Vista você para ir encontrar Paine.

— Obrigada, *milady*, mas nunca poderia usar algo tão fino — agradeceu ela, ruborizada. — Ah, ia me esquecendo. No treino de hoje, o punhal do senhor se perdeu.

— Aquele que foi presente da mãe?

— Este mesmo. Os homens vão procurá-lo assim que amanhecer, pois todos sabem o que significa para ele.

Ela saiu, deixando Gwenellen imersa em pensamento. Ela foi até a sacada e observou o campo lá embaixo. Também sabia o valor daquele punhal.

Poderia recuperá-lo agora mesmo.

Imaginava a alegria que ele sentiria quando ela o entregasse.

Estendendo os braços, começou a cantar as palavras mágicas. Quando terminou, fechou os olhos e ordenou:

— Procure por tudo, pois o que se foi no ar, para minha mão deve voltar!

Antes que abrisse os olhos, um raio de luz apareceu no céu e pareceu vir em sua direção. Girando no ar, o punhal apareceu capturando os últimos raios de sol.

Gwenellen riu de prazer quando percebeu que invocara o feitiço certo.

— Venha na minha mão!

Ela bateu palmas e estendeu as mãos para agarrá-lo, mas ele ficou dançando lá no alto e parecia que ia passar ao largo das torres da abadia.

— Não!

Determinada a não falhar mais uma vez, ela subiu na grade da sacada e fez mais uma tentativa para agarrá-lo.

Ela sentiu os pés escorregarem e se viu caindo. Conseguiu se segurar na grade.

Mais uma vez, lá estava ela, pendurada, balançando no ar por causa de um feitiço errado. Mas desta vez ela sabia que, se caísse, não sobreviveria.

ANDREW FECHOU a porta e se encaminhou para os aposentos de Gwenellen. Nada estragaria seu bom humor. Nem a perda do punhal, nem a ausência de notícias de Edimburgo. Nem mesmo o arremedo de exército de que dispunha, nem a constatação de que teria que viver como o chefe daquele clã e não como um guerreiro. Agora, a única coisa que importava era que passaria a noite na companhia da mais maravilhosa mulher que já conhecera na vida. Tinha certeza que as agruras do dia desapareceriam diante dela.

Ele sorria quando bateu à porta, antes de abri-la.

— *Milady*.

Ele entrou na saleta que antecedia o quarto de dormir e percebeu o fogo acolhedor. Talvez mais tarde eles voltassem ali para uma última bebida.

A porta do quarto de dormir estava aberta e ela não estava lá. Ficou contrariado. Afinal, ele só queria acompanhá-la pela escada. Na verdade, sentia-se louco para vê-la.

Por que ela não esperara por ele? Será que a criada havia esquecido de dar o recado? Ou ela simplesmente o ignorara?

Quando ele ia sair, escutou um sussurro. Era a voz dela?

— *Milady?* — Ele se virou na esperança de vê-la aparecer, mas nada aconteceu. Mas então ouviu de novo.

Era a voz de Gwenellen, só que fraca e abafada.

Ele cruzou o quarto à sua procura.

— Onde você se meteu, menina?

— Aqui! Por favor, ajude-me!

Ele foi até a sacada e viu os dedos dela segurando a grade. Quando a viu pendurada, prestes a cair lá embaixo, sentiu o coração dar um pulso.

— Deus do céu!

Gwenellen sentiu os dedos escorregarem, mas no mesmo instante mãos fortes agarraram seus pulsos, evitando que ela caísse para a morte.

Ele a puxou para cima, devagar, até conseguir que ela passasse sobre a grade e caísse em seus braços.

Puxa, como era bom estar nos braços dele de novo! Ela sentiu um soluço na garganta e não o segurou.

— Não chore, menina.

— Não estou chorando — retrucou ela, entre soluços.

— Ah, sim, claro que não.

Andrew precisava se certificar de que ela estava segura. De verdade. Ele a embalou como criança para que se acalmasse.

Quando a sentiu mais calma, ele ralhou:

— O que aconteceu, afinal? Mais um dos seus feitiços bobos?

Ela ficou possessa.

— O quê?! Feitiços bobos?!

— Isto mesmo. Bobos. E inúteis. E perigosos também. O que foi desta vez? Estava querendo voar? Ou queria dar uma de equilibrista?

Ela o empurrou, os olhos dardejantes.

— Nem uma coisa, nem outra. Estava lá por sua causa!

— Você está dizendo que tentou se matar por mim?

— Pelo seu punhal. — Ela o pegou da cintura e o colocou nas mãos dele, antes de se virar para esconder as lágrimas. — Olnore me disse que você o havia perdido. Queria lhe fazer uma surpresa.

Ela se afastou dele e disse por sobre o ombro:

— Diga a sra. MacLean que peço desculpas, mas perdi o apetite.

Antes que ele abrisse a boca, ela pegou a capa e saiu do quarto. Logo depois, da sacada, ele viu a silhueta correndo no jardim.

Mesmo à distância, Andrew pôde perceber suas lágrimas.

A visão partiu o coração dele.

# Capítulo Treze



— **B**OA NOITE, senhor — cumprimentou a governanta. — Onde está *milady*?

— Tomando ar no jardim.

— Ah, então talvez o senhor queira tomar algo enquanto a espera?

— Sim. E pode mandar servir. Parece que ela perdeu o apetite.

— Perfeitamente, senhor.

Ela serviu a bebida e fez sinal para os criados se aproximarem.

Andrew notou a atmosfera acolhedora do ambiente e desejou estar em qualquer outro lugar que não fosse ali.

Ele se sentou e observou o salmão, cozido no vapor como gostava. E o cozido de carneiro, um de seus favoritos. Os biscoitos estavam moreninhos e macios como eram de seu gosto.

Não conseguiria comer. O ódio e a culpa embrulhavam seu estômago. Como ele pudera ridicularizar alguém que significava tanto para ele?

Esvaziou a taça, que foi repostada na mesma hora. Virar a jarra inteira e ficar bêbado em um canto sozinho parecia uma ideia tentadora.

Ele experimentou o salmão. Parecia não ter gosto de nada.

— Como está a comida, senhor?

— Ótima. Meus cumprimentos à cozinheira.

Ele deu uma outra garfada, incomodado com tanta gente ao redor. Sentia-se como um besouro nadando em um pequeno lago com sapos em volta. Observando. Esperando.

Será que sua vida seria assim de agora em diante? Criados a sua volta, ansiosos por suas ordens, enquanto ele ficava velho e preguiçoso?

Ele lembrou do pai e se sentiu culpado. O pai se mantivera ativo e atento ao bem-estar de sua gente. Ele os visitava, comemorava os casamentos e nascimentos. Ajudava-os a enterrar seus mortos e cuidava da sobrevivência das viúvas e órfãos. E mesmo prezando a ideia de partir para o combate com seus camaradas, Morgan Ross sabia que seu lugar era ali, junto das pessoas que dependiam dele.

Andrew sabia que não teria problemas para seguir o exemplo do pai. Mas ali, naquela noite, toda a alegria se perdera. E tudo porque ele magoara quem trouxera luz para sua vida.

Isto mesmo: ela trouxera calor e alegria para aquele lugar triste.

Ouviu-se um ruído e todos se viraram.

Era Gwenellen. Completamente despenteada, as bochechas vermelhas, os olhos brilhantes.

— Que bom que voltou, *milady* — disse a governanta. — Recuperou o apetite?

— Não.

Ela desviou o olhar da senhora para o homem sério sentado à mesa. Depois de muito remoer, decidira não lhe conceder o prazer de expulsá-la. Ela lhe mostraria que ele não tinha a mínima importância.

— Mas, pensando bem, sra. MacLean, depois de ver toda esta comida, acho que meu apetite voltou. Acho que vou comer alguma coisa.

— Ótimo, *milady*.

Andrew se levantou para puxar a cadeira para Gwenellen. Ela não olhou para o rosto dele, mas sentiu seus dedos roçarem suas costas. Ela ignorou a sensação agradável que sentiu.

— Então resolveu caminhar pelos jardins, *milady*? — perguntou a governanta.

Ela não conseguia comer. Deveria ter ido para seus aposentos. Mas precisava ver Andrew, mesmo sabendo que ele ainda estaria zangado.

— Isto mesmo.

— Que bom que voltou antes que escurecesse.

Gwenellen tentou comer um pedacinho do biscoito, mas foi preciso beber para ele descer. Arriscou um olhar e viu o rosto sério dele. Sério por causa dela.

— Mais salmão, senhor?

— Não, obrigado.

— A cozinheira vai ficar triste se não experimentar o carneiro.

Ele se serviu e arriscou um olhar na direção dela. Quando os olhares se encontraram, desviaram-se para os pratos.

Ele pigarreou.

— Como estava o ar da noite?

— Frio.

— Ainda bem que levou a capa.

— É mesmo — respondeu ela, tomando um gole para disfarçar o riso. Sua voz estava igual à de Jeremy.

— Qual é a graça?

— Nada. É que o jardim estava tão cheio hoje à noite — disse ela, escondendo a boca.

— Cheio? — indagou ele, intrigado.

— Sabe, muitas vezes...

Ela percebeu que as expressões da governanta e dos criados haviam mudado. O que lhe importava? Metade do vilarejo sabia que ela falava com os mortos. O que tinha de mal os outros saberem também? Que todos soubessem que ela era uma estranha que nunca seria igual a eles. Que fizessem comentários às suas costas. Estava farta de fingir ser quem não era. Ela era uma feiticeira. Não das boas, mas, mesmo assim, feiticeira.

— Todos me chamavam para um pedido, um favor, um pedido de desculpas enquanto estava entre as sepulturas.

— Por falar em desculpas... — disse Andrew, cobrindo a mão dela com a sua.

O toque foi como fogo e ambos se afastaram.

O silêncio tomou conta do ambiente.

Andrew percebeu os olhares enternecidos da governanta e dos criados.

Ele pegou a taça e a levou aos lábios.

— Minhas sinceras desculpas, *milady*.

— Obrigada por seu pedido.

— Eu é que devo agradecer — disse ele, pousando a taça, desejando tocá-la desesperadamente. — Sra. MacLean, a senhora e os criados estão dispensados. Gostaríamos de ficar a sós.

— Perfeitamente, senhor.

Com um gesto, os criados colocaram as bandejas no aparador e todos saíram.

Até que fechassem a porta, ninguém disse uma só palavra.

Andrew pegou sua taça e foi até a lareira. Depois de observar o fogo por algum tempo, se virou e a viu, ainda sentada, diante do prato intocado.

— O que fez por mim, recuperando meu punhal, me tocou profundamente.

— Fico feliz em ser de alguma serventia, milorde.

— Não faça isso! — Ele esvaziou a taça e a pôs sobre a lareira com tanta violência que a assustou. Ela ficou de pé, em alerta.

— E agora, o que eu fiz para aborrecê-lo, milorde?

— Você está se comportando como uma lady.

— E isto o ofende, senhor?

Ele praguejou e foi até ela, pegando-a pelos braços.

— Não sou seu senhor. Prefiro a minha menina, não uma lady.

Ela ficou pasma.

A voz dele era baixa, cheia de paixão.

— Notei você rindo e quis partilhar do seu riso. Vi você saindo da abadia como um furacão e queria estar a seu lado.

Ele sentiu o calor do toque dela, mas desta vez se preparara.

Por um bom tempo, eles só olharam um para outro. De repente, ele a puxou e a beijou na testa.

— Gwenellen, minha menina travessa. Não posso acreditar que fiz você chorar.

— Eu não estava chorando — retrucou ela, com os olhos cheios de lágrimas quentes que corriam pelo rosto, molhando a túnica dele. Queria que Andrew nunca mais a soltasse. Estava espantada por ele ter aberto seu coração para ela. — Nunca choro.

— Claro que não. — Ele a beijou. A testa. As bochechas. O canto da boca. — Você é doce e maravilhosa demais para chorar. Mas eu a magoei e nunca me perdoarei por isto.

— Não, Andrew. — Ela colocou a mão em sua boca. — Já perdoei e esqueci. Não se culpe. Sei que sou um peso.

— Nunca diga isto — disse ele, calando-a com um beijo rápido. — Você é a mulher mais marcante que já conheci. Preciso beijá-la de

novo. Senão vou ficar louco.

Ele a puxou e tomou sua boca em um beijo que expressava todo o desejo, toda a ânsia que negara.

Ela correspondeu com a mesma ânsia. Com os braços em volta de seu pescoço, ela podia sentir a paixão, o calor, o desejo que os envolvia.

— Oh, Andrew, quero... — Ela procurava as palavras certas. Não sabia o jeito dos mortais. Mas precisava tentar. — Quero que me ame. Como um mortal ama uma mulher.

Ao ouvir as palavras dela, ele congelou.

— Você não sabe o que está falando.

— Sei, sim! Eu quero, Andrew. E acho que você também quer.

— Claro que sim! Sempre quis e desejei, desde o primeiro instante. Mas pense bem, menina...

O sorriso que ela deu seria capaz de derreter geleiras inteiras.

— Adoro quando você me chama de menina.

Era difícil resistir.

— Pense bem no que quer fazer, Gwenellen. Você deixará de ser uma inocente.

— Não quero pensar em mais nada. Quero você, Andrew. — Ela beijou seu pescoço e ele gemeu. — Quero ter esta sensação de alvoroço que aparece toda vez que nos aproximamos.

Ele a segurou forte nos braços e a afastou um pouco para encará-la, os olhos cheios de desejo.

— O que vou fazer com você, menina?

— Andrew, quero me ame. Só isso.

Ele respirou fundo.

— Como posso resistir?

E ele a tomou em um beijo avassalador. Quando se afastou, ela sorriu.

— De novo — implorou ela.

— Não vou conseguir parar.

— Nem eu. Mais cedo ou mais tarde os criados voltarão. — Ele sorriu malicioso. — Não quero ser interrompido. Precisamos ir para outro lugar. — Ele lhe deu outro beijinho. — Poderíamos trancar a porta que dá para seu quarto ou para o meu. Mas eles ficariam do lado de fora, em pé, esperando.

— Sei de um lugar em que não nos importunarão: a velha biblioteca.

Ele lhe encheu de beijos sôfregos. Era tão fácil ser enfeitiçado por ela...

— Você é mesmo esperta, menina. Vamos logo.

Ele pegou a mão dela e saíram. Deram de cara com a governanta.

— Já terminou, senhor?

— Sim, sra. MacLean.

— E a sobremesa, milorde?

— Obrigada. Estamos satisfeitos.

— Gostaria que mandasse cerveja para seus aposentos, senhor?

— Não será necessário. Boa noite, sra. MacLean.

— Boa noite. — Ela fez uma mesura e evitou encará-los. Porém, percebera como os dois estavam ofegantes e ansiosos. — Durma bem, milorde. *Milady*.

# Capítulo Catorze



ANDREW E Gwenellen percorreram rápido o salão e cumprimentaram os criados que encontraram pelo caminho. Não se falaram, nem se tocaram. Mas não podiam ignorar um ao outro. Andavam rápido para chegar logo aonde queriam.

Finalmente, chegaram na parte antiga da abadia. Quando Andrew abriu a porta, o coração de Gwenellen deu um pulo. Ela pensou no que estava prestes a acontecer. O que ele ia achar da inexperiência dela? Será que ela seria tão desajeitada como era para outras coisas?

Ele sorriu e todos seus temores se evaporaram. Aquilo era o que ela queria, o que desejava. Estar nos braços dele. Ser amada. Ser mulher.

— Está com medo?

— Estava. Mas agora não.

— E por quê?

— O que sinto é tão forte, tão verdadeiro... Como se estar aqui já estivesse escrito. Você entende?

— Claro. Eu também senti medo. — Ele sorriu. — Mas agora não.

— As mãos dele acariciavam suas costas, causando estranhas sensações.

— Você, com medo?

— Sim. Você é muito especial para mim, menina. — Ele cobriu seu rosto de beijos leves. — Tão doce. Intocada. Cada vez que a beijava, pensava em várias maneiras de amá-la. Mas sempre tive medo. Medo de estragar alguém tão puro.

— E agora?

— Agora, certo ou errado, estamos juntos. Vou me satisfazer.

Ela tremeu e deu uma risadinha.

— Acabo de me sentir como uma bandeja de docinhos.

— Você é muito melhor. Toda vez que a vejo, quero devorá-la — disse ele, provocador.

Ele a beijou como se ela fosse a mais fina das iguarias. As mãos mergulharam em seus cabelos e ele continuou a beijá-la até ambos perderem o fôlego. E mesmo assim não era o suficiente. Ele queria tomá-la, rápido, forte como um bárbaro. Mas se conteve e abrandou seu ímpeto, aguardando que ela o acompanhasse.

E ela se deixou levar. Abriu a boca. Encostou o corpo no dele, envolvida numa onda de calor. E seu coração estava pronto para receber o amor que ele oferecia.

Imersa no beijo, ela se agarrou à cintura dele. Tinha a sensação de que as pernas não a sustentariam. Sua cabeça girava. Só podia ser mágica. Uma mágica que só ele possuía. Ela não queria que ele parasse.

Ele começou a beijar a pele macia de seu pescoço.

Ela tentou se desvencilhar, rindo.

— Andrew, isto faz cócegas.

— E isto? — Ele enterrou a boca entre o pescoço e o ombro dela.

O riso dela se transformou em gemido quando ele continuou a descer em direção ao seu seio. Seu mamilo enrijeceu em um instante.

Ela não esperava sentir tanto desejo, nem o calor que se formava em seu íntimo.

— Espere um pouco, Andrew. Não consigo raciocinar.

— Não precisa raciocinar, menina. Só sinta.

— Mas eu... — como ela poderia colocar em palavras aquela vibração, aquela ânsia...

— Quer que eu pare?

— Não — protestou ela, puxando-o para si.

— Não sei o que posso fazer se você me pedir para parar — murmurou ele, abraçando-a e tomando sua boca.

Quando pararam para tomar fôlego, ele começou a desabotoar o vestido dela.

— Puxa vida! Por que estes vestidos têm tantos botões? — reclamou ele.

— Talvez para preservar nossa virtude — respondeu ela, rindo.

— Acha que uns simples botõezinhos seriam capazes disto?

— Acho que não. Que tal eu ajudá-lo, milorde?

— Permita-me, *milady*. — Antes que ela pensasse, ele rasgou o corpete em dois e o vestido escorregou, caindo a seus pés.

— Andrew! Como vou explicar isto para Olnore?

— Diga para ela que os botões eram muito pequenos para as mãos de seu amante.

— Meu amante? Você é meu amante? De verdade?

— De verdade. — Ele pegou as fitas do camisolão de baixo. Com um puxão, elas arreventaram.

O tecido começou a escorregar, revelando-a. Ela era tão linda, ali sob a luz do luar!

— Oh, minha menina linda. — Suas palavras eram quase reverentes.

E então aquelas mãos fortes de guerreiro a tocaram. Por todo seu corpo. A curva suave dos seios. Pela cintura. Pelas coxas. A boca cobria a trilha de seus dedos. Lábios e língua beijando, acariciando, levando-a à loucura.

Ele se perdera nela. Em seu cheiro, fresco como o das flores do campo. Seus suspiros, como se fossem o canto de algum pássaro exótico. Sua pele, branca como leite e macia como pétalas de rosa.

A cada tremor dela, ele se sentia mais excitado.

Quando ela alcançou sua túnica, ele a ajudou até suas roupas se juntarem às dela.

Agora ela poderia tocá-lo como queria. Seus dedos percorreram seu rosto, os ombros, o peito.

— Você é tão bonito, Andrew...

— Meu corpo de guerreiro é coberto de marcas, menina. Não pode ser chamado de bonito.

— Mas é. Todo cheio de músculos. Nunca tinha visto o corpo de um homem. É tão diferente, tão esplêndido... — Ela percorreu o abdome rígido, e continuou mais para baixo, até ele gemer e cobrir sua boca em um beijo selvagem.

O toque dela era uma deliciosa tortura. Ele queria tomar o que ela oferecia ali, naquele momento, para terminar logo com aquela ânsia. Mas tentou se controlar. Agora que conseguira, tomaria tudo. E ofereceria também, até que ambos se saciassem. Um banquete

para quem estava faminto. Uma noite tranquila, para realizar todas as fantasias.

Ele pegou as mãos dela, deitou-a no chão e cobriu sua boca com mais um beijo arrebatador.

Gwenellen absorveu aquela onda de calor e sentiu o desejo tomar conta de seu corpo. Podia sentir o sangue quente como lava. Quando os lábios dele a deixaram, ela protestou. Mas quando começaram a lhe explorar o corpo sem pressa, ela só conseguia gemer de prazer.

Ficou extasiada. Era como se descobrisse o próprio corpo através dele. Nunca imaginara que as mãos de um homem fossem tão envolventes. Ela o sentia em cada poro, saboreava o gosto em seus lábios. Sentia seu cheiro almiscarado e másculo.

Ela se sentia linda. E desejável.

Andrew podia senti-la relaxando, a confiança substituindo o medo. Confiança. Mais que o desejo, a ânsia. Saber que ela confiava nele fazia seu coração se encher de amor.

Os beijos se intensificaram. Seu toque se tornou mais impaciente. Provocante. Crescente, até ela gemer, temerosa de que pudesse arder em chamas por causa do calor que sentia.

Ele notou a expressão dela, de surpresa misturada com prazer, quando a fez atingir a primeira onda de êxtase: os olhos observando o nada, os lábios abertos. E as mãos agarradas à capa quando ela atingiu o clímax.

Era assim que ele queria vê-la: viva, vibrante e louca por ele. Era assim que ele pensava nela quando andava de um lado para o outro na escuridão do quarto. Ela ali, no quarto ao lado. Só sua. Sua mulher.

Ele não aguentava mais, não conseguiria se segurar. Mas se conteve para lhe dar mais prazer.

Seus beijos eram exigentes, arrebatadores. Eles a puxavam, a tragavam para um lugar especial, quente e sensual.

Gwenellen se lembrou da primeira vez que o viu. Havia algo nele que amedrontava e atraía. Agora entendia. Não sentia medo, sentia excitação.

Ela sentia sua pele se eriçar, seus ossos tremerem. Ardia em chamas. O coração parecia um tambor.

O silêncio era tão grande que só se ouviam as respirações deles. Dois corações em uníssono. Tinha olhos apenas para Andrew. Aqueles olhos, aqueles lábios quentes, aquelas mãos quentes de guerreiro que provocavam tanto prazer.

Seguindo seu comando, ela o acariciou como ele fizera, e Andrew começou a gemer como um animal.

— Andrew...

Ele sabia que não conseguiria esperar mais. Quando ficou por cima dela, notou sua tensão.

— Não se preocupe, menina. Não vou machucá-la.

Ela sorriu.

— Sei que você nunca me machucaria, Andrew.

Ele sabia que agora não conseguiria se conter e que era melhor libertar todo seu desejo. Uma onda de prazer o carregava e ela começou a acompanhá-lo, movendo-se em seu ritmo.

— Meu querido guerreiro. — Suas palavras eram um sussurro quando ela se enrolou nele.

Ela se entregaria. Totalmente.

Com os corações disparados, ofegantes, começaram a subir, voar até atingirem o pico mais alto. Com uma explosão de sensações incríveis, eles atingiram o cume e flanaram pelas nuvens.

— O QUE foi? — Eles ficaram deitados, abraçados enquanto se recuperavam. — Lágrimas? Eu machuquei você?

— Não, Andrew. — Ela se aconchegou. — Não sei o motivo das lágrimas. Eu nunca choro.

— Claro que não. Você brilha demais para chorar.

— É mesmo?

Ele assentiu.

— Sabe que toda vez que eu a você eu penso no sol? Talvez seja por causa destes cabelos lindos que você tem. Parece uma auréola.

— Mas não sou nenhuma santa.

— Disto tenho certeza — disse ele, sorrindo. — Mas existe uma aura de luz que parece envolvê-la.

Ela começou a desenhar os lábios dele com o dedo.

— O que mais você vê quando eu apareço?

— Está querendo descobrir meus segredos?

— Claro. Se eu fosse uma das minhas irmãs, eu mesma veria. Mas, como não tenho este dom, você mesmo vai ter que me contar.

— Vejo a verdade em seus olhos e de sua boca, só escuto honestidade. Enquanto os que me cercam mascaram seus sentimentos para me poupar, você diz o que preciso ouvir, mesmo que não goste.

— Achei que isto deixasse você bravo.

— E deixa. Ninguém gosta de ouvir a verdade. Mas eu admiro sua honestidade, menina.

— Você é um pouco autoritário, milorde.

— Autoritário? Sou um modelo de equidade. Um homem de infinita paciência.

— Sim, claro. Um modelo de virtude — concluiu ela, rindo a valer.

— Nem sempre fui gentil com você e peço desculpas por isso. Hoje eu a fiz chorar e...

Ela se sentou e o fez se calar.

— Você não sabia a razão do feitiço.

— Mas pensei no pior.

— Eu merecia — admitiu ela, corando. — Sei bem que meus feitiços nem sempre dão certo. E você, Andrew, está se esforçando bastante pelo bem-estar de todos. Pode gostar de ser o guerreiro sem coração, mas eles sabem como você é. Eles não o conclamariam senhor deles se não merecesse.

— Ah, menina. Quando você fala deste jeito eu até consigo acreditar que sou capaz de fazer algo de bom aqui.

— Eles precisam de você aqui. Sem sua liderança, o que fariam?

Antes que ela continuasse, ele começou a beijar seu pescoço, sua boca.

— Por que perder tempo conversando, se temos tantas outras coisas mais prazerosas para fazer?

— Quer dizer que ainda não terminamos? Existe mais alguma coisa que os mortais podem fazer? — perguntou ela, provocadora.

Com um gemido de prazer, ele tomou sua boca e resolveu mostrar.

Com o luar banhando os dois em uma nuvem de prata, eles se perderam nas maravilhas do amor recém-descoberto.

# Capítulo Quinze



**G**WENELLEN ABRIU os olhos e tentou descobrir o que a acordara. Levou um minuto até se lembrar onde estava. E então, num instante, lembrou de tudo: a biblioteca, o que fizera com Andrew.

Era tão bom estar ali com ele. Como se tudo em sua vida a levasse àquele lugar, àquele homem.

Não era só a paixão, a alegria, o prazer. Era aquele lugar. Ela sentia que era encantado. Os espíritos daqueles que tinham procurado refúgio permaneciam ali. Ela conseguia sentir sua presença, sua aprovação. Era reconfortante.

Durante a noite, Andrew acendera o fogo e a carregara até a pele que forrava a cadeira. Ali, ele sussurrara palavras de amor enquanto realizavam suas fantasias.

Ele era um amante fabuloso. Às vezes tão gentil e meigo como se conhecessem um ao outro havia anos. Em outras, faziam amor como uma tempestade de verão: cheia de trovões e relâmpagos de paixão.

Ela o ouviu resmungar e se agitar como se estivesse no meio de um pesadelo.

— Andrew — chamou ela, baixinho. — Acorde, meu amor.

Ele se sentou de repente e logo colocou a mão na cintura em busca da espada. Quando sentiu a pele nua, arregalou os olhos.

Ele levou alguns instantes antes de perceber onde estava e com quem.

— Desculpe, menina. Eu a acordei.

— Você estava tendo um pesadelo, Andrew.

— É... Acho que sim. — Ele estava suado e o rosto parecia preocupado.

— Quer falar sobre isto?

Ele foi até a lareira e jogou mais lenha. Logo as chamas ressurgiram.

Ela ficou estudando a figura dele em contraste com o fogo. Alto e imponente, tinha o perfil tão rígido e sério que parecia esculpido em mármore. Podia perceber que ele ainda lutava com seus demônios.

Quando finalmente falou, a voz era rouca.

— Tive uma discussão muito séria com meu pai antes de partir para Edimburgo. Falamos coisas no calor da raiva que nunca deveriam ser lembradas.

— O quê, por exemplo?

— Não gostaria de falar sobre isto, pois até agora são dolorosas. Mas quando parti, desejei não o ver nunca mais. Não consigo deixar de pensar que isto foi a causa de tudo o que aconteceu aqui.

Gwenellen pegou as mãos dele.

— Não pense assim, Andrew. Você não foi responsável por aquilo que aconteceu com seu pai.

— Como pode saber? Desejei isto, não foi? E meu desejo foi concedido.

— Sua culpa não ajudará em nada. Se você está procurando um culpado, então olhe para seu inimigo.

Vendo que ele continuaria protestar, ela colocou o dedo sobre os lábios dele.

— Seu pai não tem nenhum ressentimento. Em nossas conversas, ele só fala de amor.

Andrew suspirou.

— Se ele pudesse falar comigo... Mas acho que devo ficar contente porque ele fala com você.

— Então não se importa que continue conversando com ele?

— Ao contrário. Confio totalmente em você. — Ele pegou um cacho do cabelo dela e o enrolou no dedo. — Para falar a verdade, sinto um pouco de ciúme por causa de sua habilidade para conversar com ele.

— Você também pode falar com ele, Andrew.

— E você acha que ele vai me escutar?

— Sim, vai. Mas a resposta dele virá através de mim. Não precisa se arrepender do que disse. Fale sobre o que sentia em seu coração, meu amor. Ele ouvirá. E seu coração ficará mais leve.

— Quando foi que você se tornou tão sensata?

— Não é nada disso. Mas sei que seu pai não gostaria de vê-lo sofrer. Ele só tem palavras de amor sobre você. E se preocupa muito com a sua segurança.

— Então devo me contentar com isso.

Ela levantou a ponta da coberta de pele.

— Você deve estar congelando. Venha, meu amor. Vou aquecê-lo.

— Você não sabe que basta me tocar para que eu fique quente?

— Ele se deitou ao lado dela e a abraçou. — E agora, aqui do seu lado, estou em chamas.

Ele deslizou a mão pelas costas dela, pelo lado de seu corpo, até encontrar a curva suave de seu seio. Sua boca tomou a dela num beijo avassalador.

— Viu só o que você faz comigo?

— E eu que pensava que era você, que o calor era sua culpa, milorde.

— É o nosso amor que faz isto.

Ele adorava se sentir daquele jeito. Forte. Orgulhoso. E mais feliz do que nunca. Talvez ela houvesse curado seu coração.

Antes, ele só queria protegê-la. Afinal, alguém precisava tomar conta dela por causa daqueles feitiços perigosos. Para ser honesto, tinha que admitir que o perigo maior era seu próprio coração. Não podia mais negar que se apaixonara. E não por uma mulher comum, mas por uma feiticeira com uma séria tendência a se meter em perigo.

Teria que ficar alerta para salvá-la de si mesma. Não aguentaria se algo de ruim lhe acontecesse.

E então, à medida que seus beijos foram se tornando mais impetuosos e o desejo mais forte, ele deixou os pensamentos de lado e se deixou levar por aquele amor.

— Meu amor, o que está fazendo? — perguntou Gwenellen quando acordou e o viu ali parado.

— Estou vendo você dormir. Sabe que faz bico enquanto dorme? Parece até que está beijando alguém.

— Talvez estivesse sonhando com alguém.

— Diga quem é e ele conhecerá minha espada.

— Está com ciúmes?

— Claro. Não quero nenhum outro homem na sua vida.

— Nem alguém imaginário?

— Não me provoque, menina... Quero que sonhe só comigo.

— Andrew, pare com isto. Você sabe aonde isso nos leva.

— Sei, sim: onde estivemos a noite inteira.

— Mas o sol já nasceu. Se não formos logo para nossos quartos, vamos dar de cara com a sra. MacLean e os criados.

— Não me importo com eles. Só quero saber de você. Tenha pena de mim, estou aqui olhando para você desde a madrugada.

— Andrew! O sol já está alto. Todos se perguntarão onde nos metemos.

— Deixe eles para lá. Sou o senhor de Ross Abbey.

— Todos ficarão sabendo.

— Não importa. Que todos saibam do nosso amor: no castelo, na vila, na Escócia toda. — Ele a beijou mais uma vez, apaixonadamente. — Está preocupada com isto?

Ela deu de ombros.

— Sei pouco sobre seu mundo, Andrew. Qual será a reação dos criados?

— Vão ficar cochichando, claro.

— E o que Olnore vai dizer disto? — disse ela ao pegar o vestido rasgado.

— Não vai falar nada, doçura. E providenciará que esteja remendado antes que lhe seja devolvido.

— Vamos, Andrew. Não vai se vestir?

— Sim, pensei nisto. Mas mudei de ideia. Agora acho melhor ir até o céu de novo antes de irmos embora.

Os olhos dele a olharam cheio de desejo e determinação. Ele a despiu e, sem dizer uma palavra, eles se uniram com toda a força de uma tempestade de verão.

— BOM DIA, milorde. *Milady* — cumprimentou sra. MacLean, esforçando-se para não encará-los.

A túnica do senhor estava toda amassada e capa escocesa jogada de qualquer jeito sobre o braço. A barba por fazer, e os cabelos, despenteados.

Pelo menos ela estava mais composta com a capa.

Todos estavam comentando que a senhora e o senhor não tinham passado a noite em seus aposentos. Mas aonde teriam ido?

— Vejo que andaram tomando ar.

— Não, sra. MacLean. Estávamos por aqui mesmo, na antiga biblioteca.

A governanta se benzeu.

— Aquele lugar é assustador até durante o dia e de noite...

Ela se virou para Gwenellen.

— Olnore estava à sua procura, *milady*. Vou mandá-la para seu quarto.

— Obrigada. — Gwenellen começou a subir as escadas, seguida por Andrew.

— Devo pedir à cozinheira que prepare algo, senhor?

— Boa ideia. Prepare tudo para mim e *milady* na saleta íntima.

— Perfeitamente, senhor.

Andrew alcançou Gwenellen e pegou sua mão em frente ao seu quarto.

— Que tal se eu entrasse um minutinho?

Ela deu uma risadinha.

— Nem pensar. Sei no que isto vai dar.

— Não escutei nenhuma queixa antes.

— Nem ouviria agora. Mas Olnore logo vai chegar.

— Podemos trancar a porta.

— Boa ideia! — Ela segurou o rosto dele e o beijou na boca. Quando ele a puxou, ela se afastou. — Vou me lavar e vestir roupas limpas antes de descer, Andrew. É melhor fazer o mesmo.

— Menina...

Ela entrou e fechou a porta na cara dele.

— AÍ ESTÁ a senhora, *milady*. — Vendo a capa, sorriu. — Vejo que *milady* e o senhor estiveram cavalgando. Eu deveria saber. Deixe-me ajudá-la.

Quando viu o vestido rasgado, ela estranhou.

— Nossa, *milady*! A senhora caiu sobre os arbustos?

— Não, Olnore. — Gwenellen sabia que estava vermelha de vergonha, mas não conseguia mentir.

Por alguns minutos, as duas ficaram em silêncio. Depois, retomaram suas atividades.

Logo Andrew apareceu, e se ouviu uma batida à porta.

— Está com fome, meu amor? — disse ele, oferecendo o braço.

— Acho que sim. E você?

— Muita. Mas não de comida.

— Você é impossível — emendou ela, sorrindo.

— E você é tão linda que me deixa sem fôlego, menina. — Ele parou no caminho e pegou sua mão. — Meu dia com os aldeões vai demorar a passar até eu conseguir estar de novo com você.

O coração dele parecia dar pulos de alegria. Era como se o sol da manhã houvesse desfeito toda a névoa. A névoa que embaçava sua visão.

Aquela mulher era um verdadeiro sol. Seu luar. Sua estrela.

Ele queria apenas se deixar ficar em seu delicioso calor.

# Capítulo Dezesseis



— **A** COMIDA ESTAVA ótima, sra. MacLean — disse Andrew, levantando-se da mesa. — O ar da noite está agradável, *milady*. Vamos caminhar?

— Boa ideia.

Quando deixaram o salão central, os criados sorriram e fizeram medidas.

Todos pareciam perceber a felicidade do senhor. Comentavam as mudanças nele. Os aldeões o acharam mais paciente. E toda noite Gwenellen descobria uma nova faceta da armadura de Andrew, revelando não só um amante carinhoso, mas também um homem preocupado com suas obrigações de senhor do clã.

— Você não sente falta da agitação de Edimburgo?

— Não. Meu coração sempre esteve aqui. — Eles se sentaram em um banco de pedra. — Aqui ficamos isolados da vida de Edimburgo e da pompa que cerca o trono. Às vezes isto é bom, pois dificulta as invasões. Mas pode ser ruim também.

— De que jeito?

— A rainha precisa de um exército de homens confiáveis. A maioria é recrutada nesta região por causa de sua lealdade inquestionável. Mas quando sofremos invasões, estamos desprotegidos.

Gwenellen estudou o rosto sério dele. Agora conseguia entender que não era o rancor que o movia, mas a preocupação.

— Você acredita que Fergus Logan atacará antes que seus guerreiros voltem? — Ele não falou nada. O silêncio dizia tudo. — Será que os rapazes do vilarejo estão prontos para lutar?

Ele deu um sorriso cansado.

— Se a firmeza de propósito pudesse repelir os invasores, não me preocuparia, pois nunca vi pessoas tão determinadas. Mas como pastores e roceiros podem se defender dos mais brutais cavaleiros de toda a Escócia?

— Se você teme por eles, não seria melhor mandá-los partir?

— Para onde? Esta é a terra de nossos antepassados.

— Mas você continuaria vivo para treiná-los e conseguiria retomar suas terras.

— Não sobraria nada. Você acha que Fergus Logan simplesmente tomaria os rebanhos e a colheita e partiria? Quando ele for embora para sua fortaleza, os campos estarão arrasados, lagos envenenados, não sobrará nada. E trarão a desgraça para qualquer inocente que cruzar seu caminho. Ele é cruel. Tem sede de sangue. Sempre aterrorizou seus vizinhos. — Andrew abaixou o tom da voz. — Ele tomou algo precioso de mim. Quero que pague por isto.

Ela tremeu diante de sua fúria.

— Mesmo que isto signifique sua morte?

Ele assentiu.

— Posso até morrer, mas o sangue de Logan banhará minha espada.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro. Depois pegou a mão dela e sussurrou:

— Esta conversa de morte e desgraça não resolve nada. Venha, meu amor, vamos nos deitar. E falaremos de coisas boas.

Coisas boas. Seria tão bom se pudessem sempre ser felizes... Mas a ameaça de um ataque os assombrava. Nunca era esquecida. E ela sabia que roubava o sono de Andrew.

Tentando desanuviar o ambiente, ela entrou nos aposentos dele e jogou a capa para o lado.

— Eu já lhe contei uma história sobre Jeremy e eu...

Ela parou quando sentiu Andrew às suas costas, abraçando-a.

Enquanto sua boca percorria a pele macia de seu pescoço, as mãos dele encontraram seus seios. Ela não conseguia se controlar com aquelas mãos e aquela boca realizando sua magia.

— Andrew, eu estava dizendo...

— Depois, amor. — Ele a pegou no colo e a levou para cama. —  
Porque quero você agora. Não posso esperar.  
E em total frenesi eles se entregaram.

GWENELLEN ACORDOU com o som de vozes masculinas na saleta anexa. Primeiro, pensou em dispensá-los. Deveriam ser os criados relatando alguma coisa. Mas quando começou a prestar atenção, percebeu a urgência na voz de Andrew e nas respostas.

Depois, apenas silêncio quando a porta foi fechada e os passos seguiram pelo corredor.

Logo Andrew atravessou o quarto e foi até a sacada.

Ela se levantou e foi até ele, que a abraçou e continuou olhando para as montanhas ocultas pela escuridão.

— Desculpe tê-la acordado, menina.

— Você sabe que não consigo dormir se você não está a meu lado.

— Sei, claro. — Ele respirou fundo. — Agora preciso me vestir, amor. E você também.

— O que houve, Andrew?

— Meus vigias nas montanhas perceberam muitos homens se movimentando nesta direção.

— São os homens de Logan?

— Acertou.

— Em quanto tempo chegarão aqui?

Ele enfiou a espada na bainha e jogou a capa escocesa sobre o ombro.

— No final da manhã. Não precisam nos surpreender, sabem que não temos guerreiros. Não temos chance de sobreviver.

Ele disse aquilo tão sem rodeios que ela tremeu.

— E mesmo assim você vai ficar aqui para enfrentá-los, mesmo que isto signifique a morte?

— Já falamos sobre isto, amor. Não tenho saída. Agora vá e se vista. Já mandei chamar Olnore para providenciar tudo de que você vai precisar.

— Mas...

— Vá, Gwenellen. — Ele a beijou e saiu.

Gwenellen correu para o quarto e encontrou Olnore lá com várias roupas sobre a cama.

Viu o vestido de lã grossa e a capa com capuz.

— Para que isto tudo?

— Recebi ordens para prepará-la para uma viagem, *milady*. Não sei de mais nada. Agora venha e nós...

Gwenellen se virou e correu pelas escadas abaixo. Encontrou Andrew falando com a governanta.

Quando a viu, dispensou a criada.

— Olnore me disse que devo me vestir para uma viagem. Posso saber por quê, Andrew?

— Um dos rapazes que estava nas montanhas conhece cada buraco desta terra. Confiaria minha vida a ele ou meu bem mais precioso.

— Não compreendo.

— Lloyd vai selar um cavalo para você.

Ela balançou a cabeça.

— Não preciso de cavalo nenhum.

— O rapaz vai acompanhá-la até seu reino.

— Não vou partir, Andrew. Não vou deixá-lo.

— Você não tem escolha, menina. Sou o senhor aqui. E você fará o que o senhor mandar.

— Não! — respondeu ela, lágrimas nos olhos

Ele praguejou. Não podia vê-la chorar. Mas precisava resistir. Para o bem dela.

— Entenda uma coisa, *milady* — disse ele, formal. — Você está aqui a meu dispor. E me trouxe grande prazer. Mas agora preciso concentrar minhas forças na batalha que virá. Não posso ter nenhuma distração.

Ela tentou não revelar a dor que sentia.

— Você está querendo dizer que não passei de uma distração agradável?

Os cavalos e as carroças já estavam chegando, pois todos se preparavam para a luta. Ele queria agarrá-la nos braços e beijá-la, mas não tinha tempo.

Ele pensou nas palavras duras que dissera ao pai. Palavras que não deviam ser lembradas. O momento para palavras dóceis

passara e ele nunca o teria de volta. Desta vez, ele tinha que pensar melhor no que ia dizer.

— Você foi para mim muito mais do que sonhei, *milady*. Mas agora preciso me juntar aos meus para a batalha. Vou ficar mais tranquilo se souber que está em seu Reino Místico. Lá você ficará bem e livre, feliz para sempre, longe deste inferno. É lá o seu lugar, não aqui.

— Você não pode estar falando sério.

Ele endureceu.

— Já chegou a hora de você aceitar que o idílio acabou. Não tenho tempo para feiticeiras, *milady*, mesmo quando são doces e envolventes. Como você mesmo disse, segundo meu pai, meu dever é cuidar da minha gente.

Com uma mesura rápida, ele se foi.

Gwenellen ficou parada enquanto ele ia ao encontro dos homens. Então, cega pelas lágrimas, se virou e subiu as escadas.

— Para onde vai, *milady*? — perguntou Olnore enquanto a ajudava a se vestir.

— O senhor ordenou que eu retornasse para minha terra, no Reino Místico. Mas não tenho intenção nenhuma de ir.

— *Milady*, ninguém pode desafiar a vontade dele.

— O que ele fará? Vai me chicotear?

— Não, *milady*. Mas pode amarrá-la no cavalo e expulsá-la. A senhora o levaria a fazer isto, logo agora que ele está em perigo?

— Não há como desafiá-lo?

— Não. Só alguém da família pode desafiar sua palavra.

— Alguém da família. Você conheceu a mãe de lorde Andrew, Olnore?

— Não, *milady*. Ela morreu antes de eu nascer.

Gwenellen levantou-se e arrumou a saia. Cada minuto que passava apressava sua partida.

— E a segunda esposa do velho senhor?

— Lady Sabrina? O cabelo dela era preto como a asa de um corvo. Seu corpo era perfeito e sedutor. Dizem que ela passava horas com as criadas até ficar satisfeita com os cabelos e as roupas. Ela era desejada por muitos homens, pois tinha grande beleza.

— Era bonita? Que idade tinha?

— Era um pouco mais velha que a senhora, *milady*.

Gwenellen não devia se surpreender, pois vira os vestidos. Mas pensara em alguém da idade do velho senhor.

— Por quanto tempo ficaram casados?

— Não muito, *milady*. Pouco mais do que 15 dias.

— E lorde Andrew tinha ido para Edimburgo há não mais do que este tempo.

A criada assentiu.

— Ele partiu assim que seu pai e lady Sabrina começaram a fazer seus votos na capela. Nem ficou para a festa. E quem podia culpá-lo? — acrescentou Olnore. — A moça estava prometida para ele.

Vendo o choque de Gwenellen, Olnore quis cobrir a boca.

— Perdoe-me, *milady*. Achei que sabia. Todos sabem por aqui.

— Acho que todos sabem o que o senhor faz. — Ela se esforçou para que a voz continuasse sem emoção. — Não foi à toa que o pai e ele se tornaram inimigos. Ele deve ter amado muito lady Sabrina.

— Não mais que... — Olnore se calou e lhe estendeu a capa. — Vai precisar disto em sua viagem, *milady*.

— Obrigada. — Ela abraçou a criada. — Adeus, Olnore.

— Boa viagem. Sinto muito se disse algo que a magoou.

— Disse a verdade, Olnore. E eu agradeço. Vou sentir sua falta.

— Eu também, *milady*.

Gwenellen esperou a porta se fechar para começar a chorar.

— Puxa, vovó. Como pude ser tão boba?

Depois de falar tanto que não seria como as irmãs, acabou fazendo o mesmo que elas. Tinha se envolvido com um mortal, que, ainda por cima, amava outra.

— Não, não perdi a cabeça, nem meu coração — disse ela, enxugando as lágrimas.

Respirou fundo para afastar a vontade de chorar. Nada acontecera. A não ser com seu coração. Mas ele se recuperaria. Em uma ou duas eras.

Ela sabia o que o movia. Além da vingança pela morte do pai, existia algo mais importante.

Compreendia também o motivo de o pai dele querer tanto que seu filho não realizasse sua vingança.

Ambos ainda amavam lady Sabrina.  
Gwenellen fora até ali simplesmente para servir de ponte entre os dois.

# Capítulo Dezessete



O RITMO ERA frenético: os homens estavam reunidos na campina e apresentavam as armas à inspeção do senhor, as mulheres levavam as ovelhas para o interior da abadia e transportavam o que podiam em carrinhos de mão.

A sra. MacLean corria para lá e para cá para acomodar um vilarejo inteiro.

Os bebês choravam. As ovelhas baliavam. Os homens gritavam. E os criados corriam como baratas tontas ajudando a todos.

Gwenellen podia ouvir a confusão quando se dirigiu para a parte antiga da abadia. Quando chegou à biblioteca, encontrou o silêncio.

Que pena aquele lugar não ser frequentado por ninguém por causa de um medo bobo daqueles que se foram. Será que os mortais realmente acreditavam que os espíritos podiam trazer algum mal? Será que não percebiam que as boas almas só queriam o melhor para aqueles que ficavam?

Ela ficou parada, sentindo a paz em volta.

— Sei que não posso ficar aqui — sussurrou ela, respeitosamente. — Mas eu lhes agradeço o santuário que me ofereceram neste lugar. Nunca esquecerei. Especialmente as mulheres que aqui viveram.

Quando se virou para sair, viu aquele livro estranho de novo. Lá estava ele, brilhando.

— Como eu gostaria de revelar seus segredos. Mas infelizmente não posso arriscar um feitiço. Seus segredos permanecerão ocultos até alguém menos atrapalhado aparecer por aqui.

Quando ela ia abrir a porta, escutou um barulho forte. Quando se virou, viu o livro no chão, brilhando como um farol.

Ela se aproximou e viu que as páginas viravam sozinhas. Fascinada, ajoelhou-se e ficou observando até o livro ficar aberto. Sem tocá-lo, começou a ler as palavras mágicas.

Era tudo tão familiar. Algumas, ela usava em seus feitiços. Outras, já ouvira, mas nunca proferira.

Quando terminou, uma estranha névoa prateada surgiu em volta dela. Gwenellen levantou e a nuvem a envolveu por inteiro até ocupar o espaço todo.

Não sentiu medo. Aquela névoa não lhe faria qualquer mal. E, quando respirou, sentiu-se leve como o ar.

Uma rajada de vento surgiu e dispersou a nuvem. Quando olhou, Gwenellen viu que estava voando lá no alto, sobre a abadia. Passou pela campina, onde Andrew e os homens se organizavam.

— Então devo ficar aqui bem no meio da batalha. Que seja assim!  
— Ela pousou as mãos sobre os seios e olhou para céu, pronta para aceitar seu destino.

Em vez de descer para a terra, ela subiu ainda mais. Tão alto que os homens lá embaixo pareciam pequenas aves com suas capas.

A bainha do vestido roçou no topo das árvores enquanto ela flutuava sobre a floresta no limite entre as terras de Ross e Logan. Quando a floresta terminou, viu uma longa fila de homens das Terras Altas, a cavalo, a pé, indo na direção da campina onde Andrew e os outros esperavam.

Na frente, havia um homem e uma mulher montados em belos cavalos.

Gwenellen desceu mais um pouco. Ele era louro, de ombros largos. Estava à vontade sobre o cavalo. Sua atitude não era de guerra, mas de quem caminhava para a glória. Ele conversava animadamente com a mulher. O capuz abaixado revelava seus cabelos negros. Deveria ser a tal lady Sabrina, pois era muito bonita, como Olnore descrevera. Mas ela não parecia nenhuma refém forçada a assistir à destruição de um amante. Ela riu de algo que o guerreiro disse, então se inclinou e colocou a mão no ombro dele. Ele segurou seu rosto e a beijou.

Por um momento, ao fazer a curva da estrada, o casal ficou escondido das vistas dos homens. Gwenellen desceu mais e pôde ouvir o que falavam.

— ...julgamos Andrew mal. Eu estava certa de que seu gênio estourado traria um fim rápido para a fortaleza.

— Talvez seja como eu pensei: sem um exército de guerreiros ao lado dele, Andrew é simplesmente um covarde.

— Não julgue antecipadamente, meu amor. O gênio dele é conhecido. Assim como sua coragem e habilidade no campo de batalha.

— Então talvez seus encantos não sejam tão potentes quanto você imaginava, querida. Você disse que ele viria buscá-la antes que o corpo do pai estivesse frio.

— É verdade. Julguei mal. Não tem importância. No final deste dia, você controlará todas estas terras e este povo, que não terá outra alternativa a não ser aceitá-lo.

— E a minha esposa. — Ele riu. — Então, vamos ver se a rainha vai nos ignorar. Você e eu seremos uma força a ser considerada em Edimburgo.

Gwenellen se sentiu subindo mais alto quando os guerreiros apareceram. Ninguém notou sua presença, pois estavam concentrados em avançar.

Lá de cima, ela via os dois exércitos, o de Logan e o de Andrew. Para cada homem de Andrew, havia dois de Logan. Enquanto os rapazes esperavam seu destino na campina, os outros empunhavam suas espadas afiadas.

Ela tremeu e levantou o rosto para o céu, sentindo-se impotente.

— Qual é a vantagem de ter este dom, se não tenho como usá-lo? O que vou fazer voando?

Como resposta, ela foi jogada tão rápido no campo que ficou deitada no chão até a tontura passar.

Ela abriu os olhos e viu um mar de rostos. Então todos se afastaram e restou apenas Andrew. Furioso.

— Eu lhe dei uma ordem e você ousou desobedecer?

— Queria cumpri-la, milorde. Mas, eu... queria ir até a biblioteca antes de partir. Existem tantas lembranças preciosas ali...

— Voltem às suas posições e fiquem atentos — ordenou ele.

Ele a ajudou a se levantar. O simples toque a fez tremer, mesmo sabendo que ele amava outra.

— Você tentou mais um de seus feitiços para escapar de minhas ordens — disse ele, controlando a raiva.

— Não sabia que era um feitiço. Lembra do livro sobre o qual lhe falei na primeira vez em que fui à biblioteca? Quando eu ia sair, ele caiu no chão e as páginas viraram sozinhas. Quando pararam, li as palavras mágicas em voz alta e, no instante seguinte, estava voando lá no céu.

— E quer que eu acredite que isto não tem nada a ver com minhas ordens para você partir?

— Não queria deixá-lo. Nem quero agora. Mas queria cumpri-las, Andrew. Você precisa acreditar. Existem forças aqui, forças além de nosso controle. As mulheres sagradas, seu pai...

— Ele não pode lutar por mim. Nem você, *milady*. Vamos morrer hoje. Mas morreremos como guerreiros. Não quero que você se junte a nós na carnificina. — Ele apontou a abadia. — Deixe-me agora. Preciso me juntar aos meus homens. E você deve me obedecer e voltar para seu reino!

Ele se virou e começou a andar.

— Andrew, ouvi a conversa deles.

Ele continuou andando, forçando-a a alcançá-lo.

— Seu pai tinha razão. Foi tudo uma armadilha para levá-lo à fortaleza de Logan. O exército dele é duas vezes o seu. Quando ele terminar com você e com os seus, pretende se apossar da terra e forçar seu povo a aclamá-lo como seu senhor para forçar a rainha a reconhecê-lo.

— Acha que não sei disso? Logan sempre teve ciúmes de nossas ligações com a rainha. Esta é a razão de tanta ambição. Ele acha que com mais terras e servos, ganhará a confiança da monarca. No passado, conseguimos rechaçar suas tentativas. Mas desta vez é diferente. Ele matou meu pai. Sequestrou a mulher dele. A honra exige que lutemos. Vá agora, *milady*. Antes que seja tarde.

Ela balançou a cabeça.

— Andrew, lady Sabrina não é refém de Logan.

Apesar de ele continuar de costas, ela notou como ele ficou alerta.

— Eu o ouvi chamá-la de esposa.

Ele se virou, os olhos cheios de fúria.

— Ele a forçou a se casar?

Gwenellen se encolheu toda. Se ela tinha alguma dúvida sobre os sentimentos dele pela mulher do pai, agora havia desaparecido.

— Pelo que pude observar, a decisão foi de comum acordo. — Ela se virou. — Vou deixá-lo agora, Andrew.

Ele segurou o braço dela.

— Você está me dizendo que ela participou de tudo isto de bom grado? — Quando Gwenellen não abriu a boca, ele assentiu. — É como eu suspeitava. Ela era o espião. Ela usou a mim, ao meu pai, pela ambição de Logan.

Gwenellen sentiu lágrimas nos olhos, desta vez de raiva.

— Agora você já sabe por que seu pai queria tanto que você não fosse resgatá-la. Não queria que você soubesse a verdade. Ele sabia que você ainda a amava e quis poupá-lo.

— É isto o que você pensa? Vejo que andou fofocando com as criadas, *milady*. Elas sabem que meu pai e eu brigamos antes do casamento. Mas não sabem o motivo.

— Era óbvio demais.

— Não. Elas acham que sabem. Eu percebi que Sabrina havia me usado para conquistar meu pai. Eu o avisei, mas ele estava tão encantado por ela que se recusou a me ouvir.

Um grito ecoou e chamou sua atenção.

Uma longa fila de guerreiros podia ser vista lá no alto. A quantidade deixou um rastro de medo entre os aldeões.

— Preciso me juntar a eles. Mas antes que vá embora, quero que saiba que com você encontrei a verdadeira felicidade. E serei eternamente grato por isto. Agora vá, menina. E saiba que não temo a morte, agora que conheci seu amor. Saber que você está segura no Reino Místico me fará morrer mais tranquilo.

Ele deu um beijo rápido em sua boca. E partiu, a espada brilhando.

Gwenellen sabia que nunca o amara tanto como naquele momento. Lembraria para sempre daquela imagem de guerreiro forte e corajoso.

# Capítulo Dezoito



— OH, *MILADY*, onde se meteu? — perguntou a sra. MacLean, aflita. — Vasculhamos por todo canto, fui até a antiga biblioteca procurá-la.

— Isto foi muita coragem de sua parte. — A governanta ruborizou.

— Viu algo estranho por lá?

— Não, *milady*, só poeira e escuridão.

— Não viu um livro no chão?

— Não vi nada, *milady*. Agora a senhora deve fazer o que o senhor ordenou e partir de Ross Abbey.

— Claro — concordou Gwenellen. — Só vou até o jardim me despedir do velho senhor.

— Por favor, *milady*...

As palavras da governanta ficaram para trás quando ela viu Gwenellen parando em frente à sepultura e estendendo a mão como se para cumprimentar alguém.

— Oh, milorde, finalmente. Onde tem andado?

Morgan Ross beijou sua face.

— Descansando, querida. Andrew me dá tanto orgulho! É o mais destemido dos guerreiros. Mais corajoso que eu.

— Mas ele vai morrer! E todos os seus homens. Existe algo que possamos fazer para salvá-lo?

— Precisaríamos de poderes extraordinários para derrotar um exército daqueles. Mas se alguém soubesse como fazer os homens de Andrew voarem...

— Voar? Do que adiantaria?

— Você ainda pergunta? Pense bem. Os homens de Logan confiarão nas espadas e verão os oponentes dando saltos sobre suas cabeças e caindo por trás deles para atacar. Seria difícil

derrotar um inimigo destes. Até porque eles ficariam aterrorizados diante de tamanha manifestação de feitiçaria. — Ele deu uma risadinha. — Aposto que muitos dos guerreiros corajosos de Logan vão sair correndo.

— Então acredita que exista uma chance?

— Sim, querida. É claro que a magia vai ter que ser muito boa para fazer todos voarem. — Ele piscou. — Você conhece alguém com este poder e que tenha tanta coragem quanto meu filho?

Gwenellen pensou um pouco antes de assentir.

— Posso ser esta pessoa. Apesar de nunca ter tido muita sorte nestes feitiços.

— Esta é a minha menina — concluiu ele com um largo sorriso.

— Deseje-me sorte, milorde.

— Sorte não tem nada a ver com isto. A única coisa de que precisa é fé em você mesma.

Então o espectro desapareceu.

Ela se virou e começou a correr.

— Sra. MacLean!

— Já passou da hora de cumprir as ordens do senhor, *milady*.

A cabeça de Gwenellen estava cheia de planos.

— Quero que reúna as mulheres no pátio com todos baldes, bacias e tinas que conseguirem carregar.

— Para quê?

— Faça isto! Voltarei logo. Preciso ir buscar uma coisa — disse Gwenellen, correndo para a biblioteca.

— Senhor! — Um dos rapazes chamou Andrew, que estava no meio dos aldeões.

— O que foi?

— Lá! Olhe só!

Andrew se virou e ficou pasmo com o que viu. Gwenellen estava correndo pela campina com as mulheres atrás. O sol brilhava nos objetos que elas traziam nas mãos.

— Mas que diabos! Você ousou me desafiar uma segunda vez, mulher?

— Sim, milorde. Não tive outra alternativa.

— Não teve? — Ele apontou para a massa de homens que se aproximava. — Logo você não terá mais vida. É isto o que quer para

você e para estas mulheres indefesas?

— Elas não são indefesas, Andrew. Nem você. Veja! — Ela mostrou o livro.

Enquanto ele ficava boquiaberto, as páginas começaram a virar até parar de repente.

— Que truque é este?

— É magia, Andrew. Agora reúna seus homens a minha volta.

— Para quê?

Ela sorriu. Uma calma tomou conta dela no momento em que aceitou o desafio do velho senhor.

— Falei com seu pai e ele me ensinou uma maneira de derrotar o inimigo. Agora vou mostrar de que maneira. Juntos podemos vencer!

— VEJA, FERGUS! — Sabrina apontou para as figuras na campina. — Andrew Ross está tão desesperado que até as mulheres se prepararam para a batalha.

Atrás dela, os guerreiros caíram na risada. À medida que se aproximavam e viam as armas, as risadas se tornavam mais intensas.

— Olha só aquilo! Baldes!

— E bacias!

— E ferramentas! — desdenhou um outro.

— Será que esses camponeses acham que vão nos deter com aquilo? — zombou Fergus Logan.

Outra onda de risos tomou conta de todos.

Quando formaram uma parede de escudos e iniciaram a marcha final, o riso desapareceu. Seus semblantes refletiam a seriedade do que estavam prestes a fazer. Apesar de não estarem acostumados a rechaçar velhos e mulheres, cumpriram as ordens de seu senhor. E, no final do dia, o campo estaria coberto de sangue.

ANDREW FICOU à frente de seu exército desajeitado. Estudou a linha que se aproximava. Daquela distância, conseguia ver o sorriso de Fergus Logan e da estonteante mulher montada a seu lado, que vinham à frente do exército.

*Certamente*, pensou Andrew, *perdi o juízo*. Como explicar o fato de expor um vilarejo inteiro a um destino daqueles? Eles mereciam mais que isto. Mas ali estava ele, confiando a segurança deles a uma feiticeira maluca que nunca fazia um feitiço dar certo. Talvez todos acabassem flutuando num lago. Ou caindo numa terrível ribanceira. Mas ele não tinha nada melhor para oferecer. O pior que poderia acontecer seria morrerem no campo de batalha, como temiam. Ainda era melhor que viverem escravizados por um monstro como Fergus Logan.

Tempos difíceis exigiam decisões difíceis.

Gwenellen pôs o livro no chão, antes de ir até ele e segurar sua mão.

— Acredite, Andrew.

— Tentarei. Mas se eu morrer hoje, menina, quero que saiba que eu realmente...

Vendo um sinal ser passado entre Logan e seus homens, ela gritou:

— Chegou a hora, milorde!

Andrew pôs Gwenellen atrás dele e encarou o inimigo.

— Avance, Fergus Logan, e sinta o gosto da minha espada. Ou vai se esconder atrás de seus guerreiros?

— Não preciso me esconder! — Logan estendeu a mão para a mulher sentada no cavalo ao lado.

Sabrina, sorrindo, pousou a mão em seu braço.

— Lady Sabrina e eu estamos aqui para nos divertir.

A um sinal dele, o exército deu um grito de batalha e avançou para cima dos aldeões. Eles permaneceram de pé e em silêncio, aguardando um sinal de seu líder.

Andrew esperou até que os primeiros se aproximassem para dar um longo assobio.

Gwenellen levantou os braços e cantou as palavras do livro. Um som foi ouvido, como se fosse uma rajada de vento. Então Andrew e seus homens foram levantados sobre a cabeça de seus oponentes.

Houve um espanto geral. Quando os homens de Fergus Logan se recuperaram, começaram a gritar de medo.

— Feitiçaria! — gritou um deles.

— Trabalho do demônio! — disse outro, se ajoelhando. Neste exato momento, uma mulher passou por cima dele e atingiu-o com um balde cheio de água.

Os rapazes usaram suas ferramentas como bastões e abateram vários guerreiros antes de ficarem fora de alcance.

Um guerreiro alto tentou agarrar o pé de Olnore quando ela voou por cima dele. Quando ela gritou, um bando de mulheres o acertou com uma chuva de bacias cheias de areia.

Um grupo de guerreiros se juntou e tentou acertar os rapazes que passavam com suas facas para trazê-los para o chão. Um deles, Paine, deu um grito e começou a cair. Antes que o pegassem, foi salvo por Andrew, que o entregou para Lloyd.

— Leve-o para longe daqui e cuide do ferimento — recomendou ele, antes de voltar à batalha.

Logan ficou montado no cavalo, assistindo à cena. O sorriso da conquista abandonara seu rosto.

Seu exército estava em farrapos. Os homens se ajoelhavam de medo. Outros abandonavam as armas e fugiam para a floresta. Até os mais corajosos temiam por suas vidas, pois nunca tinham enfrentado aquele tipo de inimigo e não sabiam como se defender.

Fergus Logan chamou seu guerreiro de confiança.

— Chame todos de volta. — Para Sabrina, ele gritou: — Vamos nos juntar aos que estão fugindo antes que o feitiço nos alcance.

Sabrina mal pegara as rédeas quando Fergus Logan viu a feiticeira de cabelos dourados correndo para ajudar uma criada que caíra no chão.

Percebendo a chance que surgira, ele atirou o cavalo para o galope e avançou, capturando Gwenellen.

— Solte-me! — gritou ela, mordendo e arranhando, mas sem conseguir se desvencilhar.

Numa fração de segundo, ele puxou o punhal da cintura e colocou em seu pescoço.

— Andrew Ross, largue a arma e diga para seus homens fazerem o mesmo ou mato a mulher!

Andrew ficou apavorado quando viu Gwenellen nos braços do inimigo.

Ele jogou a espada no chão.

Um a um, todos largaram as armas, antes de aterrissarem na grama.

Em passos largos, Andrew alcançou Fergus Logan em seu cavalo.

— Solte-a, Logan!

Fergus caiu na gargalhada.

— Sim, claro. Quando eu quiser. Mas primeiro você conhecerá minha justiça, pois esperei muito por este dia.

Com força, ele perfurou o ombro de Andrew com a espada, fazendo-o gritar de dor e cair de joelhos.

O grito de horror de Gwenellen furou o silêncio.

Com os dentes cerrados, Andrew puxou a arma, causando um jorro de sangue. Ele sentia tanta dor que mal conseguia se pôr de pé.

Logan riu de novo. Um riso histérico, imitado por Sabrina, que parecia deliciada com aquilo.

— Agora, antes que eu acabe com você e com esta mulher, você vai se arrepender da primeira vez que ouviu o nome de Fergus Logan.

# Capítulo Dezenove



OS ALDEÕES, tão exultantes minutos antes, agora estavam calados ao ver aquela cena.

Sempre tinham ouvido terríveis histórias sobre aquele monstro e sua crueldade. Não tinham dúvidas de que ele adoraria matar a mulher que lhe causara tanta humilhação. Ainda mais se tal morte afetasse seu inimigo. E para completar a tortura cruel, faria com que o senhor deles se juntasse a Gwenellen na morte.

Andrew titubeou, determinado a resistir em pé. Ele apertou a mão contra o ferimento e o sangue correu pelos dedos e o braço.

Uma ira impotente fez seu sangue ferver.

— Sua guerra não é contra esta mulher.

— Não, mas tenho a impressão de que ela significa algo para você. — Fergus apertou a faca ainda mais contra a garganta de Gwenellen. Ele percebeu a ira em seus olhos. — Não precisa falar nada. Sua expressão diz tudo.

Ele se virou para a mulher arrogante.

— Ele muda de opinião rápido, meu amor. Parece que a razão de ele não ter ido atrás de você foi a paixão por outra.

— Isto foi um feitiço. Olhe para ela. Como um homem pode perder a cabeça por uma criatura deste tipo? Não que eu me importe com seu coração mole. Talvez, depois de acabar com ele, você possa arrancá-lo e dar como comida para os animais da floresta. Mas antes disso quero que ele se ajoelhe diante de mim.

— Como quiser, amor. — Logan virou-se para Andrew com um sorriso feroz no rosto. — Lamento sua escolha. Aquela ali — continuou ele, apontando Sabrina —, não se importava com você, nem com seu pai. Vocês não passavam de peões em nosso jogo. E esta aqui — provocou ele, agarrando os cabelos de Gwenellen e

puxando sua cabeça para trás — vai morrer lentamente diante de seus olhos para que você entenda a fúria de Fergus Logan. Depois que a feiticeira e o seu senhor estiverem mortos, vocês terão a chance de jurar lealdade a mim ou juntarem-se a eles na morte. Agora, ajoelhe!

Ele se manteve ereto, a voz firme fazendo com que todos olhassem para ele.

— Não me ajoelharei diante de um covarde.

— Ousa me chamar de covarde, quando é você que está de pé aí, sem arma, nem exército?

— Só um covarde se vingaria em uma mulher indefesa. Eu não preciso de exército, nem de arma. Se você fosse um verdadeiro guerreiro, ordenaria que seu exército recuasse e lutaria comigo, contando apenas com nossos punhos, até que um de nós caísse.

— Não tenho que provar nada. Sou o vencedor desta batalha. E o vencedor leva tudo.

Andrew se sentia fraquejar e queria incitar o inimigo para uma luta, antes que fosse tarde.

— Não há vencedor aqui, pois você se recusa a lutar. A menos que seja tão covarde que tenha medo de enfrentar um homem ferido e desarmado.

— Não tenho medo. Nem de você, nem de ninguém.

Logan chamou um guerreiro enorme e jogou Gwenellen nos braços dele.

— Segure bem esta mulher. E cuidado para ela não tentar mais nenhuma feitiçaria.

— Vocês, recuem até que eu vença meu inimigo. Quando tudo estiver terminado, matem todos que não jurarem lealdade a mim — gritou Fergus para seus homens. — Veja bem: assim que você morrer, sua mulher vai passar por todos os meus homens para seu prazer. Antes que terminem, ela implorará a morte.

Ele se inclinou e segurou o queixo de Sabrina, dando-lhe um beijo na boca.

— Isto não vai demorar muito, meu amor.

— Um momento. — Sabrina pegou uma fita do cabelo, amarrou no braço dele e abriu um sorriso sedutor. — Lembre-se: antes que

acabe com a vida dele, Andrew Ross tem que se ajoelhar diante de mim.

— Não esquecerei.

Logan desceu da sela e ficou parado algum tempo, estudando o oponente. Olhando para a poça de sangue no chão, ele riu.

— Você poderia se poupar de tanta dor e poupar meu esforço, bastando para isso se ajoelhar antes que seja tarde.

— E perder a oportunidade de esmurrar a sua cara? Pode acreditar: nunca me curvarei perante você.

— Então terei que me satisfazer com seu corpo coberto de sangue diante de mim.

Fergus puxou uma faca da cintura e avançou.

A multidão ficou boquiaberta, e muitos comentaram que não era uma luta justa, pois o trato era só punhos, não armas.

Andrew conseguiu escapar do ataque, por pouco. A lâmina da faca conseguiu cortar seu braço, aumentando sua dor. Ele agarrou o pulso de Logan e o apertou até que ele largasse a faca.

— Agora, Fergus, apesar de meus ferimentos, estamos de igual para igual.

Enraivecido por ter perdido a arma, Logan deu uma joelhada no meio das pernas de Andrew, que com um grito de dor, caiu no chão e tentou recuperar o fôlego.

Pelo canto do olho, viu que Logan estava pronto para chutá-lo. Ele agarrou o pé dele e puxou, levando-o ao chão. Como um gato, Logan se libertou e rolou, escapando das mãos de Andrew.

Quando os dois conseguiram se levantar e se encarar de novo, Logan tinha a faca ensanguentada nas mãos.

Andrew perdia cada vez mais sangue. Sabia que logo fraquejaria.

— Vejo que você é incapaz de lutar com honra. Tem tanto medo de meus punhos que precisa recorrer às armas?

— Honra é para tolos e mortos. Uso o que precisar para derrotá-lo. E assim vai ser. Sabe por quê?

Andrew começou a se mover, traçando um círculo em torno de Fergus, esperando uma oportunidade para dar o bote.

Fergus não o perdia de vista.

— A rainha sempre favoreceu o seu clã, preferindo ignorar minha oferta de aconselhamento. Quero só ver por quanto tempo ainda me

ignoraré quando souber que seu precioso Ross foi fraco demais para defender suas terras e sua gente. Quando souber que sou o senhor de tudo. Aposto que Sabrina e eu seremos extremamente bem recebidos em Edimburgo e seus guerreiros serão substituídos pelos meus. — Ele riu. — Eu me tornarei o poder atrás do trono.

— É este o motivo de tudo? Não só minhas terras, mas também o poder do trono?

— Meu pai me disse que houve uma época em que éramos muito considerados, até que ele se estranhou com James, pai de Mary. Agora ela voltou da França e resolveu nos ignorar. Eu não vou aceitar isto e deixar a francesinha ordinária do rei me humilhar.

— Suas injúrias não me surpreendem. — As palavras de Andrew se arrastavam e a dor era insuportável. — Mas mesmo que passasse uma vida inteira na corte, você nunca seria um nobre, Logan. Não merece o título.

Furioso, Fergus avançou e Andrew se esquivou, antes de ir para trás dele. Prendendo seu pescoço com um braço, com o outro agarrou o braço de Logan e o torceu até a faca cair.

— Você quebrou meu braço. — O rugido de dor de Logan fez os homens se aproximarem e cercarem os dois.

— Você se rende?

— Sim.

Andrew soltou-o.

Quando se viu solto, ele se virou e deu uma cabeçada no peito de Andrew, jogando-o para trás. Quando caiu no chão, o oponente saltou sobre ele e começou a esmurrá-lo até os olhos de Andrew se fecharem.

— Um velho truque que meu pai me ensinou — murmurou ele. — Nunca pensei em me render, seu tolo. Faço simplesmente tudo o que for preciso para vencer, mesmo que seja mentir, enganar ou levar vantagem sobre a fraqueza do inimigo. E sua fraqueza é se preocupar tanto com a honra. — Ele agarrou o pescoço de Andrew e começou apertar. — Você não tem mais forças para lutar. Agora, conhecerá minha vingança.

Gwenellen, segura pelos braços do guerreiro de Logan, se levantou e viu Andrew desfalecer. O rosto dele estava coberto de sangue. Sua resistência tinha sido inacreditável, mas os ferimentos

eram muitos. Apesar da grande força de vontade, seu corpo não aguentara.

— Oh, Andrew, meu amor. Você não pode morrer...

A voz dela envolveu seu coração. O que seria dela, se ele morresse?

Reunindo as poucas forças que possuía, ele agarrou as mãos de Logan e conseguiu arrancá-las de seu pescoço. Com um grunhido, Fergus fechou o punho. Antes que atacasse, Andrew rolou e ouviu o grito de dor do outro quando socou o chão.

Andrew conseguiu se levantar.

Quando Logan levantou e partiu para cima dele, a multidão começou a gritar.

— Isto mesmo, senhor. Não o deixe chegar perto.

— Fique de pé, senhor. Se não ele vai atacar como um cachorro.

— Ele é um covarde. Com medo de enfrentar seus punhos. Veja só, basta mostrar que é forte e ele corre.

Aquelas palavras não chegaram até Andrew. Ele só escutava um zumbido na cabeça. E sentia dor, muita dor. Mas, como um guerreiro, se concentrava no inimigo.

Fergus Logan apareceu à sua frente e ele percebeu o brilho da faca que ele recuperara.

— Fraco demais para me enfrentar sem ajuda, Logan?

Desta vez, Andrew estava pronto. Ele plantou os pés no chão para absorver o golpe. Quando Logan levantou a faca, Andrew agarrou seu pulso e torceu. Os dois caíram e começaram a rolar pela grama.

Enquanto a multidão observava em silêncio, os homens ficaram parados, como se estivessem mortos. Finalmente, Fergus se levantou e foi até Sabrina, que ainda estava montada.

— Vá e pegue-o. Você prometeu que Andrew Ross se ajoelhariam diante de mim ainda hoje.

— Sim, mas... — Suas palavras se perderam.

Todos se espantaram quando o vento levantou a túnica e mostrou a faca enfiada em seu peito.

Ele deu outro passo, caiu de joelhos e seu corpo tombou na frente dela. Quando deu o último suspiro, o sangue espirrou do ferimento e ensopou o chão embaixo dele.

O ar se encheu de gritos de alegria dos aldeões ao verem o inimigo cair, e de espanto dos guerreiros de Logan em busca de um líder para instruí-los.

— Ataquem, seus tolos! — gritou Sabrina.

— Mas não temos um líder, *milady*.

— Sou sua líder agora. Estes camponeses não são nada perto de vocês. Precisamos matá-los. Todos!

O homem que segurava Gwenellen a soltou para pegar a espada da bainha. Ela aproveitou para ir ao encontro de Andrew.

Seu coração quase parou quando segurou o corpo sem vida nos braços.

— Ah, meu amado! Andrew, fale comigo!

Neste instante, ouviu-se o som de centenas de cavalos, e um exército de homens das Terras Altas vestindo as cores do clã Ross surgiu no alto da colina. Com o som das gaitas de fole ao fundo, eles se aproximaram, fazendo com que os homens de Logan fugissem, com Sabrina à frente.

Um guerreiro alto e bonito abraçou fortemente a governanta quando ela contou o que acontecera. Depois se aproximaram.

— *Milady*, sou Drymen MacLean. Minha esposa falou sobre a traição de Logan. Mandeï meus homens atrás da mulher dele e de seus homens.

Quando ela não respondeu, ele se ajoelhou a seu lado.

— *Milady*, a senhora me ouviu?

Ela olhou para ele, lágrimas correndo pelo rosto.

— Perdoe-me, senhor. Que bom que veio. Mas acho que é tarde demais para salvar Andrew. — Ela começou a soluçar. — Ele se foi.

# Capítulo Vinte



— **V**ENHA COMIGO, *milady*.

A sra. MacLean pegou Gwenellen pelos ombros e a ajudou a se levantar enquanto Drymen pegava o corpo do senhor nos braços para retornarem ao castelo. Os aldeões seguiram atrás.

— Vamos colocar o corpo do senhor no salão central — disse a governanta para o marido.

— Não! — interrompeu Gwenellen — Leve-o para a biblioteca.

— Mas *milady*... — O protesto da governanta parou quando viu as lágrimas de Gwenellen.

Ela assentiu, respirou fundo e endireitou os ombros.

— Irei na frente com alguns criados e acenderemos o fogo. Teremos algum trabalho, mas acho que convenceremos todos a esquecerem seus medos para cumprirem seu dever diante do senhor.

Quando Drymen e Gwenellen chegaram à biblioteca, o fogo já estava aceso, e a cadeira, coberta de peles. O homenzarrão colocou seu senhor no ninho forrado e deu um passo para trás.

— Todos querem prestar suas últimas homenagens.

Gwenellen assentiu, grata pela força daquele homem.

Quando saiu, a esposa chegou com uma bacia de água e vários panos.

— Gostaria de limpá-lo, *milady*, antes que o vejam.

— Obrigada, sra. MacLean. Eu mesma faço isto.

— Não será fácil, *milady*.

— Sei disso, mas preciso fazê-lo.

— Compreendo.

A governanta ficou observando Gwenellen pegar o pano, molhá-lo e começar a lavar o sangue. Depois, se virou e começou a dar

ordens.

— Vamos precisar de uma túnica limpa e da capa escocesa para o senhor. Cerveja para os guerreiros. E uma refeição servida no salão central para os aldeões que virão.

Todos saíram para cumprir suas obrigações. Depois, restaram apenas o silêncio e Gwenellen, cumprindo a difícil tarefa de limpar o sangue do corpo do homem que amava.

O homem que amava.

Sentiu as lágrimas encherem seus olhos.

— Oh, Andrew. Nunca pensei em encontrar o amor neste lugar. Sempre considerei seu mundo um lugar de ódio e medo, fome e frio. De caos e batalhas. Ele é tudo isto, mas também é um lugar de bondade e gentileza. Um lugar onde as pessoas se unem para ultrapassar os obstáculos da vida. Um lugar de alegria e amor. Ficaria feliz em ficar aqui para sempre se estivesse comigo. — Ela cobriu o rosto e começou a soluçar. — Mas não suportaria ficar aqui sem você.

— Nem eu sem você, menina.

Diante dos sussurros, as lágrimas aumentaram.

— Pensei que era uma benção ser capaz de falar com aqueles que passaram para o outro lado. Mas agora... acho uma maldição...

— Cega pelas lágrimas, ela molhou o pano na água e começou a esfregar o sangue que manchava o peito dele.

— Isto queima como fogo.

— Viu só? Como posso suportar ouvir sua voz e não ser capaz de abraçá-lo? De amá-lo? Oh, Andrew, o que vou fazer... — Ela parou de repente. — Mas não posso machucá-lo agora. Você está além da dor. — Ela estudou os olhos dele, completamente fechados. As pálpebras tinham se mexido? Ela colocou a mão no peito. Sentira algum movimento ou era sua imaginação?

Colocou o ouvido sobre sua boca. Sentiu um sinal de ar. Ansiosa, ouviu o peito. Aquilo era o coração dele batendo? Sim! Era! Tinha certeza! Muito fraco... mas batendo!

— Oh, Andrew! — Ela o abraçou e o sentiu se encolher de dor.

— Ajude-me, menina.

— Faça qualquer coisa, meu amor.

Desesperada, olhou em volta.

— Pai, você pode chamar a mamãe e a vovó? — Sem ouvir nenhuma resposta, ela chamou: — Morgan Ross. Por favor, acorde as mulheres puras que viveram neste lugar.

No silêncio que se seguiu, ela sussurrou:

— Sei que estão aí, pois posso sentir sua presença. Não sei nada sobre curas. Por favor, mostrem-me o que fazer.

Um halo de luz se formou e a figura de Morgan Ross apareceu.

— Seu filho está vivo!

— Sim, querida. Eu lhe disse que ele era um guerreiro.

— O senhor precisa me mostrar como ajudá-lo.

— Trouxe as melhores curandeiras.

Uma luz começou a brilhar em volta deles, e Gwenellen viu várias mulheres de vestidos compridos tomarem posição em volta da cadeira. Então, viu seu pai de pé, atrás dela, olhando por sobre seu ombro o homem que jazia ali.

— Pai! Sabia que você viria!

— Como poderia não vir, filha? Trouxe alguma ajuda.

Nola e Wilona apareceram com seus vestidos coloridos.

— Oh, mamãe! Vovó! — Gwenellen as abraçou antes de se dirigir às figuras que ali estavam. — Peço sua ajuda, pois Andrew Ross está quase morrendo.

— Você não deve temer a morte, querida — disse uma das mulheres. — Se este homem teve uma vida honrosa, seu tempo na eternidade será de grande paz.

— Vocês não entendem. Não conseguiria suportar perdê-lo tão rápido depois de ter descoberto o que sinto por ele.

A mãe colocou a mão em seu ombro.

— E o que você sente por este mortal?

— Eu o amo mais do que pensei ser possível amar alguém. Faço o que tiver que fazer para salvá-lo.

— Oh, querida! — Wilona puxou a neta e beijou sua testa. — Faremos o que pudermos. E com tanta ajuda, talvez seja possível salvar a vida deste guerreiro.

As duas mulheres se deram as mãos antes de se virarem para Gwenellen.

— Já que é a única que pode ver e falar com os espíritos, você nos dirá quando o círculo estiver completo.

Gwenellen viu quando os espectros se deram as mãos, se juntaram a Morgan Ross e finalmente ao próprio pai de Gwenellen, que segurava a mão da esposa com toda a ternura de uma carícia.

— É o papai, mãe. — Gwenellen se colocou entre Morgan e o pai e deu as mãos para eles. — Agora o círculo está completo.

Nola e Wilona começaram a cantar as palavras mágicas. Logo os outros fizeram coro, levantando suas vozes aos céus, pedindo a cura.

Quando terminaram, Andrew abriu os olhos.

— Você está vivo! — Admirou-se ela.

— Parece que sim. Porém, por uns instantes estive em um lugar de grande luz e paz. Mas ouvi sua voz e soube que não poderia encontrar alegria na eternidade sem você.

Ele se sentou e esperou a tontura passar. Tocou os lugares onde se ferira. Nada de dor, nem marcas. E ele sabia que o que acontecera com ele estava além da compreensão deste mundo.

— Você se machucou, meu amor?

*Meu amor.* As palavras foram como bálsamo para ela.

— Só uns cortes. Pedirei para minha mãe curá-los antes que vá embora deste mundo.

Andrew olhou para as belas mulheres que estavam ali.

— Vocês são a mãe e a avó de Gwenellen?

— Acertou. — As duas sorriram. — Parece que você conquistou o coração de minha filha.

Ele se pôs de pé e segurou a mão de Gwenellen.

— Ou ela conquistou o meu. Mas tenho uma certeza: ela é o sol que trouxe luz para minha escuridão. É a alegria que apagou qualquer pesar e raiva. — Ele se virou para Gwenellen e fez um carinho em seu rosto. — Gostaria de pedir um favor.

— Peça, milorde. Concederei tudo que esteja ao meu alcance — disse ela, o coração disparado.

— Não tenho o direito de pedir que abandone o paraíso de seu lar. Mas se você me deixar, a escuridão e o desespero tomarão conta de mim, pois agora conheço seu calor e sua luz. Minha amada, imploro que fique e seja minha esposa. — Gwenellen enxugou as lágrimas. — Sei o que o futuro pode trazer: perigo,

destruição, morte. Mas lhe dou minha palavra que farei tudo para poupá-la das agruras de meu mundo. E prometo meu amor eterno.

Ela abriu um sorriso radiante.

— É verdade que o Reino Místico é um paraíso. Mas sem você, meu amor, seria como uma prisão dourada. E quanto ao futuro, não me preocupo. Pelo tempo que estivermos juntos, eu me contentarei em saber que tenho o amor do melhor homem que já conheci.

— Você vai ficar?

— Como poderia deixá-lo?

Ele a abraçou e beijou sua testa.

— Vou mandar chamar o padre e nos casaremos na abadia tão logo meus guerreiros retornem.

— Sei que você quer se casar diante de seu povo. Mas gostaria muito de ter minha família, Jeremy e a velha Bessie para testemunhar nossa união.

Wilona tranquilizou a neta.

— Podemos arranjar tudo num piscar de olhos.

— Pode cuidar disso para mim?

— Claro que posso, querida.

A velha levantou os braços e começou a cantar. Andrew e Gwenellen de repente começaram a flutuar lá no alto, passando por florestas e montanhas, campos e vilarejos, até aterrissarem gentilmente no chão.

Quando Andrew olhou em volta, viu um campo parecido com os de sua terra. Em um chalé, viu dois guerreiros vestidos com as capas de seus clãs e duas belas moças que só podiam ser as irmãs de Gwenellen.

Ela correu para abraçá-los antes de apresentá-las a Andrew.

— Esta é minha irmã Allegra. E este é seu marido, Merrick e seu filho, Hamish.

— E esta é Kylia e seu marido, Grant.

Enquanto Andrew os cumprimentava, Gwenellen foi abraçada por Bessie e Jeremy.

A velha cozinheira ficou satisfeita por rever Gwenellen, mas o troll ficou aborrecido ao saber que ela se casaria com um homem das Terras Altas.

— Quer dizer que você vai me deixar aqui? O que vou fazer sem minha melhor amiga? Sem seus sorrisos e seus feitiços atrapalhados que enchiam meus dias de aventuras?

— Andrew e eu viremos sempre visitá-lo, Jeremy. Prometo!

— Promete? E vamos montar em Moonlight e Starlight?

— Isto mesmo.

Ela olhou para os cavalos alados que estavam por perto e viu a cara de espanto de Andrew quando Jeremy e Hamish montaram e voaram acima do topo das árvores, onde encontraram várias fadinhas.

Allegra e Kyla levaram a irmã para um outro chalé, mais distante.

Andrew ficou preocupado e Merrick tranquilizou-o.

— Não tenha medo. É como se fosse um ritual.

— Elas vão querer saber tudo sobre as aventuras da caçula em sua terra enquanto a preparam para o casamento — acrescentou Grant.

— E o que eu faço?

Nola segurou o braço dele.

— Pode passear comigo e conhecer um pouco do Reino Místico enquanto me fala de você e de sua gente. Estou ansiosa para saber tudo sobre o homem que conquistou o coração da minha caçula travessa.

# Epílogo



— **E**STE HOMEM das Terras Altas, Andrew Ross, faz você feliz? — perguntou Allegra.

— Mais feliz do que poderia imaginar — respondeu Gwenellen num suspiro, enquanto Kyliia enfeitava os cachos dourados com flores do campo.

— Puxa, Gwenellen... Você parece tão diferente!

— Eu sei. Crescida.

— Mamãe nos contou que você finalmente descobriu seu dom.

— Posso conversar com aqueles que deixaram este mundo. Eu sempre via e falava com papai aqui em nosso reino, mas achava normal. Mas quando cheguei ao castelo de Andrew, vi e falei com o pai dele e com os que morreram no ataque do inimigo. Fiquei feliz, pois transmiti mensagens para seus entes queridos.

— E você aprendeu a arte de voar — disse Allegra, sorrindo.

— É. E usei em mim e no vilarejo inteiro! Queria que vocês vissem, foi uma cena e tanto!

— E agora vai se casar com um guerreiro. Tem certeza de que quer passar sua vida ao lado de Andrew?

— Não desejo outra coisa. É claro que tem a biblioteca, se eu sentir falta da magia. Está cheia dos espíritos de mulheres puras e de livros repletos de feitiços.

As duas irmãs se entreolharam.

— Que os céus protejam o povo das terras de Andrew! — desejou Allegra.

As três saíram e atravessaram o campo.

Andrew não pôde deixar de admirar a beleza daquela fada loura vestida em um tecido finíssimo.

Todos se juntaram, formando um círculo, e Wilona estendeu os braços sobre sua cabeça.

— Primeiro vocês dois precisam falar sobre o que vai em seus corações.

Andrew pegou a mão de Gwenellen.

— Antes de você aparecer, eu estava farto da mentira e da fraude em que minha vida parecia ter se transformado. Entreguei meu coração a uma mulher egoísta. Uma mulher que me usou para chegar até meu pai, só para cumprir a trama de nosso inimigo. Quando me deparei com todos mortos, achei que a vingança era minha única saída. Mas você apareceu e reaprendi a sorrir. E a confiar. Eu a amo, Gwenellen. E lhe entrego meu coração e minha alma. Se for preciso, dou minha vida para que nada de mal lhe aconteça.

Gwenellen olhou nos olhos dele.

— Antes de conhecê-lo, só me preocupava em me igualar às minhas irmãs. Eu me achava uma inútil. Achei que, quando nos conhecemos, tinha cometido outro erro. Mas aprendi uma lição: o amor pode ser encontrado quando menos se espera. Mesmo em meio à morte e à destruição, o amor pode germinar. Uma semente que se transforma em bela flor. Eu o amo, Andrew Ross, como nunca amei ninguém. Eu lhe entrego meu coração, minha alma e meu amor. Para sempre.

Todos se deram as mãos e Wilona tocou as cabeças inclinadas do casal.

— De agora em diante, vocês não são mais mortal e feiticeira, mas um só, unidos pelo amor. Os elos que os unem não poderão ser quebrados pelo tempo, nem pelo espaço. Nem mesmo a morte poderá separá-los, pois vocês estão ligados para a eternidade. Vão agora, para viver nas Terras Altas! Mas voltem sempre para nos visitar.

Um vento soprou. Gwenellen e Andrew foram alçados pelo ar e subiram, subiram, até que todos pareciam pontinhos no campo.

Flutuaram sobre rios e florestas, e puderam apreciar toda a glória e beleza daquelas terras.

Aterrissaram calmamente na biblioteca de Ross Abbey, onde estavam todos do vilarejo.

Andrew estranhou.

— Como aconteceu isto, Gwenellen? Ficamos muito tempo fora?  
Ela deu de ombros.

— Ficamos dias. Horas. Ou talvez só alguns minutos. Isto não interessa no Reino Místico. Quando partimos, a sra. MacLean foi instruída a preparar o casamento do senhor. Olhe! — apontou Gwenellen para o padre todo paramentado.

Ao percorrermos a nave, ela ouviu cumprimentos dos que partiram. Ouviu-se o som de uma harpa e ela viu as mulheres puras, cantando como anjos. Um coro que só ela ouvia.

Eles pararam diante do padre e ela sentiu uma brisa. Viu que o pai estava a seu lado, e Morgan Ross, ao lado do filho.

— Está feliz, meu amor?

— Sim. E você?

— Meu coração nunca esteve tão leve.

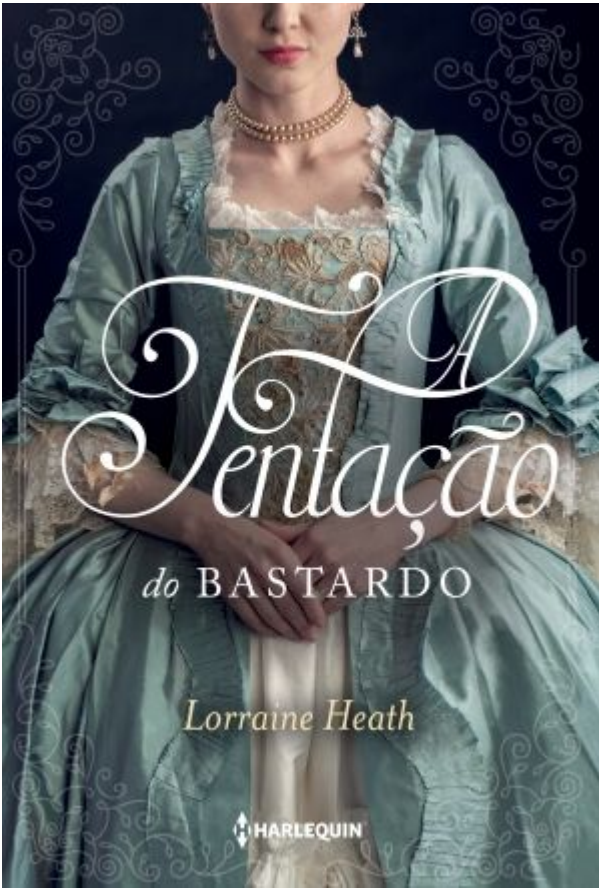
Depois de fazerem os votos, eles se viraram para cumprimentar a todos. Enquanto Andrew cumprimentava Drymen MacLean e a esposa, Gwenellen sorria para centenas de almas que preenchiam o espaço, ansiosas para ver a mulher que podia vê-los e ouvi-los.

Ela sempre achara seu dom inútil. Agora, percebia que era raro e maravilhoso, e que cuidaria dele para toda a vida. Assim como cuidaria do amor daquele nobre guerreiro que conquistara seu coração.

Andrew beijou-a nos lábios.

— Mal posso esperar para ficarmos a sós, amor, para lhe oferecer a acolhida que merece em meu lar.

*Lar.* Ela sorriu para a imagem de Morgan Ross, que estava feliz com o que via. O Reino Místico era um porto seguro, um paraíso, um lugar que sempre visitaria. Mas aquele lugar, aquele homem e seu povo, agora eram seu verdadeiro lar. Agora e para sempre.



# A Tentação

do BASTARDO

Lorraine Heath

HARLEQUIN

# A tentação do bastardo

Heath, Lorraine

9786559700851

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

**O mocinho mais aguardado na Harlequin chega para contar sua história na conclusão da série Irmãos Trewlove!**

**ALTHEA STANWICK** era a dama perfeita, destinada a se casar com o lorde perfeito, até que uma traição deixa sua família sem título, sem dinheiro e sem perspectivas. Mas, apesar de ter perdido sua antiga vida, Althea arquiteta um plano escandaloso: se tornar perita na arte da sedução, para poder controlar os homens que a esnobaram e retornar à sociedade em seus próprios termos. E ela até já tem um professor em mente.

**BENEDICT TREWLOVE**, mais conhecido como

Fera, pode não conhecer sua ascendência, mas sabe seu lugar: na parte mais sombria de Londres, oferecendo proteção a quem precisa. Quando uma beleza misteriosa, deslocada em meio ao vício e ao pecado, chama sua atenção, Fera não sabe se é seu instinto protetor falando ou algo mais complexo. Para descobrir, ele lhe oferece um emprego como tutora de suas protegidas. Ele só não esperava uma contraproposta...

*A tentação do bastardo* é o sexto e último livro da série best-seller de Lorraine Heath, autora premiada de romances de época e uma verdadeira rainha do gênero.

[Compre agora e leia](#)



# O outro lado de tudo isso

Lock, Kim

9786559701223

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

***A casa de Mercy Blain acabou de pegar fogo. E esse nem é o maior de seus problemas.***

A casa de Mercy Blain está pegando fogo, mas ninguém — nem os bombeiros, nem os paramédicos, nem seu não-tecnicamente-ex-marido Eugene — parece entender que este não é o maior de seus problemas. Seu maior problema é que, pela primeira vez em dois anos, Mercy está *do lado de fora*.

Lançada em um mundo que tentava a todo custo ignorar, ela vai para a casa de Eugene, mas logo percebe que ficar lá não é uma opção. Em meio ao pânico, toma a decisão mais impulsiva de sua vida: compra uma van cult vintage (leia-se minúscula,

velha e fedida) e coloca o pé na estrada. Afinal, lar é onde você *está*.

Na companhia de Wasabi, seu salsichinha, e de uma passageira um tanto mórbida, Mercy agora precisa enfrentar surtos inoportunos, uma simpática trupe de nômades na terceira idade, um escocês charmoso e uma rival inescrupulosa para chegar a Darwin, no norte da Austrália, a mais de três mil quilômetros de distância.

Primoroso, doce e sarcástico, este é um romance sobre enfrentar a ansiedade, aprender a perdoar — os outros e si próprio — e a aproveitar a vida, escrito por uma jovem autora talentosa e extraordinária.

[Compre agora e leia](#)



# Fascínio da nobreza

Heath, Lorraine

9786587721859

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

FANCY TREWLOVE sempre esteve determinada a cumprir o desejo de sua mãe de ver a filha casada com um nobre. Afinal, depois de todos os sacrifícios que a família fez por Fancy, era o mínimo que podiam esperar. Seu intelecto e sua formação a tornam a esposa perfeita para qualquer cavalheiro... desde que esteja disposto a ignorar sua origem escandalosa! Mas os planos da jovem são postos em xeque quando um plebeu misterioso começa a visitar sua livraria, e logo depois seus pensamentos, seus sonhos, seus planos para o futuro...

MATTHEW SOMMERSBY, o conde de Rosemont, está viúvo há um ano e vem sendo perseguido por

praticamente todas as damas em idade de se casar. A última coisa que ele quer, porém, é uma nova esposa, ainda mais uma interessada apenas em seu título. Desesperado por um pouco de paz, ele foge de sua vida em meio à sociedade e acaba se tornando vizinho de uma certa livraria, cuja dona começa a lhe atrair mais do que qualquer título no catálogo.

[Compre agora e leia](#)

SARAH MORGAN



# Amor em Manhattan

"Quantas paixões cabem em uma ilha tão pequena?"  
— BOOKLIST



 HARLEQUIN

# Amor em Manhattan

Morgan, Sarah

9788539825929

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Um romance brilhante sobre três amigas que decidem abraçar a vida — e o amor — na cidade mais romântica do mundo.**

Calma, competente e organizada, Paige Walker adora um desafio. Depois de passar a infância em hospitais, ela quer mais do que tudo provar seu valor — e que lugar poderia ser melhor para começar sua grande aventura do que Nova York?

Só que abrir a própria empresa não é nada comparado a esconder sua paixão por Jake Romano, o melhor amigo do seu irmão e o solteiro mais cobiçado de Manhattan. E quando Jake faz uma excelente proposta para a empresa de Paige, a química entre eles acaba se tornando incontrolável.

Será que é possível convencer o homem que não confia em ninguém a apostar em um *felizes para sempre*?

O primeiro livro da série *Para Nova York, com amor* traz um enredo empolgante e divertido, com personagens superando situações inusitadas em busca do seu final feliz.

"Quantas paixões cabem em uma ilha tão pequena?"  
— B ooklist

[Compre agora e leia](#)



# A Livraria dos Achados e Perdidos

Wiggs, Susan

9786587721125

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após uma tragédia, Natalie Harper herda a charmosa, mas praticamente falida, livraria de sua mãe, localizada num prédio histórico no centro de São Francisco, na Califórnia, e a responsabilidade de cuidar do seu avô Andrew, cada vez mais debilitado. Com a recusa de Andrew em vender a loja, Natalie deixa sua antiga vida — segura, confortável e previsível — para trás e volta para São Francisco determinada a recuperar a livraria que um dia foi seu lugar favorito no mundo. Porém, sua vida se parece mais com um livro de horror do que com um conto de fadas. O prédio está caindo aos

pedaços, as dívidas se acumulam rapidamente, a saúde do avô entra em declínio e ela não consegue ver uma luz no fim do túnel. Natalie precisa de um sinal, ou pelo menos de um livro que a ajude a resolver seus problemas, mas em vez disso recebe Peach Gallagher, contratado por sua mãe para fazer reparos no prédio. À medida que Peach começa seu trabalho, Natalie se vê envolvida numa jornada de novas conexões, descobertas e revelações, de artefatos antigos escondidos nas paredes da livraria até verdades inexploradas sobre sua família, seu futuro e seu coração.

[Compre agora e leia](#)